



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# FESTA NO GUETO?

*Memórias e discursos em torno do "Mercado GLS"  
em Recife/PE.*

LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA  
ORIENTADOR: BENEDITO MEDRADO



Programa  
de Pós-Graduação  
em Psicologia-UFPE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO**

**LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA**

**FESTA NO GUETO?**

**Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife/PE.**

**LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA**

**FESTA NO GUETO?**

**Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife/PE.**

Dissertação apresentada pelo Mestrando Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Benedito Medrado

**RECIFE/PE**

**2016**

Catálogo na fonte

Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB-4 1689

S729f Souza, Luiz Henrique Braúna Lopes de.  
Festa no gueto? Memórias e discursos em torno do “mercado GLS” em Recife/PE / Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza. – 2016.  
135 f. : il. ; 30 cm.  
Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2016.  
Inclui referências apêndices e anexos.  
1. Psicologia. 2. Cidadania. 3. Minorias sexuais. 4. Homossexuais. 5. Movimento de Libertação Gay. I. Medrado, Benedito (Orientador). II. Título.  
150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-83)

**LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA**

**FESTA NO GUETO? MEMÓRIAS E DISCURSOS EM TORNO DO  
“MERCADO GLS” EM RECIFE/PE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 25/02/2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas  
(Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Lira dos Santos Aléssio  
(Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isadora Lins França  
(Examinador Externo)  
Universidade Estadual de Campinas

*Dedicatória*

*Às lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e  
todas aquelas que transitam entre as diversas  
orientações sexuais e identidades de gênero  
e circulam pelos diferentes cantos da cidade.*

## *Agradecimentos*

À uma força maior, interior e exterior, que constantemente dialoga comigo, guiando meus passos, me motiva a sempre querer mais e me fortifica cotidianamente.

À minha mãe-avó *Naídia Lopes*, por ter sempre me guardado em seus braços, me amando e cuidando a sua forma; e à minha mãe *Joselita Braúna*, por ser meu exemplo de dedicação e força em viver a vida.

Aos meus irmãos, *Amanda Lopes*, por tanto amor, aperseio e companheirismo; e *Lukas Braúna*, por ser tão irritante em sua forma de demonstrar carinho.

À toda minha grande família, presentes em todas as etapas da minha vida, em especial: minhas tias *Joelma Braúna*, *Antônia Lopes*, *Verônica Lopes* e *Célia Lopes*, mulheres guerreiras; e as primas queridas, *Ana Luísa Marques*, *Carla Braúna* e *Carlos Araújo Filho*.

Aos amigos de muitos abraços e sorrisos, viagens e comemorações, *Silvio Costa Jr*, *Alanni Vanessa*, *Thais Costa*, *Luciana Melo*, *Alisson Vera Cruz*, *Rebeca Torres*, *Thais Pereira*, *Rebeca Santana*.

À *Rauana Hipólito*, *Nathalia Paiva*, *Jonatan Willian*, *Dayane Alves* e *Alice Medeiros* pelo imenso afeto, companheirismo, cuidado, carinho e, sobretudo, amizade.

Às amigas que lacram na transgressão, destroem conceitos, quebram paradigmas e caminham juntas na luta, *Eduarda Macêdo*, *Lays Albuquerque*, *Liêdo Nepomuceno*, *Henrique Costa*, *William Dupont*, *Crismanda Ferreira*, *Beatriz Monteiro*, *Daniel Almeida*, *Agsa Gaige*, *Larissa Cannel* e *Fernanda Victor*.

Aos amores que a vida universitária me presenteou, *Laura de Arruda*, *Maysa Sena*, *Carol Rodrigues* e *Nathália Moura*.

Ao *Prof. Benedito Medrado*, pelas prazerosas orientações pessoais, acadêmicas e políticas e nossa relação de afeto e cuidado. Muito grato às inúmeras oportunidades que o GEMA me proporciona.

À minha turma do Mestrado em Psicologia da UFPE por tantos conhecimentos compartilhados, em especial à *Juliana Gama* e *Ana Paula Pimentel* pelos papos diversos.

Ao Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades – GEMA/UFPE por ter me acolhido com tanto afeto e oportunizado muitos aprendizados. Em destaque, o *Profº. Jorge Lyra* e o grupo Diversidade: *Celestino Galvão*, *Fernanda Ximenes*, *Ana Catariana Moreira*,

*Andressa Carvalho, Michael Machado, Josimar Cohen, Lis Daniele, Bruno Carvalho, Diego Paz, Carolina Barros e Tiago Corrêa.*

Às minhas “mucurinhas” lindas e de grande apreço, *Aida Carneiro e Priscila Anjos.*

Às queridas do GEMA que compõem os demais grupos: *Túlio Lopes, Telma Low, Danielly Spósito, Rodrigo Lira, Patrícia Caetano, Anna de Cássia, Talita Rodrigues, Juliana Keila e Nathalia Tavares.*

Às amadas, *Marianna Almeida, Thaíssa Machado e Ana Luísa Cataldo*, pelos abraços, risadas e momentos de aconchego com sabor de cerveja.

Às professoras *Isadora Lins França, Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro e Renata Lira dos Santos Aléssio*, por compartilhar seus conhecimentos e contribuir bastante com esse estudo.

E, por fim, à *FACEPE* por financiar e possibilitar o desenvolvimento dessa pesquisa.

Pra viver, pra voar,  
Permitir, desaguar,  
O querer, o sonhar  
E o coração ficar feliz!  
(Lugar de Alegria – Saulo Fernandes)



## *Lista de ilustrações, tabelas e quadros*

Figura 01: Mapa dos Bares e Boates GLS no entorno da Av. Conde da Boa Vista.....	55
Figura 02: Linha do tempo: ano de fundação dos espaços.....	77
Figura 03: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Motivação.....	89
Figura 04: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Público.....	94
Figura 05: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Práticas Sexuais.....	99
Figura 06: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Resistências.....	101
Figura 07: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Positivos e Negativos.....	111
Figura 08: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Parada da Diversidade.....	121
Tabela 01: Fontes pesquisadas na revisão de literatura.....	26
Tabela 02: Resultados da Revisão de Literatura das produções na UFPE e UFRPE.....	27
Tabela 03: Perfil dos espaços e das interlocutoras privilegiadas.....	68
Quadro 01: Descritores utilizados na revisão de literatura.....	26
Quadro 02: Eixo analítico – Lazer e Sociabilidade.....	71
Quadro 03: Eixo analítico – Mercado.....	72
Quadro 04: Eixo analítico – Agenciamentos Políticos.....	72

## *Lista de abreviaturas e siglas*

ABRATGLS - Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes  
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida  
ALEPE - Assembleia Legislativa de Pernambuco  
AMOTRANS - Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco  
APEJE - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano  
BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações  
ENUDSG - Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual e de Gênero  
FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco  
FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco  
GEMA - Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades  
GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizantes  
GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais  
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana  
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais  
MKB - Boate Meu Kaso Bar  
MPB - Música Popular Brasileira  
ONG - Organização Não-Governamental  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

## *Sumário*

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>MÚSICA</b>	
<b>1. AS MÚSICAS E SEUS EFEITOS: Ao som do referencial teórico-conceitual</b> .....	<b>20</b>
<b>1.1. Instrumentais epistemológicos: sobre linguagem, crítica feminista, construcionismo e o estudo das práticas discursivas</b> .....	<b>20</b>
<b>1.2. Notas musicais: Mercado GLS nas produções científicas</b> .....	<b>25</b>
<b>1.3. Constituição dos espaços de sociabilidade GLS no Brasil: ouvindo os sons</b> .....	<b>31</b>
<b>1.3.1. Gênero e sexualidade em altos tons</b> .....	<b>32</b>
<b>1.3.2. Movimento LGBT Brasileiro e as estratégias de visibilidade positiva</b> .....	<b>36</b>
<b>1.3.3. Espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS</b> .....	<b>38</b>
<b>DANÇA</b>	
<b>2. DANÇA METODOLÓGICA ENTRE RITMOS E COMPASSOS: Para além do passo a passo</b> .....	<b>44</b>
<b>2.1. Trocando passos: do objeto qualificado ao problema de pesquisa estudado</b> .....	<b>45</b>
<b>2.2. Dança: Afinidades com o Campo-Tema</b> .....	<b>46</b>
<b>2.3. Sintonia entre ritmos e passos: Desenvolvimento da pesquisa</b> .....	<b>47</b>
<b>2.3.1. Guia Gay Recife</b> .....	<b>51</b>
<b>2.3.2. Centro do Recife, Avenida Conde da Boa Vista ou Boa Bicha?</b> .....	<b>52</b>
<b>2.3.3. Espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS em Recife</b> .....	<b>54</b>
<b>2.3.4. As/os Interlocutoras/es parceiras/os dessa dança</b> .....	<b>61</b>
<b>2.3.5. O baile das entrevistas e outras técnicas</b> .....	<b>61</b>
<b>2.4. Metodologia de Análise: Como vai ser a festa?</b> .....	<b>69</b>
<b>FESTA</b>	
<b>3. E VAI ROLAR A FESTA! A “divertida” produção das narrativas e discussões</b> .....	<b>75</b>
<b>3.1. Histórias e cores das noites recifense</b> .....	<b>76</b>
<b>3.1.1. Boate MKB</b> .....	<b>78</b>
<b>3.1.2. Clube Metrópole</b> .....	<b>80</b>
<b>3.1.3. Nosso Jeito Music</b> .....	<b>81</b>
<b>3.1.4. Castelo Marron</b> .....	<b>82</b>

3.1.5. Confraria Ursos de Pernambuco.....	83
3.1.6. Conchittas Bar.....	84
3.1.7. Mix Pub.....	84
3.2. Discussões em festa: reflexões sobre o mercado GLS e a sociabilidade LGBT.....	86
3.2.1. Lazer e Sociabilidade.....	86
3.2.1.1. Motivação.....	87
3.2.1.2. Público.....	90
3.2.1.3. Práticas Sexuais.....	95
3.2.2. Mercado.....	99
3.2.2.1. Resistências.....	99
3.2.2.2. Localização.....	102
3.2.2.3. Concorrência.....	104
3.2.2.4. Aspectos Positivos e Negativos.....	107
3.2.2.5. Legislação.....	111
3.2.3. Agenciamentos Políticos.....	114
3.2.3.1. Movimento LGBT.....	115
3.2.3.2. Parada da Diversidade.....	117
<b>RESSACA</b>	
4. RESSACA! Momentos reflexivos à guisa de (in)conclusões.....	122
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO</b>	
ANEXO I – Guia Gay Recife.....	132
<b>APÊNDICES</b>	
APÊNDICE I – Roteiro de Entrevistas.....	134
APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	135

## FESTA NO GUETO?

Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife/PE.

---

LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA

### *Resumo*

O presente trabalho tem o *objetivo geral* de analisar os sentidos produzidos acerca dos acordos e tensões entre o mercado e sociabilidade voltados a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), tendo como referência as trajetórias de conformação recente dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade, que se definem como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), localizados no centro da cidade do Recife/Pernambuco. Para tanto, buscamos, a partir de diálogos com interlocutoras privilegiadas: 1) construir as narrativas das histórias de conformação dos atuais espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS do Recife; 2) problematizar os acordos e tensões entre mercado, sociabilidade e agenciamentos políticos voltadas à população LGBT. Esta pesquisa partiu de uma abordagem psicossocial, na interface com estudos em gênero e sexualidade, à luz da perspectiva crítica feminista. Definimos como estratégia teórico-metodológica para produção de informações, a entrevista semiestruturada, compreendendo-a como práticas discursivas, em consonância com a perspectiva construcionista de produção do conhecimento. Portanto, realizamos as entrevistas com as interlocutoras privilegiadas dos espaços de sociabilidade estudados, definidas a partir dos critérios de tempo, convívio e responsabilidade em relação a esses lugares. Como resultados, construímos as narrativas de como surgiram os espaços de consumo, lazer e sociabilidade destinados à população LGBT que atualmente compõem o circuito GLS da cidade do Recife (*Boate MKB, Clube Metrópole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar e Mix Pub*). Em nossas análises, também abordamos os acordos e tensões entre mercado e sociabilidade, a partir de três eixos temáticos e seus respectivos tópicos analíticos, com a finalidade de compreender os sentidos coproduzidos sobre essas temáticas: *Lazer e Sociabilidade* (Motivação, Público e Práticas Sexuais), *Mercado* (Resistências, Localização, Concorrência, Aspectos Positivos e Negativos, e Legislação) e *Agenciamentos políticos* (Movimento LGBT e Parada da Diversidade).

**Palavras-chave:** Sexualidade; Sociabilidade; Mercado; Circuito GLS; População LGBT.

## **PARTY IN THE GAY GHETTO?**

**Memories and speeches around the GLS market in Recife/PE.**

LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA

---

### *Abstract*

The general objective of this study is to analyze the meanings produced about the agreements and disagreements between the market and sociability focused on at lesbians, gays, bisexuals and transgenders (LGBT), taking as reference the recent forming trajectories of consumption, leisure and sociability spaces, wich are defined by the term GLS (gays, lesbian and sympathizers), located in Recife's downtown, Pernambuco. To this end, we seek to, in a dialogue with privileged interlocutors: 1) build the narrative of forming trajectories of current of consumption, leisure and sociability spaces of the GLS market; 2) discuss the agreements and disagreements between market, sociability and political agencies focused on LGBT people. This research is based on a psychosocial approach in dialogue with gender and sexuality studies in the light of critical feminist perspective. The semi-structured intervier was defined as the theoretical and methodological strategy for the production of information, understanding it as a discursive practice, in line with the constructionist perspective of knowledge production. Therefore, we conducted interviews with privileged interlocutors from sociability spaces where the study take place, chosen by the criterion of time, familiarity and responsibility concerning these places. As a result, we construct narratives about how arose the consumption, leisure and sociability spaces for the LGBT people that currently make up the GLS market of Recife (*Boate MKB, Clube Metr pole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar and Mix Pub*). In our analysis, in order to understand the co-produced meanings about these issues, we discuss the agreements and disagreements between market and sociability based on three main themes and their analytical topics: *Leisure and Sociability* (Motivation, Public and Sexual Practices), *Market* (Resistences, Location, Competition, Positives and negatives aspects, and law) and *Political Agencies* (LGBT Movement, Diversity Pride Parade).

**Keywords:** Sexuality; Sociability; Market; GLS market; LGBT people.

## FIESTA EN EL GUETO?

Memorias y discursos en relación al “Mercado GLS” en Recife/PE.

LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA

---

### *Resumen*

Este estudio tiene como objetivo general analizar los significados producidos en los acuerdos y las tensiones entre el mercado y la sociabilidad destinados a lesbianas, gays, bisexuales y transexuales (LGBT), teniendo como referencia las recientes trayectorias de formación de los espacios de consumo, ocio y sociabilidad que se definen con la sigla GLS (Gays, Lesbianas y Simpatizantes), situados en el centro de la ciudad de Recife/Pernambuco. Para eso, buscamos, desde el diálogo con los interlocutores privilegiados: 1) construir narrativas de las historias de conformación de los actuales espacios de consumo, ocio y sociabilidad GLS en Recife; 2) problematizar los acuerdos y las tensiones entre el mercado, la sociabilidad y los acuerdos políticos dirigidos a la población LGBT. Esta investigación está dirigida a partir de un enfoque psicosocial, en interfaz con los estudios sobre el género y la sexualidad, a la luz de la perspectiva crítica feminista. Definimos como estrategia teórica y metodológica para la producción de información, la entrevista semi-estructurada por comprenderla como prácticas discursivas, de acuerdo con la perspectiva construccionista de producción de conocimiento. Por lo tanto, llevamos a cabo las entrevistas con los interlocutores privilegiados de los espacios de sociabilidad estudiados, definidos a partir de los criterios de tiempo, convivencia y responsabilidad de estos en relación a esos lugares. Como resultado, hemos construido las historias de cómo surgieron los espacios de consumo, ocio y sociabilidad para la población LGBT que actualmente componen el circuito de GLS de Recife (*Boate MKB, Clube Metrópole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar e Mix Pub*). En nuestro análisis, también se discuten los acuerdos y tensiones entre el mercado y la sociabilidad, a partir de tres ejes temáticos y sus respectivos temas analíticos, con el fin de comprender los significados coproducidos sobre estos: *Ocio y Sociabilidad* (Motivación, Público y las Prácticas Sexuales); *Mercado* (Resistencias, Ubicación, Competencia, Puntos Positivos y Negativos, y Legislación) y *Acuerdos políticos* (Movimiento LGBT e Marcha por la Diversidad).

**Palabras clave:** Sexualidad. Socialidad. Mercado. Circuito GLS. Población LGBT.

## *Introdução*

*Festa no gueto  
Pode vir, pode chegar  
Misturando o mundo inteiro  
Vamos ver no que é que dá[...]*

*Tem gente de toda cor  
Tem raça de toda fê  
Guitarras de rock'n roll  
Batuque de candomblé  
Vai lá pra ver [...]*

*Que vai rolar a festa  
Vai rolar!  
O povo do gueto  
Mandou avisar.*

*(Música FESTA – Ivete Sangalo)*

Inspirados na música “FESTA” de uma artista popular brasileira -, o título dessa dissertação - “FESTA NO GUETO? Memórias e discursos em torno do ‘Mercado GLS’ em Recife/PE” - traz à tona um conceito importante na arena dos estudos sobre os espaços de sociabilidade GLS. O termo “gueto”, compreendido como lugares destinados exclusivamente à vivência de sujeitos com práticas homossexuais - em grande maioria homens -, é bastante utilizada no início da criação desses lugares, principalmente nos primeiros estudos sobre essa temática. Portanto, está aplicado no título a fim de problematizar o seu uso, nos estudos e reflexões sobre esses espaços na conjuntura atual brasileira, no que diz respeito a serem ou não ainda reconhecidos como “guetos”. Nesse sentido, fizemos uso da interrogação, para que possamos ver, através do nosso estudo, no que é que dá.

Salientamos que fizemos pouco ou quase nenhum uso desse termo (gueto) em nossas páginas, por entendermos, a partir das reflexões de Isadora Lins França (2006), que ele pouco se adequa as especificidades da realidade brasileira e por acreditarmos que o processo, a que este se refere, tem mais a ver com a circulação de sujeitos por lugares específicos em que as atividades exercidas estão relacionadas à orientação e às práticas homossexuais (masculinas). Atualmente, ele vem perdendo espaço para a expressão “mercado GLS” que não deixa de comportar o circuito de casas noturnas, mas também, um mercado amplo e sólido, dotado de investimentos comerciais, nos mais diversos ramos de entretenimento destinados à população LGBT.

Dito isto, me empenho agora em apresentar um breve relato da minha trajetória acadêmica, política e profissional. Os passos desajeitados e as muitas tentativas de encontrar um ritmo musical que correspondesse às expectativas políticas e profissionais, ilustram, metaforicamente, minha trajetória acadêmica, marcada pelo desejo em debruçar-se sobre os estudos em gênero e sexualidade. Refletir sobre esse percurso é muito mais do que traçar um panorama histórico de atuação acadêmica, configura-se como um exercício em busca de compreender o envolvimento de



motivações pessoais e éticas, em dedicar-se a discutir uma temática tão cara e necessária à conjuntura social em que vivemos, e reafirmar minha postura política pautada na defesa dos direitos humanos e no desejo de viver em uma sociedade que respeite e valorize a diversidade sexual. Ou seja, uma tarefa que, certamente, não será plenamente satisfeita neste exercício de síntese, mas apontará algumas linhas que sustentam essa trajetória de experiências e escolhas.

Do ponto de vista da formação acadêmica, as questões que embasaram a presente dissertação são parte integrante das discussões e do aprofundamento teórico que venho aprimorando desde os estudos realizados para a monografia de conclusão da graduação que me conferiu o título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco<sup>1</sup> no primeiro semestre de 2013. A aproximação com essa temática tem sua origem no meu ingresso em uma universidade pública e, assim, a oportunidade de militar, junto ao movimento estudantil da categoria profissional e ao movimento estudantil em geral; participando e promovendo espaços de discussão e formação, política e profissional, para e com as/os estudantes, que, assim como eu, sentiam a necessidade e compreendiam as atividades realizadas para além das salas de aula como espaços importantíssimos para a promoção de debates sobre temáticas que, muitas vezes, não são contemplados na grade curricular dos cursos universitários. Essas inquietações impulsionaram o meu desejo pela temática de gênero e sexualidade.

Ainda nesse período, em meio a conversas e discussões sobre essa temática, tive a oportunidade de me aproximar do Movimento Universitário de Diversidade Sexual, através da participação em alguns ENUDSG - Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual e de Gênero, que incentivou o meu ingresso no Coletivo Além do Arco-Íris, grupo de resistência e luta em defesa dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT).

Outro marco, no que diz respeito às minhas motivações pessoais, políticas e profissionais, foi a inserção, no início de 2013, no Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades, o GEMA, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, fato que consolidou a aproximação com as teorias feministas e os estudos em gênero e sexualidade.

E assim, a cada oportunidade, envolvia-me mais nessa dança, destacando a participação em diferentes espaços de formação, como eventos, seminários e congressos dessa área de conhecimento. Em 2014, quando me atrevi a ingressar no Mestrado em Psicologia, desfrutei da oportunidade de dar continuidade ao processo de aprendizagem nessa área, no desenvolver da presente pesquisa, assim como, nas atividades da equipe de Diversidade Sexual do GEMA/UFPE, no envolvimento com os projetos de pesquisa do Núcleo e na intensificação das ações de trajetória

---

<sup>1</sup> Ver (BRAÚNA, 2013).

ativista, por meio das aproximações com o Fórum LGBT de Pernambuco e a participação nas manifestações públicas, como a Parada da Diversidade, a Marcha das Vadias e outros espaços.

Essas aproximações com diferentes espaços políticos, no campo dos direitos sexuais, foram ampliando meu desejo em estudar os espaços de consumo, lazer e sociabilidade que, ao meu entender produzem transformações significativas no cotidiano, mas que, em geral, são vistos *apenas* como espaços de distração e/ou alienação, sem efeitos políticos mais profundos.

Sendo assim, direcionei meus interesses e questionamentos científicos aos estudos em gênero e sexualidade, à luz de uma perspectiva feminista, mais precisamente, no campo das pesquisas sobre o mercado GLS, especificamente nos espaços de consumo, lazer e sociabilidade destinados à população LGBT, a partir de uma leitura psicossocial.

Neste sentido, o *objetivo geral* a que esse estudo se propõe é analisar os sentidos produzidos acerca dos acordos e tensões entre o mercado e sociabilidade voltados a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), tendo como referência as trajetórias de conformação dos recentes espaços de consumo, lazer e sociabilidade que se definem como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), localizados no centro da cidade do Recife/Pernambuco.

Com isso, pretendemos produzir memória sobre a constituição do circuito GLS do Recife, assim como, problematizar questões e produzir deslocamentos que nos permitam repensar temáticas relativas às conexões entre o mercado GLS e a sociabilidade promovida à população LGBT.

Vale ressaltar que, ao longo do texto, utilizaremos sempre a expressão “População LGBT” para se referir às pessoas que costumam frequentar os espaços de lazer e sociabilidade pesquisados. Porém, será utilizada a sigla GLS sempre que se referir à nomeação assumida pelo campo-tema pesquisado, referindo-se ao “público” ou “circuito”. Em outras palavras, utilizaremos, em toda a dissertação, os termos êmicos e/ou documentados nos materiais encontrados.

Dessa forma, fazemos uso da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) em alusão ao mercado, por entendermos, a partir das entrevistadas, que este não está apenas voltado para o consumo das pessoas de identidades sexuais não-heterossexuais, ele também agrega todas aquelas pessoas que tenham interesse e o queiram consumir. Assim como, usaremos a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) para visibilizar as diferentes identidades sexuais e de gênero e referenciar essa população que circula por esses espaços e consomem as oportunidades de lazer e sociabilidade ofertado.

Importante informar ainda que este estudo integra a linha de pesquisa “Processos psicossociais, poder e práticas coletivas” do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE, compõe um projeto de pesquisa mais amplo, vinculado ao Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Sexualidade – GEMA, coordenado pelo Prof. Dr. Benedito Medrado (orientador dessa

dissertação), intitulado “Produção de sujeitos e regimes de verdade no movimento LGBT: memória, política e estética em Recife, Belém e Barcelona”, e é financiada pela FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

- Da organização dos capítulos

*Música, Dança, Festa e Ressaca* foram as nomeações encontradas para referirmos as quatro partes que compõem esta dissertação. Na primeira parte, abordamos<sup>2</sup> os diferentes sons emitidos pelo referencial teórico-conceitual, que estão sintonizados para no localizar na arena da produção de conhecimento. Na segunda parte, descrevemos os ritmos e compassos percorridos metodologicamente. Na terceira, realizamos a análise das informações coproduzidas no desenvolvimento da pesquisa. E, por fim, escrevemos alguns apontamentos e reflexões (in)conclusivas acerca do estudo desenvolvido nesta dissertação.

Dito isto, apresentaremos, de forma mais detalhas, os conteúdos organizados nessas partes, com a intenção de proporcionar uma melhor compreensão das trajetórias, análises e discussões presentes nessa pesquisa:

Iniciamos o primeiro capítulo, intitulado “AS MÚSICAS E SEUS EFEITOS: Ao som do referencial teórico-conceitual”, com uma discussão epistemológica sobre linguagem (IBAÑEZ, 2004), crítica feminista (HARAWAY, 1995), construcionismo social (NOGUEIRA, 2001; MÉLLO, 2007) e o estudo das práticas discursivas (SPINK, 2010; MEDRADO; SPINK, 1999). Em seguida, realizamos uma revisão de literatura, com a intenção de localizar as produções, acadêmicas e científicas, que abordaram os espaços de consumo, lazer e sociabilidade, principalmente os bares e boates, destinados à população LGBT, desenvolvidas na cidade do Recife, especificamente. E, para finalizar o capítulo, abordamos aspectos breves da constituição do Movimento LGBT no Brasil (SIMÕES; FACCHINI, 2009; FACCHINI, 2011), visibilizando o jogo de construção das identidades políticas em defesa da diversidade sexual e de gênero, conjuntamente a algumas reflexões importantes no campo dos estudos de gênero e sexualidade (FOUCAULT, 1988; RUBIN, 1993; BUTLER, 2012; entre outros), até então, estabelecer as conexões teórico-conceituais que contribuíram para a compreensão da relevância em realizar estudos sobre esses espaços (FRANÇA, 2006; 2012).

No capítulo intitulado “DANÇA METODOLÓGICA ENTRE RITMOS E COMPASSOS: Para além do passo a passo” versamos sobre os delineamentos desse estudo pós-banca de

---

<sup>2</sup> Importante salientar que, em alguns momentos do texto, escolhemos utilizar a primeira pessoa do plural (nós) como estratégia discursiva que nos permite demarcar a produção coletiva em partes consideráveis do processo de desenvolvimento dessa pesquisa e das reflexões que a compõe. Porém, em alguns trechos, utilizaremos a primeira pessoa do singular (eu), para localizar o pesquisador e evidenciar as situações particulares que constituíram sua trajetória na pesquisa.

qualificação (do objeto qualificado ao problema de pesquisa estudado); em seguida, os passos para o desenvolvimento da pesquisa de campo (o encontro com o Guia Gay Recife, a definição do lócus da pesquisa – o centro da cidade do Recife, os espaços de consumo, lazer e sociabilidade do circuito GLS da cidade e as interlocutoras privilegiadas parceiras dessa dança), que compreenderam a metodologia adotada, as estratégias no campo-tema (SPINK, 2003), o conhecimento coproduzido e o desenho da técnica qualitativa de análise (o baile das entrevistas e as outras técnicas).

No terceiro capítulo, intitulado “E VAI ROLAR A FESTA! A “divertida” produção das narrativas e discussões” definimos duas linhas analíticas, cada uma desenvolvida de forma particular, de maneira que correspondam aos resultados e discussões esperados por nossos *objetivos específicos*: a primeira linha denomina-se construção narrativa das histórias de conformação dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS; e a segunda: acordos e tensões entre mercado e sociabilidade voltadas à população LGBT.

Na primeira linha construímos a história de como surgiram os espaços de consumo, lazer e sociabilidade destinados à população LGBT que atualmente compõem o circuito GLS da cidade do Recife (*Boate MKB, Clube Metrópole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar e Mix Pub*), por meio das narrativas de nossas interlocutoras privilegiadas. Nela, visibilizamos a memória do que motivou a constituição desses espaços, o ano de fundação, a ideia do nome, o funcionamento do espaço (de quando surgiu até os dias atuais), dentre outras informações importantes. Incorporamos também alguns elementos - imagens e uma linha do tempo -, à medida que contribuía na construção de nossa versão dessas histórias.

Na segunda linha, abordamos os acordos e tensões entre mercado e sociabilidade voltados para a população LGBT, por meio dos sentidos produzidos em conjunto com nossas interlocutoras privilegiadas acerca da conformação desses espaços. Para isso, definimos três eixos temáticos e seus respectivos tópicos analíticos: *LAZER E SOCIABILIDADE* (Motivação, Público e Práticas Sexuais), *MERCADO* (Resistências, Localização, Concorrência, Aspectos Positivos e Negativos, e Legislação) e *AGENCIAMENTOS POLÍTICOS* (Movimento LGBT e Parada da Diversidade); com a finalidade de compreender os sentidos coproduzidos sobre essas temáticas.

Por fim, a *Ressaca*, que como já explicamos, escrevemos alguns apontamentos e reflexões à título de conclusão, acerca do estudo sobre os espaços de consumo, lazer e sociabilidade desenvolvido nesta dissertação, problematizando questões e produzindo deslocamentos que nos permitam repensar temáticas relativas às conexões entre o mercado GLS e a sociabilidade promovida à população LGBT no cenário nacional.

## *Música*

### **1. AS MÚSICAS E SEUS EFEITOS:**

---

Ao som do referencial teórico-conceitual.

*“Quem não ouve a melodia acha maluco quem dança”.*  
(Oswaldo Montenegro)

Nesse capítulo, apresentaremos as músicas escolhidas para embalar nossa dança e alegrar nossa festa, sendo assim, explicitamos nosso imenso apresso aos ritmos que orientaram e tornaram possível esse estudo, por compreender que foram fundamentais para o envolvimento de todas as coisas e pessoas mobilizadas em prol dessa produção de conhecimento.

1.1. - Instrumentais epistemológicos: sobre linguagem, crítica feminista, construcionismo e o estudo das práticas discursivas.

Inicialmente, localizamos nossa compreensão epistemológica a partir das reflexões apontadas por Ibáñez (2004), em seu artigo intitulado “O giro linguístico”, no qual explana as implicações desse momento científico marcado pela atribuída ênfase à linguagem na filosofia, e nas ciências humanas e sociais, nos anos 1970 e 1980, que favoreceram uma nova concepção sobre a realidade - tanto “social” ou “cultural” quanto “natural” ou “física” - e a elaboração de novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, a partir de uma diferente conceituação sobre a linguagem e a necessidade de definir novas formas de investigação.

O giro linguístico rompe com as tradições científicas centradas no “mundo das ideias” focadas no interior e privado, e se orienta para focar nos enunciados linguísticos, nos discursos e no exterior. A linguagem deixa de ser apenas uma representação do mundo/realidade, uma expressão de nossas ideias, e passa a ser “um instrumento para exercitar nossos pensamentos e construir nossas ideias” como forma de ação no mundo, portanto, ao longo de seu desenvolvimento, passa a ser centrada nas relações cotidianas e nas práticas sociais, possibilitando a ascensão de outras perspectivas teóricas e metodológicas nessas ciências (IBÁÑEZ, 2004, p. 46).

A linguagem é a própria condição de nosso pensamento, ao mesmo tempo em que é um meio para representar a realidade. O “giro linguístico”, portanto, substitui a relação “ideias/mundo” pela relação “linguagem/mundo” e afirma que para entender tanto a estrutura de nosso pensamento quanto o conhecimento que temos do mundo é preferível olhar para a estrutura lógica de nossos discursos em vez de esquadrihar as interioridades de nossa mente (IBÁÑEZ, 2004, p. 46).

Assim, a linguagem vai estruturar, constituir, posicionar, criar modos de subjetivação, “vai adquirir um caráter “produtivo” e se apresentar como um elemento formativo de realidades” (IBÁÑEZ, 2004). Nessa perspectiva, o conhecimento é referenciado como um processo coletivo e a linguagem como uma prática social, não como mediadora entre pensamento e ação, mas como

ação em si. Essa virada linguística possibilitou uma nova forma de fazer ciência, uma ciência que deu visibilidade a vozes diferenciadas político, social, histórico e culturalmente.

Neste cenário, na perspectiva de pensar uma forma contra hegemônica do fazer científico, evidenciamos outra conceituação epistemológica, de caráter feminista, defendida por Donna Haraway (1995). Ela defende a concepção de que todos os conhecimentos são “situados” (social e historicamente) e, por isso, são parciais. Argumenta que a “ciência é retórica”, é vista, em sua radicalidade, como atividade humana, e assim, não possui neutralidade. O conhecimento produzido é oriundo da total afirmação daquilo que o pesquisador/a quer dar visibilidade, do posicionamento do sujeito, que embasará seu discurso científico e filosófico, portanto, trata-se de uma opção que exige responsabilidade e comprometimento. Segundo Haraway (1995, p. 15), “as feministas têm interesse em um projeto de ciência sucessora, que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele”.

Contextualmente, ela problematiza a objetividade das ciências hegemônicas e apresenta outra proposta: uma noção de objetividade fortalecida na construção de um saber local, historicizado, corporificado, capaz de compreender da melhor maneira possível as complexidades. Argumenta em favor de políticas e epistemologias de alocação que permitam ao pesquisador/a situar sua produção e posicionar-se perante os efeitos produzidos por ela, assim como, compreender que o conhecimento produzido não é uma representação fiel e generalizado da realidade, e sim uma produção parcial, dessa forma, se produzirá um conhecimento racional, dotado de uma racionalidade posicionada, que fuja do relativismo.

A alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia [...] quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática de objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimentos e nas maneiras de ver [...] (A parcialidade) é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre complexo, contraditório, estruturante e estruturado (HARAWAY, 1995, p. 23-24,30).

Donna Haraway (1995) utiliza em seu texto a metáfora da “visão”, assumindo não só a ideia de parcialidade, como também de corporalidade. Essa noção constitui-se uma nova forma de pensar o corpo. Pensa-lo como um corpo discursivo, que tem materialidade. Ou seja, que os marcadores de gênero, raça, classe, sexualidade, por exemplo, não só constroem significados e corpos, como estão inscritos neles. Sendo assim, o sujeito, em processo de produção do conhecimento, tem todos esses marcadores atravessados, histórica e culturalmente, em seu corpo, em sua forma de ver e discursar sobre o objeto - este não mais percebido como inerte e passivo, mas sim, ativo e localizado.

Saberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento “objetivo” [...] Explicações de um mundo “real”, assim, não dependem da lógica da “descoberta”, mas de uma relação social de “conversa” carregada de poder. O mundo nem fala por si mesmo, nem desaparece em



favor de um senhor decodificado. Os códigos do mundo não jazem inertes, apenas à espera de serem lidos (HARAWAY, 1995, p.36-37).

A objetividade feminista, defendida por Donna Haraway (1995), reconhece a construção social do saber, assume a corporeidade da produção do conhecimento científico e a noção de localização limitada e conhecimento localizado, afirma-se condizente com uma nova concepção de sujeito e objeto, e se responsabiliza, ética e politicamente, pelo saber produzido, prevalecendo a moral por ela defendida de que somente a perspectiva parcial promete visão objetiva.

O entrelaçamento dessas posturas epistemológicas, que percebem a linguagem como ação e entendem a produção de conhecimentos como um processo situado, que não se propõe a representar a realidade, contribuíram para o surgimento de uma vertente científica crítica na Psicologia Social, o construcionismo. Este se apresenta, de acordo com Ricardo Mélo (2007), como “um movimento que se configura em um momento onde fervilham estudos sobre a linguagem”, e que se opõem “às vertentes representacionistas” desenvolvendo “novas formas de investigação a partir de um ponto de vista pragmático da linguagem” (p. 26).

Segundo Conceição Nogueira (2001), surge com o objetivo de traçar concepções importantíssimas, na atualidade, para as reflexões sobre novas perspectivas de construção do saber científico, questionando os modelos hegemônicos – a centralidade da ciência e o método científico –, situando-se em um contexto de transformações sociais e construindo propostas diferenciadas que não mais assumam o caráter universalizante, mas que afirmem o caráter parcial, localizado, contextualizado. Enfatizando que a construção do conhecimento é social, portanto, atravessada por aspectos históricos, culturais, políticos etc. Nesses termos,

(O construcionismo) não se propõe que se viva em um mundo sem “verdades”, apenas acredita-se que elas são versões, sempre específicas, negociadas, construídas, adequadas às finalidades designadas coletivamente como relevantes. É importante ressaltar também o *caráter histórico do conhecimento*: a historicidade na construção do conhecimento se constitui como uma forma de questionar a objetividade dos saberes, considerando que estes são configurados na história da sua produção, nas tradições, nos modos de vida da sociedade e, portanto, não podem ser considerados naturais. Uma vez compreendido que a “realidade” é construída a partir de nossas práticas cotidianas, pode-se afirmar que a linguagem é um instrumento imprescindível para construí-la. Em outras palavras, a linguagem é *condição de possibilidade* para a configuração da “realidade” na medida em que é uma prática e, como toda prática, provoca efeitos: faz parte das construções, manutenções e mudanças que perpassam as relações sociais. E, ao mesmo tempo, desenvolve-se continuamente nessa tentativa de articular práticas (MÉLLO, 2007, p. 28).

O construcionismo como uma postura crítica diante do mundo, também deve ser compreendido, salienta Mélo (2007), como uma arena de tensões, pelo fato de existirem vários posicionamentos epistemológicos distintos e, por vezes, contraditórios em disputa. Assim, localizamos nosso estudo sob a ótica da produção do conhecimento referenciada em uma proposta epistemológica feminista crítica, o Construcionismo Social, prisma bastante relevante para aquelas que se dedicam aos estudos de gênero e sexualidade em Psicologia Social:

Esse novo movimento (o construcionismo social), assim como aqueles que o apoiam, proclamam uma nova abordagem ao conhecimento e à prática; centram-se essencialmente

nos problemas das populações locais e criticam as pesquisas que se pretendem universais; defendem uma transformação cultural que poderia permitir a emergência de novas realidades e novas formas de ação. O construcionismo social pretende substituir a pesquisa descontextualizada na psicologia social pelo estudo de tudo o que é cultural, histórico, social e politicamente localizado. Numa perspectiva construcionista social é importante a desconstrução, a democratização e a reconstrução de novas realidades e práticas para a transformação cultural (GERGEN, 1994 apud. NOGUEIRA, 2001, p.149).

Sendo assim, o marco diferencial desse movimento no fazer científico é o interesse maior no papel da linguagem na interação social, de acordo com Mary Jane Spink (2010, p. 26), a linguagem em uso é tomada como prática social e isso implica trabalhar a interface entre os aspectos performáticos da linguagem (quando, em que condições, com que intenção, de que modo) e as condições de produção (entendidas aqui tanto como contexto social e interacional, quanto no sentido foucaultiano de construções históricas).

Continuando o diálogo com Mary Jane Spink (2010), adotar essa perspectiva construcionista implica em assumir a ideia de que o conhecimento é algo que as pessoas fazem juntas, algo que construímos a partir de nossas práticas sociais. Assim, o conceito de práticas discursivas e produção de sentido é usado como uma das vertentes filiadas à perspectiva construcionista e aos estudos da linguagem.

Portanto, esta pesquisa tem como base os princípios construcionistas sobre a produção de conhecimentos em psicologia social e focaliza a produção de sentidos, a partir do estudo das práticas discursivas, tendo como foco os *repertórios linguísticos*. Logo, são esses os elementos teórico-metodológicos que vão embasar todo o processo de pesquisa e, principalmente, as análises.

Essa vertente, coerente com uma proposta psicossocial, compreende que as práticas discursivas dão sentido ao mundo em que vivemos, “ela é uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso”, conforme Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1999a, p. 26). Trata-se de uma perspectiva teórico-metodológica, em que algumas desconstruções<sup>3</sup> e/ou desfamiliarizações são necessárias à um modelo contra hegemônico de produção do saber, a exemplo das reflexões acerca da noção do sujeito-objetivo e a relação destes.

É tomada como um fenômeno sócio linguístico (SPINK; MEDRADO, 1999a), o que nos permite perceber a linguagem não só como explicativa da realidade, mas também como produtora desta e, enquanto tais, nos permite entender que as pessoas, em suas práticas discursivas, descrevem, explicam e dão sentido a tudo que perpassa o cotidiano, por meio das conversas, argumentações e narrativas, por exemplo. Neste sentido, o foco desse estudo passa a ser a

---

<sup>3</sup> O termo *desconstrução* é utilizado, aqui, a partir de Mary Spink e Rose Frezza (1999b, p. 16) para se referir ao trabalho necessário de reflexão que possibilita uma desfamiliarização com construções conceituais que se transformaram em crenças e, enquanto tais, colocam-se como grandes obstáculos para que outras possam ser construídas. Damos preferência ao termo *desfamiliarização* porque dificilmente “des-construímos” o que foi construído. Criamos espaço, sim, para novas construções, mas as anteriores ficam impregnadas nos artefatos da cultura, constituindo o acervo de repertórios interpretativos disponíveis para dar sentido ao mundo. Decorre daí a espiral dos processos de conhecimento, um movimento que permite a convivência de novos e antigos conteúdos (conceitos, teorias) e a ressignificação contínua e inacabada de teorias que já caíram em desuso.



compreensão das ações e práticas sociais (tidas aqui como práticas discursivas) e, sobretudo, os repertórios e os sistemas de significação utilizados na produção de sentidos.

É inegável que existem prescrições e regras linguísticas situadas que orientam as práticas cotidianas das pessoas e tendem a manter e reproduzir discursos. Sem elas, a vida em sociedade seria impraticável. Mas, embora o conceito de discurso aponte para uma estrutura de reprodução social - ou seja, a linguagem vista a partir das regularidades -, ele não desconsidera a diversidade e a não-regularidade presentes em seu uso diário pelas pessoas. É, antes de tudo, uma questão de foco, de distinção entre o que se elege como figura/fundo. Qualquer fenômeno social pode ser visto à luz das regularidades, como no caso, por exemplo, da Epidemiologia, em relação aos fenômenos do campo da saúde. Entretanto, se procurarmos entender os sentidos que uma doença assume no cotidiano das pessoas, passamos a focalizar a linguagem em uso. O olhar recai sobre a não-regularidade e a polissemia das práticas discursivas. [...] O conceito de *práticas discursivas* remete aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentido, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade. (SPINK; MEDRADO, 1999a, p. 28-29).

As práticas discursivas possuem três elementos constitutivos: a dinâmica (enunciados orientados por vozes), as formas ou *speech genres* (gêneros de fala) e os conteúdos – repertórios linguísticos (SPINK; MEDRADO, 1999; SPINK, 2010). Este último, tem sido interesse dos mais recentes estudos desenvolvidos no Núcleo feminista de pesquisa em gênero e masculinidades, o GEMA/UFPE, inclusive este. Interesse prevalecte nos conteúdos, nos repertórios linguísticos, histórico e culturalmente construídos, utilizados durante os momentos de diálogo e interação cotidiana, no qual as pessoas produzem sentido e se posicionam nas relações sociais.

Os repertórios linguísticos são, de acordo com Spink e Medrado (1999a), componentes fundamentais, pois permitem verificar a estabilidade, a dinâmica e a variabilidade presente nos enunciados: “deixa de ser, assim, apenas a regularidade, o invariável, o consenso, e passa a incluir também a variabilidade e a polissemia que caracterizam os discursos (p. 31) ”.

Alguns conceitos são de grande relevância nos estudos sobre as práticas discursivas (SPINK, 2010), desta maneira, definir a concepção adotada sobre sentido, interanimação dialógica e posicionamento, é imprescindível. Aqui, o sentido é compreendido como uma construção social:

Um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. Produzir sentido, portanto, é o que permite lidar com situações e fenômenos do dia-a-dia, do cotidiano (SPINK, 2010, p. 34).

Com relação à interanimação dialógica, Mary Spink (2010) afirma que é preciso entender o contexto de produção dos sentidos. Por exemplo, em uma entrevista, é importante entender as perguntas elaboradas pelo pesquisador e as respostas enunciadas pelas interlocutoras, de modo que se compreenda o processo de comunicação. Já o posicionamento, é compreendido pela autora como uma ação absolutamente fluída e contextualizada, são as posições assumidas pelas pessoas envolvidas na interanimação dialógica, como produto da interação e dos sentidos produzidos através de suas práticas discursivas.

Então, a partir desses referenciais teórico-conceituais que constituem os ritmos escolhidos para embalar nossa festa, o presente trabalho tem como **objetivo geral**: Analisar sentidos

produzidos acerca dos acordos e tensões entre o mercado e sociabilidade voltados a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), tendo como referência as trajetórias de conformação recente dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade que se definem como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), localizados no centro da cidade do Recife/Pernambuco. Com a pretensão de produzir memória sobre a constituição desses espaços no circuito<sup>4</sup> GLS do Recife, assim como, problematizar questões e produzir deslocamentos que nos permitam repensar temáticas relativas às conexões entre o mercado GLS e a sociabilidade promovida à população LGBT, por meio da entrevista com as interlocutoras privilegiadas, referência histórica dos bares e boates estudados.

Pensando nelas, as interlocutoras privilegiadas convidadas a participarem de nosso estudo, consideramos bastante improvável que, durante a interanimação dialógica, todas respondam de forma única e equivalente aos questionamentos impulsionados no processo das entrevistas, por pertencerem a um mesmo grupo social, de modo que, sustentados pelo conceito dos repertórios linguísticos, pretendemos identificar a coerência e a polissemia, a consensualidade e a variabilidade nos sentidos produzidos por nossas interlocutoras em suas práticas discursivas acerca da relação entre mercado e sociabilidade voltados à população LGBT.

Apesar de considera-las pertencentes à um determinado grupo social, sabemos que as mesmas compõem outros grupos, outros contextos, e vivenciaram conjunturas diferenciadas que, por sua vez, construíram, histórico e culturalmente, suas práticas discursivas e contribuíram na produção de diferentes repertórios sobre a temática estudada. Então, trabalhar como esses repertórios linguísticos significa compreender as aproximações e deslocamentos dos sentidos produzidos em conjunto com nossas interlocutoras. Assim, estes serão estudados a partir do conceito de práticas discursivas e produção de sentido (SPINK; MEDRADO, 1999; SPINK, 2010).

## 1.2. – Notas musicais: Mercado GLS nas produções científicas.

Na intenção de localizar as produções, acadêmicas e científicas, que abordem os espaços de consumo, lazer e sociabilidade, principalmente os bares e boates, destinados à população LGBT, desenvolvidas na cidade do Recife especificamente, produzimos uma revisão de literatura, por meio da busca em alguns dos sites disponíveis de indexação de dissertações e teses, conforme apresentaremos sistematicamente nas páginas a seguir, descrevendo as estratégias utilizadas e os resultados encontrados. O exercício de revisão de literatura constituiu-se na procura por textos que discutam a respeito dos bares e boates GLS da cidade do Recife, publicados academicamente. Para isso, adotamos algumas orientações relevantes:

---

<sup>4</sup> Fazemos uso do termo “circuito”, em diálogo com Camilo Braz (2010), que traz em seu texto José Magnani (2008), na procura de dar sentido a crescente conformação e aglomeração de estabelecimentos e serviços no espaço urbano e, seguindo suas próprias reflexões, há diferentes circuitos para a população LGBT na cidade de São Paulo (e cabe para as outras cidades brasileiras), cujos sujeitos são “agrupáveis não só pela orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo”, pelo modo a partir do qual expressam suas preferências sexuais etc” (BRAZ, 2010, p. 131).

- Para localizar as dissertações e teses, realizamos a pesquisa nas fontes de armazenamento *on-line* disponibilizadas pelas duas universidades federais do Estado de Pernambuco, conforme observamos na tabela abaixo:

<b>Tipo de Produção</b>	<b>Fonte</b>	<b>Informações</b>
Teses e Dissertações	Repositório Institucional da UFPE	O Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tem como missão reunir, armazenar, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente à produção acadêmica e científica da Universidade, em um único local virtual. Site: <a href="http://www.repositorio.ufpe.br/">http://www.repositorio.ufpe.br/</a>
	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRPE	BDTD UFRPE - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, reúne as publicações produzidas pelos programas de Pós-Graduação da UFRPE (Mestrado e Doutorado). Site: <a href="http://www.tede.ufrpe.br/">http://www.tede.ufrpe.br/</a>

Tabela 01: Fontes pesquisadas na revisão de literatura<sup>5</sup>.

- Sobre os termos definidos, utilizamos uma variedade de descritores que nos auxiliaram na localização das produções esperadas com esse exercício. Esses descritores correspondem a algumas das possíveis, no âmbito da produção acadêmica, **identidades sexuais** não-heterossexuais, assim como, termos (siglas) que circulam entre as nomeações relacionadas ao **movimento social** e ao **mercado** voltado para essa população, como veremos no quadro seguinte:

<b>Identidades sexuais</b>	<b>Movimento</b>	<b>Mercado</b>
Gay	LGBT	GLS
Lésbica	GLBT	

Quadro 01: Descritores utilizados na revisão de literatura.

- Outras informações importantes: a) não definimos um período específico com a intenção de ter um amplo acesso as publicações produzidas sobre essa temática nas universidades federais de Pernambuco; b) definimos como estratégia, realizar a busca inicial pela leitura atenta dos títulos, em seguida, a leitura dos resumos das publicações selecionadas, até que pudéssemos obter as dissertações e teses que se desenvolveram na arena dos estudos sobre os espaços de sociabilidade destinados à população LGBT.

No repositório da Universidade Federal de Pernambuco, os resultados localizados foram: **Gay**<sup>6</sup> - 567 (quinhentos e sessenta e sete) teses e dissertações encontradas; **Lésbica** – 190 (cento e noventa); **LGBT** - 73 (setenta e três); **GLBT** – 20 (vinte); **GLS** – 81 (oitenta e uma) teses e

<sup>5</sup> Este quadro foi inspirado em um produzido no capítulo sobre revisão de literatura de Benedito Medrado, Jorge Lyra e outros autores, no livro “o Pai está esperando?”, publicado em 2011.

<sup>6</sup> Na realização da revisão, notamos que o quantitativo de teses e dissertações encontradas nos sites pesquisados, não deferiram se eram escritos no singular ou plural, maiúsculo ou minúsculo.

dissertações localizadas. Do total encontrado, realizamos uma leitura atenta de cada título e selecionamos aqueles que possivelmente abordariam a temática de nosso interesse.

Durante esse processo, percebemos alguns títulos duplicados em cada descritor analisado, como também, títulos repetidos entre os descritores, pela possibilidade de, em um único trabalho, encontrarmos diferentes formas de nomear essa população. Deste modo, os títulos selecionados por meio dos descritores das identidades sexuais, contemplaram aqueles que apareceram (novamente) no quantitativo total dos descritores relacionados ao movimento e mercado, se configurando assim: das 567 publicações localizadas com o descritor “gay”, selecionamos 18 (dezoito) para a leitura dos resumos, e dos 190 do descritor “lésbica” selecionamos 09 (nove).

Com a leitura dos resumos, selecionamos 06 (seis) publicações localizadas com o descritor “gay” e 01 (uma) com o descritor “lésbica”. Conclusão, localizamos **07 (sete) teses e dissertações produzidas na Universidade Federal de Pernambuco** que compõem os estudos sobre os espaços de sociabilidade voltados à população LGBT.

Já na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal Rural de Pernambuco, utilizei todos os descritores para localizar as teses e dissertações sobre a temática. Apenas o descritor “gay” apresentou **01 (um) resultado** que, após a leitura do título e do resumo, foi **selecionado** para compor o material esperado com o exercício da revisão de literatura.

Ao fim, o levantamento gerou o encontro com **08 (oito) produções científicas - uma tese e sete dissertações** - desenvolvidas em diferentes programas de pós-graduação das universidades federais do Estado de Pernambuco. Acerca das áreas de conhecimento desses trabalhos: a tese encontrada no repositório da UFPE é da área de Geografia e as dissertações, três são da Psicologia, duas da Antropologia e uma da Sociologia; já na UFRPE, a dissertação encontrada corresponde a área de História.

Produzidas no período de 2006 a 2015, essas produções científicas, de distintos campos do saber, compõem a área mais ampla das Ciências Humanas e Sociais e contribuem para o desenvolvimento de diferentes abordagens e, certamente, dão sentidos diferenciados, que dialogam entre si nos estudos sobre os espaços de sociabilidade GLS. Apresentamos abaixo, uma síntese dos resultados de nosso levantamento:

	TIPO DE PRODUÇÃO	ÁREA DE CONHECIMENTO	ANO DE PUBLICAÇÃO
UFPE	Tese	Geografia	2015
	Dissertação	Psicologia	2014
		Antropologia	2013
		Psicologia	2010
		Psicologia	2009
		Antropologia	2008
		Sociologia	2006
UFRPE	Dissertação	História	2011

Tabela 02 – Resultados da Revisão de Literatura das produções na UFPE e UFRPE.

Visibilizando as publicações que localizadas por meio dessa revisão de literatura, apresentaremos algumas informações relevantes para contextualizá-las e permitir uma melhor compreensão de suas abordagens na arena da temática aqui estudada:

- A tese intitulada “*A juventude nos enredos da cidade, da cultura e do lazer: panis et circenses no ‘país de Mossoró’?*”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE e publicada em 2015, é de autoria de Jamilson Azevedo Soares. Teve como objeto de estudo, as transformações espaciais contemporâneas na cidade de Mossoró e seus desdobramentos no contexto da juventude local. Se propôs a compreender a dinâmica territorial e as relações que as integram, com maior ou menor intensidade, ao movimento do capital e do consumo, revelando-se como espaços múltiplos, plurais e multidimensionais, como produto das experiências e vivências de seus atores em conformidade com a lógica que norteia sua organização espacial.
- A dissertação publicada em 2014, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, de autoria de Roberta Valesca Mota Santana é intitulada: “*Entre a regulação e a subversão: o assumir-se enquanto um paradoxo da identidade homossexual*”. Analisa fragmentos de histórias de vida de homens jovens com práticas homossexuais, na perspectiva de compreender o modo como constroem suas subjetividades na interface com o estigma às homossexualidades, ainda bastante eloquente na sociedade brasileira. Buscou apreender os sentidos atribuídos às experiências de desejar e/ou ter práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo; conhecer os percursos nos circuitos de sociabilidade homossexual da cidade do Recife; e, compreender como a estigmatização às homossexualidades tem afetado homens com práticas homossexuais.
- Publicada em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, a dissertação intitulada: “*Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife*”, de Cícera Glaudiane Holanda Costa, teve como perspectiva contribuir para a discussão dos processos de construção das travestilidades, assim como, refletir sobre questões que problematizam a representação do corpo, do gênero e da sexualidade no cotidiano. Procurando conhecer os significados atribuídos pelas travestis ao processo de envelhecimento, a partir de suas experiências, a pesquisadora enveredou pelo bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, percebendo esse espaço como um lugar representativo da sociabilidade da população LGBT, como também, por esse bairro incorporar boates, bares, esquinas e a casa em que ocorrem as reuniões da AMOTRANS – Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco -, com a finalidade de localizar, nesses lugares, as travestis que estavam vivenciando o processo de envelhecimento.
- “*É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*” é o título da dissertação de mestrado publicada em 2010 pelo Programa de Psicologia da UFPE, de autoria de Normando José

Queiroz Viana. Se propôs a analisar os sentidos e práticas relacionadas às categorias desejo, excitação e prazer nas vivências da prostituição masculina no centro urbano do Recife. A partir de uma pesquisa etnográfica - observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas de caráter biográfico - com os “boys de programa” (denominação local utilizada para referir aos homens que prestam serviços sexuais comerciais a outros homens). Para isso, propõe-se a descrever e analisar os cenários públicos (ruas) e privados (estabelecimentos comerciais), onde essas transações sexuais comerciais se iniciam.

- A dissertação publicada em 2009, também vinculada ao Programa de Psicologia da UFPE, produzida por Eptácio Nunes de Souza Neto, é intitulada: “*Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife*”. Buscou analisar as vivências da prostituição masculina, tendo como base uma pesquisa etnográfica realizada no principal território de prostituição masculina do centro do Recife, tanto nos espaços públicos (ruas, avenidas e praças) como privados (boates, saunas e clubes privados). Através da observação participante, conversas informais e entrevistas com “boys de programa” e outros atores, buscou compreender o fenômeno da prostituição; reconstruir os processos históricos e psicossociais que levaram os homens investigados ao engajamento no trabalho sexual; analisar o processo de construção dos papéis de gênero na perspectiva dos boys de programa; e, verificar quais fatores (idades, performance de gênero, raça/cor, fontes privilegiadas de prazer corporal, etc.) encontram-se envolvidos no negócio do sexo.
- A dissertação publicada em 2008, no Programa de Antropologia, intitulada “*Viver a dois é uma arte? Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina na Região Metropolitana*”, de Anderson Vicente da Silva, teve por objetivo compreender os aspectos da vida cotidiana a dois, que os homossexuais da Região Metropolitana de Recife constroem em suas relações. Buscou analisar como esses homossexuais veem o reconhecimento social dessa relação, a partir das interações que estabelecem com os vizinhos, amigos e familiares; e, pretendeu compreender os arranjos cotidianos e de sociabilidade empreendidas pelos homossexuais na constituição de relações conjugais entre pessoas do mesmo sexo.
- “*Olhares que se cruzam, fronteiras que se erguem: A sociabilidade em Tambaú-João Pessoa/PB*” é o título da dissertação de Anne Gabriele Lima Sousa, publicada em 2006 e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Lança olhar para o comportamento social urbano contemporâneo, através da percepção dos tipos de fronteiras simbólicas construídos pelas complexas interações sociais presentes no cotidiano de lazer em Tambaú, bairro nobre e de grande visibilidade da cidade de João Pessoa/Paraíba. As relações estabelecidas pelos diferentes grupos no campo de sociabilidade do qual Tambaú é palco, foram percebidas a partir dos processos de diferenciação social responsáveis pela inclusão ou exclusão de indivíduos nos círculos sociais que permeiam os espaços do bairro. Considera a cidade contemporânea como um *locus* de fronteiras, onde proximidade espacial e distância



social se cruzam, norteadas classificações e hierarquizações. A partir de observações sobre sua dinâmica social e das narrativas de seus frequentadores, Tambaú é apresentado a partir dos diferentes estilos de vida que se revelam no seu interior, manifestando valores, reafirmando identidades e reforçando hábitos inerentes a trajetórias culturais peculiares.

- Por fim, a dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, publicada em 2011 por Sandro José da Silva, intitulada: “ *Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970*”. Trata-se de uma investigação e reflexão histórica sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. Buscou compreender historicamente a construção da subjetividade do sujeito “gay” na época, averiguando as produções jornalísticas, a associação entre a emergência do gay e o ideal de modernidade e consumo, assim como, compreender os processos em que os discursos e práticas teciam a nova identidade homossexual, como também o trabalho dos movimentos sociais, do mercado de consumo e da imprensa.

Essas produções consideram os espaços de sociabilidade como cenário para a interlocução com os sujeitos de pesquisa e/ou como parte produtora das subjetividades daqueles que circulam por eles. É nesse contexto que essas produções dialogam com o estudo desenvolvido nessa dissertação, por permitir compreendermos a dinamicidade presente nesses lugares, assim como, as relações estabelecidas entre os sujeitos frequentadores e suas percepções sobre a vida cotidiana. Encontrar com essas produções foi como (re)conhecer diferentes ritmos musicais que ecoam nas noites em festa pela cidade do Recife.

Por que dedicar-se exclusivamente as produções científicas desenvolvidas no Recife? Em resposta, buscamos encontrar as produções que perpassam o tema da sociabilidade, voltada para a população LGBT, produzidas em Recife/PE e, de algum modo, ter acesso ao que foi produzido nos programas de pós-graduação das universidades federais pernambucanas, pela curiosidade em conhecê-los e visibilizá-los, de modo que, nos permitisse dialogar com esses trabalhos situados em um contexto social aproximado do aqui produzido.

Como também, por termos realizado, durante o processo de qualificação, um denso processo de revisão de literatura<sup>7</sup> das produções nacionais disponíveis nas plataformas de indexação bibliográfica disponíveis *on line*, a exemplo do Scielo - *Scientific Electronic Library*

---

<sup>7</sup> Como resultado da revisão de literatura realizada no processo de qualificação do Mestrado ocorrida no final de 2014, tivemos conhecimento de 57 (cinquenta e sete) artigos científicos, 02 (dois) trabalhos de conclusão de curso, 07 (sete) dissertações de mestrado e 04 (quatro) teses de doutorado. Traçando, curiosamente, um diagnóstico do material coletado, pudemos perceber que estes datam produção nas últimas décadas, sendo as mais antigas registradas em 2003 e, as em maior quantidade, com registro a partir de 2010 até o presente. Acerca da área de conhecimento em que foram produzidos, boa parte concentra-se na Antropologia (24) e nas Ciências Sociais (20), com pouca produção, mas também presente, na Educação (05), História (03), Sociologia (02) e uma na Psicologia. Com relação à localização, uma quantidade expressiva foi desenvolvida em São Paulo (25) e Rio de Janeiro (10) – região sudeste-; nos estados do Nordeste, uma produção ainda tímida é presente nos estados da Bahia (04), Ceará (03), Paraíba (02) e Pernambuco (02); na Região Norte, encontramos no Pará (04) e na Amazônia (02).

*Online-*, o Portal de Periódicos da CAPES e o Google Acadêmico, que nos renderam uma ótima aproximação com trabalhos desenvolvidos nas mais diversas universidades do país, que se dedicaram aos estudos sobre os espaços de sociabilidade, principalmente os destinados à população LGBT. Além do diálogo com essas produções, também tivemos aproximação com alguns textos abordados nos encontros de formação do Núcleo de Pesquisa e nas disciplinas cursadas no mestrado.

Uma autora, em especial, que é atual referência nos estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado é a Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isadora Lins França, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/São Paulo (IFCH – UNICAMP)<sup>8</sup> e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU, que contribuiu bastante com o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado, tanto por meio de suas produções acadêmico-científicas, quanto pelas orientações durante a qualificação da pesquisa. Portanto, afirmamos que iremos incluir, em nossos diálogos, parte significativa de suas produções.

A partir da leitura aprofundada de todos esses trabalhos acadêmico-científicos, produziremos a nossa contribuição, apresentando alguns apontamentos e reflexões sobre os estudos acerca dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade voltados à população LGBT.

### 1.3. Constituição dos espaços de sociabilidade GLS no Brasil: ouvindo os sons.

A aproximação com essas discussões compõe parte em destaque da minha formação acadêmica, política e profissional. Tenho me dedicado, desde a graduação, aos estudos em gênero e sexualidade, especificamente ao Movimento LGBT no Brasil, muito provável pela participação em organizações ativistas e pelo desejo mobilizador em defender os Direitos Humanos. Dessa forma, localizo minha produção como “situada” (social e historicamente) e, por isso, “parcial”, em conformidade com Haraway (1995), que compartilha a ideia de que o conhecimento é oriundo da total afirmação daquilo que o pesquisador/a quer dar visibilidade, do posicionamento desse sujeito diante do mundo em que vive, sendo assim, isso embasará seu discurso científico e filosófico.

Em conformidade com o exposto e conivente com a concepção da pesquisa como uma prática social situada, como defendem Jorge Lyra e Benedito Medrado (2010), abordarei, na continuidade deste capítulo, aspectos breves da constituição do Movimento LGBT no Brasil, visibilizando o jogo de construção das identidades política em defesa da diversidade sexual e de gênero, conjuntamente a algumas reflexões que visualizamos importantes no campo dos estudos em gênero e sexualidade, até então, estabelecer conexões teórico-conceituais que nos ajudam a compreender a relevância dos estudos sobre os espaços de sociabilidade.

---

<sup>8</sup> Link das informações utilizadas sobre a Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isadora Lins França: <http://www.pagu.unicamp.br/pt-br/isadora-lins-franca>. Acessado em: 21 de janeiro de 2016.



### 1.3.1. Gênero e sexualidade em altos tons.

Convivemos em uma sociedade que ao longo dos séculos se constituiu por expressar, entre os diferentes sujeitos, diferenciadas formas de opressão que os condicionam a uma localização considerada inferior em detrimento a outros legitimados socialmente, florescendo interdições e mecanismos de disciplinamento que estigmatizam, atribuem valor, condicionam práticas, desejos e comportamentos a um padrão que impossibilita o florescer das possibilidades de viver a vida.

Íris Marion Young (2000), em seu texto “A justiça e a política da diferença”, distingue, em cinco categorias, as variadas formas de opressão que os grupos sociais sofrem, são elas: exploração, marginalização, falta de poder, imperialismo cultural e violência. Essas discriminações relacionadas a questões de gênero, cor, raça/etnicidade, corpo, idade, condição físico-mental, classe, origem (social, geográfica, etc.) práticas e desejos afetivo-sexuais, dentre outras, são “naturalizadas”, essencializadas, reiterantes/ reiteradas por práticas discursivas regidas historicamente por aspectos culturais, políticos e sociais que orquestram normas e regras para a padronização dos corpos e suas práticas (BRAÚNA, 2013).

As formas de expressar as práticas sexuais e os desejos, assim como os gêneros, são também definidas por processos culturais, socialmente estabelecidos, sem desconsiderar os aspectos biológicos da constituição física dos indivíduos. A sexualidade, como afirma Michael Foucault, em *História da Sexualidade – A vontade do Saber* (1988) -, é um “dispositivo histórico” de regulação, “é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades (FOUCAULT, 1988, p. 15 *apud* LOURO, 2000, p. 6)”. Portanto, a história da sexualidade foi e é construída por meio dos discursos estabelecidos sobre essa prática, com fins de controlar as populações.

Jeffrey Weeks (2000), ao conceituar sexualidade, afirma que “essa explosão discursiva é parte de um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção”, de modo que, essa explosão se torna expansiva por meio das inúmeras definições que limitam as possibilidades do corpo (p. 35).

A construção do gênero e da sexualidade, conforme Guacira Louro (2008), dá-se na longevidade da vida, continuamente, infindavelmente, não apenas no momento do nascimento, da identificação de aspectos biológicos – pênis e vagina -, da nomeação do corpo, da definição das cores e vestimentas apropriadas, que fazem destes sujeitos masculinos ou femininos.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos parecem absolutos, quase soberanos (LOURO, 2008, p.18).

À vista disso, podemos entender que “a sexualidade envolve rituais, linguagens, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2000, p. 6). As formas de expressar as práticas sexuais, os desejos e as possibilidades da sexualidade, assim como o gênero, são também definidas por processos culturais, socialmente estabelecidos. Nesse contexto, a linguagem impressa sobre a sexualidade apresenta ser avassaladoramente masculina, produzidas a partir de discursos ideológicos<sup>9</sup>, provenientes de experiências sexuais, aparentando este ser o modelo dominante de sexualidade (WEEKS, 2000).

Sobre o conceito de gênero, dialogamos com a Judith Butler (2012), que o salienta como uma produção cultural, uma interpretação cultural do sexo. Contudo, o gênero apresenta-se como um conceito complexo e instável, se examinado em diferentes contextos históricos. Gayle Rubin (1993) fala sobre a existência de “um sistema sexo-gênero”, compreendendo-o como uma série de definições pré-estabelecidas, construídas socialmente e determinadas culturalmente. Butler (2012), avançando nessa discussão, propõe a existência de um “sistema sexo-gênero-desejo” que rotula tanto as orientações sexuais, como as identidades de gênero, pensando a sociedade de forma binária (pênis-vagina, masculino-feminino, homem-mulher) e estabelecendo uma única possibilidade na ordem das práticas e do desejo (a lógica heteronormativa).

Os indivíduos em conflito com essa padronização, transgridem a ordem vigente, e não se enquadram nas normas sociais preestabelecidas como ideais e verdadeiras, são considerados desviantes, por conta de uma moralidade exercida pela pressão social, uma enorme gaiola feita de regras em que estão aprisionados. Estes indivíduos, terão que enfrentar conflitos variados na busca de fugir dessa gaiola e ultrapassar barreiras subjetivas e sociais (BRAÚNA, 2013).

Legitimada pelos dispositivos que a naturaliza - práticas discursivas, normas regulatórias – e a torna compulsória, a heterossexualidade afirma a existência de uma ordem sexual que não está dissociada da ordem social vigente na sociedade contemporânea, portanto, entende-se que essa ordem tem como fundamento a heteronormatividade<sup>10</sup> que “expressa às expectativas, as

---

<sup>9</sup> Por discurso ideológico (ou ideologia, simplesmente), deve ser entendido todo o conjunto de representações, crenças e dizeres, populares ou eruditos (incluindo o discurso científico), que tendem a naturalizar, eternizar e universalizar instituições sociais, convenções morais, padrões culturais e práticas de poder de caráter particular, cultural e histórico. O discurso ideológico procura fazer crer que a realidade construída da dominação social, cultural ou política é natural, universal, necessária e inevitável. Igualmente como outros aspectos da existência social, a sexualidade é a esfera que o discurso ideológico se encarrega de cercar de representações que procuram fazer crer que seja uma realidade de caráter natural, a-histórico e imodificável, convertendo construções culturais e históricas em verdades absolutas e universais (SOUSA FILHO, 2009, p. 62).

<sup>10</sup> Citando Miskolci (2007, p. 6), no que concerne a diferença entre heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, vale compreender que “historicamente, a prescrição da heterossexualidade como modelo social pode ser dividida em dois períodos: um em que vigora a heterossexualidade compulsória, pura e simples e outro em que adentramos no domínio da heteronormatividade. Entre o terço final do século XIX e meados do século seguinte, a homossexualidade foi inventada como patologia e crime, e, os saberes e práticas sociais normalizador apelavam para medidas de internação, prisão e tratamento psiquiátrico dos homo-orientados. A partir da segunda metade do século XX, com a despatologização (1974) e descriminalização da homossexualidade, é visível o predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com o objetivo de que vivam como eles”.

demandas e as obrigações que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural - coerente e também privilegiada - e, assim, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2007, p. 156).

A heterossexualidade estabelecida de maneira compulsória, como a única forma possível e legítima de expressão da identidade e da sexualidade, por meio das regras heteronormativas, está intimamente relacionada, como afirma Luiz Braúna (2013), com a produção e regulação de subjetividades e relações sociais, presente nos diversos dispositivos que atuam na constituição, autenticação e ordenação de corpos, expressões, identidades, condutas, estilos de vida e relações de poder em nossa sociedade.

Esta referência excludente a qual os sujeitos são formados produz, simultaneamente, o domínio dos seres que fogem a essa normatização, portanto, os seres abjetos (BUTLER, 2000), “aqueles que ainda não são sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (p. 112), em detrimento dos privilégios sociais oportunizados àqueles que vivem coerentemente com as regras sociais pré-estabelecidas. Conforme Judith Butler (2000):

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (p.112).

Esse aspecto, no âmbito da sociedade atual, aloca os sujeitos que vivem afastados dos marcos da heterossexualidade, em uma posição inferior àqueles considerados pertencentes a práticas supostamente naturais de sexualidade e afetividade. Em meio a esta reflexão, entende-se que esse aspecto mantém a rejeição social relativa aos corpos com experiências que não corroboram com as regulações estabelecidas, isso tende a relegar esses indivíduos “à abjeção, ou seja, à esfera social do estigma, do ‘menos humanos’ (DUQUE, 2008)”. As experiências desses sujeitos constituem o controle no qual os padrões heteronormativos instauram, em forma de dominação, sobre os sujeitos “desumanizados”, “desajustados”, “abjetos”, que, diante dessas imposições procuram estratégias de transgredi-las.

Assim, sujeitos abjetos são aqueles que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. Para compreender melhor a constituição desses sujeitos, é importante se remeter a categoria do sexo que, segundo Butler (2000, p. 111), é, desde o início, normativa, portanto, ela não apenas funciona como uma norma, mas compõe uma prática altamente regulatória que produz os corpos que governa, ou seja, toda a força regulatória se expressa como um tipo de poder produtivo, “o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla”, de modo que, a categoria gênero é remetida ao debate feminista como uma maneira de “ampliar a compreensão da relação entre os sexos” (MEDRADO, 1997, p:25).

Nesse processo, é construída uma ideologia fixa sobre o sexo – normas regulatórias - que vai se materializando com o passar do tempo e constituem uma reiteração forçada, contínua, destas normas nos corpos sexuados. A necessidade de reiteração expressa nesse processo indica que a materialização dessas normas nos corpos nunca é totalmente completa e que estes não se conformam com as normas instauradas pelas quais sua materialização é imposta (BUTLER, 2000).

As instabilidades, possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, marcam um caminho reverso no qual a própria lei regulatória pode voltar contra si gerando novas articulações que problematizam a “força hegemônica”. De modo que, se torna pertinente que os sujeitos abjetos construam uma identificação para sua formação, através do repúdio do domínio da abjeção, o que permitirá o sujeito emergir em suas práticas e desejos sexuais e afetivos. Considerando esse “ato” um recurso crítico na luta para romper as amarras da regulação social e sexual dos indivíduos, construindo um status de sujeito, por meio da valorização da abjeção, questionando os termos da legitimidade e da inteligibilidade (BUTLER, 2000).

A identificação - ou não - dos sujeitos são possibilidades de “contestação democrática” (BUTLER, 2000, p. 156) viabilizada através de “práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada”. Essas “desidentificações coletivas” podem fomentar a redefinição de quais corpos são legitimados e quais corpos devem emergir para terem sua legitimidade reconhecida.

Afirmar uma identidade compreende uma questão de reconhecimento pessoal e político, que seja útil enquanto um jogo, enquanto uma estratégia que busca o reconhecimento de direitos, que fuja do risco de representarem uma forma de padronizar, estigmatizar e transformar em lei a necessidade dos indivíduos “descobrirem” sua identidade homossexual, e, “obrigatoriamente” assumir-se para a sociedade (BRAÚNA, 2013).

A ação de “sair do armário” ou “*coming out of the closet*” representa a aceitação de uma identidade homossexual proveniente do autoconceito dos indivíduos e, conseqüentemente, um processo de revelar um status social estigmatizado por vários públicos: a família, os amigos, outros sujeitos homossexuais e heterossexuais, as instituições religiosas e outras. É um processo crítico e uma exposição política na vida desses sujeitos que, ao depararem com ele, aprendem sobre os valores, as vivências, e compartilham das subjetividades provenientes da cultura homossexual, em alguns casos, optam por assumir esse aprendizado para si e para os outros, para serem reconhecidos social e politicamente como sujeito homossexual (MARQUES FILHO, 2007).

A aquisição de uma identidade sexual incorporada pelos sujeitos abjetos, que estão em processo de transgressão da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória legitimada na sociedade, possibilitou a estes se organizarem e travarem uma luta, na sociedade atual, por se constituírem enquanto sujeitos também legitimados e, portanto, com direitos que sejam juridicamente garantidos e efetivados.

Como afirma Young (2000), a consolidação desses grupos sociais, compreendidos como uma coletividade de pessoas distinta de pelo menos um outro grupo por formas culturais, práticas ou modos de vida, como no caso da população LGBT, se dá por meio da afinidade que os membros de um grupo têm uns com os outros em virtude de uma experiência comum, que gera um senso de identidade que os aproxima. Nas palavras de Ilse Scherer-Warren (1993), esses movimentos são laboratórios de criatividade que favorecem a construção de novas formas de pensar a política, o fazer político e a participação dos indivíduos nessa organização. Nesses termos, o processo de afirmação de identidades, possibilitou a construção do Movimento Homossexual e, ao longo dos anos, o Movimento LGBT.

### 1.3.2. Movimento LGBT Brasileiro e as estratégias de visibilidade positiva.

Com marcas registradas pela literatura no final dos anos 1970, o Movimento Homossexual, como era reconhecido na época, pautava sua atuação com forte influência antiautoritária nas últimas expressões do período militar vivenciado no Brasil, como nos apresenta Júlio Simões e Regina Facchini (2009). Nos anos 1980, com o advento da associação da homossexualidade com a AIDS, vivenciou-se uma expressiva redução dos grupos de homossexuais organizados e uma alteração bastante significativa para o movimento: a atuação passa a ser voltada para a garantia dos direitos civis e contra discriminação e violência dirigidas aos sujeitos homossexuais. Já nos anos de 1990, o movimento não apenas cresce em quantidade de grupos e organizações em abrangência nacional<sup>11</sup>, como também diversifica os formatos institucionais de organização<sup>12</sup>, a exemplo da ampliação de sua visibilidade, da articulação entre as redes e da participação social<sup>13</sup> nas instâncias governamentais e não-governamentais, demarcando este como um momento fortificante para a configuração atual do movimento (FACCHINI, 2005).

A crescente visibilidade e a ativa participação política foram estratégias encontradas pelo movimento de legitimidade social que tem trazido muitos avanços para a população LGBT. Conquistas como as Conferências Nacionais, construção e fortalecimento de frentes parlamentares, elaboração e proposição de projetos de leis e o estabelecimento de normativas de associações profissionais combatendo a patologização e a discriminação LGBT, foram, e ainda

---

<sup>11</sup> Esse crescimento parece estar relacionado, entre outros fatores, ao modo como se organizou a resposta coletiva à epidemia do HIV/Aids: a implementação de uma política de prevenção às DST/Aids baseada na ideia de parceria entre Estado e sociedade civil e num claro incentivo às políticas de identidade como estratégia para a redução da vulnerabilidade de populações estigmatizadas (FACCHINI, 2009, p.138-139).

<sup>12</sup> Além dos grupos comunitários, passa a contar, entre outros formatos, com associações e organizações formalmente registradas, com setoriais de partidos políticos, com grupos religiosos e com grupos situados na interface entre ativismo e pesquisa, constituídos no interior das universidades (FACCHINI, 2009, p. 139).

<sup>13</sup> Entre os interlocutores do movimento, temos movimentos de direitos humanos, de luta contra a AIDS e movimentos de “minorias”, especialmente o feminista; Temos também uma ampliação dos espaços de participação como as comissões que discutem leis e políticas públicas; Vivenciou a ampliação da visibilidade através, por exemplo, da organização de Paradas do Orgulho LGBT e pela incorporação midiática positiva da temática. Ainda percebe-se a articulação de redes de entidades ou de ativistas, como a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros), fundada em 1995; e também a formação de fóruns estaduais e municipais. (FACCHINI, 2009, P.139).

são, essenciais, para o fortalecimento da atuação do movimento na conjuntura vivenciada (FACCHINI, 2009, p. 139). A constituição histórica da nomenclatura utilizada por esse movimento social é descrita, conforme o trecho a seguir, publicado por Regina Facchini (2009):

Assim, até 1993, o movimento aparece descrito predominantemente como MHB (*Movimento Homossexual Brasileiro*); depois de 1993, como MGL (*Movimento de Gays e Lésbicas*); após 1995, aparece primeiramente como um movimento GLT (*gays, lésbicas e travestis*) e, posteriormente, a partir de 1999, figura também como um movimento GLBT – de *gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros*, passando pelas variantes GLBT ou LGBT, a partir de hierarquizações e estratégias de visibilidade dos segmentos. Em 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros aprova o uso de GLBT, incluindo oficialmente o “B” de *bissexuais* à sigla utilizada pelo movimento e convencionando que o “T” refere-se a *travestis, transexuais e transgêneros*. Em 2008, nova mudança ocorre a partir da Conferência Nacional GLBT: não sem alguma polêmica, aprova-se o uso da sigla LGBT para a denominação do movimento, o que se justificaria pela necessidade de aumentar a visibilidade do segmento de *lésbicas* (p. 140).

Diante disso, perceber-se que o movimento LGBT Brasileiro formulou estratégias de ascensão na sociedade, conquistando o poder público, através de diferentes mecanismos internos e externos: a institucionalização; a ativa participação militante nos espaços públicos de elaboração de leis, programas e projetos; como também, as mudanças visíveis no perfil dos militantes que passaram de ativistas para militantes profissionais, assumindo cargos nos espaços políticos, em busca de aprofundarem a discussão e ampliarem as possibilidades de atuação. Outro aspecto que gerou grandes conflitos internos foi a relação do movimento com os partidos políticos, que se tornaram meio de visibilidade dessas demandas, articuladas politicamente. Esses fatores representaram uma “progressiva construção de legitimidade das temáticas LGBT, embora as demonstrações de reconhecimento das questões nas políticas públicas e nos programas de governo apareceram somente nos anos 2000 (FACCHINI, 2009, p.142) ”.

Conquistas bastante significantes para a população LGBT, indicadas na interlocução do movimento com o Estado, representaram a entrada dessas pautas na agenda pública dos Direitos Humanos, resultando na elaboração, lançamento e implementação de diferentes ações, programas, projetos e políticas voltadas para esta população. Mesmo diante dessa conjuntura, muitos ainda são os desafios enfrentados cotidianamente pelos LGBT no que tange a violação de direitos.

A luta pelo reconhecimento dos direitos não é recente, há longo tempo o homem se dedica a reivindicá-los. Uma vez conquistados, devem fazer com que sejam efetivados e não violados. O direito não se conquista sem as lutas, as quais assumem diferentes formas, tal como a denúncia, o debate, o protesto, a resistência. Em consequência, o direito vai sendo construído em determinado contexto social, fruto das transformações da sociedade, podendo significar não só avanços, mas também, retrocessos (SOLCI, 1999).

Conforme Aécio de Matos (2007), a importância da organização social de base é ferramenta fundamental no processo da sociedade democrática, a participação ativa no cenário de gestão política e as estratégias de ação social dessas organizações, são aspectos que se fortalecem juntamente com a “constituição de sujeitos coletivos, como uma unidade autorregulada, se



expressando pelo reconhecimento recíproco e por sentimento de inclusão”, como podemos referenciar na constituição do movimento LGBT no cenário brasileiro.

Assim, a reflexão teórica sobre os sujeitos LGBT se faz necessária, diante dos obstáculos e resistências da sociedade em discuti-los. Estes sujeitos são “rejeitados”/marginalizados na sociedade, por terem práticas e desejos afetivo-sexuais “diferenciados” da lógica padronizadora e discriminatória vigente nas relações entre os indivíduos. Essas normalizações constituem desafios a serem enfrentados e contribuem para a invisibilidade desses sujeitos e, conseqüentemente, a efervescência da discriminação, do preconceito e a não legitimidade desses enquanto cidadãos detentores de direitos (BRAÚNA, 2013).

A possibilidade de refletir, problematizar e identificar a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca da diversidade sexual. Compreender as regulações sociais exercidas sobre os corpos, as práticas e os desejos sexuais que estes estabelecem, assim como, perceber a construção das categorias identitárias e como elas possibilitaram a organização e atuação desses sujeitos enquanto movimento social, são aspectos essenciais para a construção e atuação do Movimento LGBT no cenário contemporâneo, na luta pela efetivação do princípio da universalidade dos direitos humanos e a consolidação de direitos à população LGBT.

### 1.3.3. Espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS

O mercado GLS ascendeu no cenário brasileiro, a partir dos anos 1990, em conjunto com as estratégias de “visibilidade positiva”<sup>14</sup>, com efeitos sociais e políticos, engendradas pelo Movimento GLBT (na época), que favoreceram à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, o compartilhamento de modos de vida e a construção de subjetividade coletiva nos grandes centros das cidades brasileiras<sup>15</sup>. Principalmente no que diz respeito aos investimentos em um mercado de consumo que destina suas atividades à promoção de lazer e sociabilidade a essa população, modificando o cenário de exclusão, possibilitando o acesso a esses serviços, mediante relações econômicas.

A visibilidade da homossexualidade é incrementada também pelo processo de segmentação de mercado, que se torna presentes para todos os grupos sociais: do mesmo jeito que temos a criação de produtos de beleza para peles negras, programas de lazer, turismo e cursos para a “terceira idade”, acompanhamos também o crescimento de um segmento de casas noturnas, bares, revistas, companhias de turismo e de mídia voltados para o público então designado pelos atores do mercado como “GLS”. Isso tem um

<sup>14</sup> Segundo Regina Facchini (2011, p. 194), “entre as diversas contribuições do movimento LGBT para a cidadania dessa “população”, talvez, a que mais se destaque no período mais recente, é a “visibilidade positiva”, não só pelo que significa em termos de rompimento de estigmas e de redução das vulnerabilidades individuais e sociais de sujeitos LGBT, mas pelo papel que isso tem em dar cara e corpo a um sujeito político complexo”.

<sup>15</sup> Isadora Lins França, em sua dissertação de mestrado, publicada em 2006, afirma que: “os estudos que se dedicavam a analisar espaços de sociabilidade vinculados à homossexualidade encontravam como locais privilegiados de pesquisa as grandes cidades, nas quais parecia fervilhar uma ‘vivência homossexual’ intensa. A escolha não fora por acaso: o espaço urbano parecia ser o cenário ideal para que muitos homossexuais se beneficiassem da proteção que zonas marcadas de sociabilidade ofereciam e encontrassem seus pares em meio à variedade de opções de lazer. Nesse contexto, a noção de “gueto” parecia cair como uma luva para o cenário dos espaços de sociabilidade (p. 32).

impacto grande, porque apesar de, nas análises, distinguirmos o que é sociedade civil, mobilizada e organizada e o que é o mercado, esses limites se tornam menos identificáveis no cotidiano: tanto o movimento clamava por “visibilidade positiva” da homossexualidade, quanto os donos de empreendimentos comerciais faziam concretamente certa forma de visibilidade ao identificarem casas, revistas e sites com símbolos conhecidos da diversidade sexual (FACCHINI, 2011, p. 193).

As restrições impostas pela sociedade que relegaram os sujeitos homossexuais à exclusão e marginalidade, contribuíram para que esses sujeitos criassem laços de identidade, redes de sociabilidade, geralmente ligadas aos espaços urbanos, pelo conseqüente crescimento das cidades, e produzissem traços marcantes de uma cultura gay. Júlio Simões e Regina Facchini (2009), salientam a notória expansão e diversificação do chamado “gueto<sup>16</sup>” homossexual:

Não foram apenas saunas, bares, discotecas e casas noturnas que se multiplicaram em número e em variedade de formatos, estilos e serviços. A internet é hoje um importantíssimo espaço para busca de parceiros, trocas, sociabilidade, discussões políticas e comunicação, com suas salas de bate-papo, suas listas de discussão e seus inúmeros e variados portais e páginas dirigidos às múltiplas manifestações das homossexualidades. Apareceram também revistas, jornais, editoras, agências de turismo e de namoro voltados ao público homossexual, assim como eventos culturais variados de celebração da diversidade. Nas paradas, essa exibição exuberante e sedutora do universo LGBT assume a forma de uma visibilidade em massa, potencializando-se, desse modo, como meio de angariar solidariedade social (p. 18-19).

Os espaços de consumo, lazer e sociabilidade, frequentados por sujeitos homossexuais, foram essenciais para a constituição das identidades sexuais não-hegemônicas (BUTLER, 2012) e a organização social desses indivíduos. Por volta da década de 1970, quando o movimento homossexual brasileiro começa a dar seus primeiros passos, alguns relatos literários (SIMÕES; FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2006) evidenciam, na cidade de São Paulo, o caminhar desses sujeitos nos espaços reservados de sociabilidade homossexual - bares, festas, assembleias e reuniões -, mobilizando-se pela construção da identidade homossexual, problematizando e buscando uma organização mais ampla e descentralizada pelo país.

O “gueto” começava a se ampliar através da crescente abertura de espaços de consumo, lazer e sociabilidade. De acordo com Edward MacRae (1990), a inauguração desses estabelecimentos representava uma vitória política em prol da causa dos homossexuais, ao mesmo tempo que, havia alguns impasses por parte do movimento que estabelecia duras críticas à essa inserção social, pautada na lógica do consumo. No Recife, a experiência foi bem aproximada da conjuntura paulista, como afirma Souza Neto (2009):

O movimento homossexual abriu caminhos às novas possibilidades de práticas, vivências e construções de diferentes identidades no campo da sexualidade pernambucana. O modelo heterossexista, pautado na bipolaridade masculino/feminino, tornou-se insuficiente e defasado para explicar e/ou abranger uma gama de “novas” categorias e identidades emergentes. Os espaços de sociabilidade homossexual foram se firmando no centro da cidade e o espaço geográfico recifense começou a ser redesenhado para acomodar e atender a uma demanda de desejos, experiências e práticas sexuais (p. 28).

<sup>16</sup> A noção de “gueto” aqui apreendida é utilizada no sentido defendido por França (2006, p. 33), como uma proposta de enfatizar um “espaço de sociabilidade e a constituição de um sentimento de “comunidade”, ao invés de representar um território que delimita de forma tão clara a circulação dos que com ele se identificam”.



A abertura de um mercado que ampliou as possibilidades de consumo, é aqui referido, não apenas como cenário, mas também como produtor de subjetividades e categorias de identidade. O Mercado GLS<sup>17</sup>, conforme Isadora Lins França (2012b), contribui para a produção de sujeitos, de diferentes categorias, em torno da homossexualidade e faz circular referências e imagens identitárias acerca dos possíveis estilos de vida, favorecendo a construção e reforço de identidades coletivas<sup>18</sup> que servem de referência para a atuação do movimento social.

A afirmação de uma identidade positiva é personificada na ideia do “orgulho”. “O compartilhamento de identidades sexuais e o trabalho com um público que é alvo de preconceitos aproximam militância e mercado”, favorecem este a ganhar teor político no combate à discriminação e o preconceito (FRANÇA, 2012b, p. 230). Essa fortificada relação entre o movimento e a emergência de espaços privados que permitissem a sociabilidade desses sujeitos, contribuiu para a produção de novas expressões, estéticas, materiais e simbólicas, que passaram a corresponder aos estilos de vida dos sujeitos homossexuais em sua pluralidade<sup>19</sup>. Segundo França,

os espaços de consumo e sociabilidade passam a incorporar, em certa medida, elementos dos discursos ativista do orgulho e da visibilidade, explicitando o seu direcionamento a um público de orientação sexual determinada e compartilhando alguns símbolos com o Movimento LGBT, como é o caso da bandeira do arco-íris, que passa a ser comum em lugares “GLS” e em muitas atividades do movimento (2012b, p.230).

Essas circunstâncias passaram a envolver um jogo de interesse que favoreceu ambas as partes, em certa medida: de um lado encontramos um grupo de sujeitos políticos interessados em serem reconhecidos como cidadãos e terem seus direitos garantidos, de outro, aquelas que, além de contribuírem para uma visibilidade positiva dessa população, visualizavam a promissora lucratividade proveniente da ocupação desses sujeitos (consumidores) em seus espaços:

As relações entre os grupos ou associações homossexuais e o mercado passaram a envolver interesses que tendem a ser convergentes, de modo que, aqueles que apresentam determinados atributos identificáveis por tal ou qual denominação passem a utilizá-la preferencialmente para se identificar como cidadãos e consumidores. Neste caso, é possível falar de uma influência mútua, que pode atingir graus variados em diferentes situações. É bastante frequente que jornalistas, escritores, artistas e promotores de eventos

<sup>17</sup> A sigla GLS, que significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes, foi a forma pela qual muitos frequentadores se referiram ao espaço. Segundo França (2006), o surgimento do termo na década de 1990 é correlato ao aparecimento de um mercado direcionado a um público específico. A autora relaciona a categoria a “uma espécie de tradução da ideia norte-americana de *friendly*, o S da sigla indica ‘simpatizantes’, numa intenção de expandir as fronteiras do ‘gueto’, abarcando também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que, de alguma forma, participam desse universo” (p. 2). Portanto, esse é o termo mais popularizado para referir-se a esse mercado no Brasil.

<sup>18</sup> As identidades coletivas aqui serão tomadas a partir de duas posições, como defendem Frederico Machado e Marco Prado (2005, p. 38): 1) formas de significação de uma dada realidade social, a qual impede a uniformidade e a homogeneidade das interpretações sobre a sociedade; e 2) estratégia da organização da ação coletiva, tal como a construção de alianças, laços de solidariedade e pertença entre os indivíduos engajados na mesma ação. O que significa considerarmos a identidade coletiva um processo social de constituição de um conjunto de valores e ações capazes de criar formas de pertença grupal e de criação e sustentação de sentidos da realidade social.

<sup>19</sup> Em conformidade com Mônica Franch (2012, p. 71-72), “a metáfora das cores do arco-íris faz parte da estratégia de luta política, que buscou retirar a homossexualidade do campo das patologias, substituindo as representações negativas desse fenômeno por uma celebração da diversidade sexual. Ao escolher o arco-íris como símbolo emblemático do movimento, o mundo *straight* passaria a ser representado em preto e branco, dicotômico, entediante e cinzento, contrastando com as cores vívidas dos alegres gays, das travestis e *dragqueens*, entre outras várias maneiras de conjugar desejos, atitudes e identidades”.

que atuam no mercado segmentado voltado ao público homossexual identifiquem-se com as modernas categorias de identidade homossexual e reconheçam suas atividades atuais como formas de colaborar para a emancipação dos homossexuais, elevar sua autoestima e fortalecer sua “subcultura” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 149).

Importante pontuar que falamos de um serviço privado, que privilegia um grupo específico dentro de um grupo maior excluído socialmente, que tem a possibilidade de frequentar esses espaços. Portanto, os conhecimentos produzidos nesse trabalho, não têm a pretensão de representar o todo, de fazer jus à experiência de toda a população LGBT. Nesses termos, afirmamos que, por conta das limitações acadêmicas, visibilizaremos a vivência desse grupo, também marcado por intersecções de orientação sexual, identidade de gênero, classe, geração e raça.

Nos importa pensar o que ter uma certa condição econômica pode favorecer ou não, esses sujeitos. Percebemos como aspecto positivo esses espaços oportunizarem a convivência entre os gays, lésbicas e simpatizantes: “a convivência com outros contribui bastante para que se sintam mais assegurados, que suas sexualidades são expressões normais [...], que está inserido em um meio que lhe apoia a viver sua sexualidade de forma livre (SANTANA, 2014, p. 78).

Ao mesmo tempo que, negativamente, a restrição econômica do acesso e, conseqüentemente, a exclusão de determinados sujeitos das experiências de sociabilidade nesses espaços, são marcas da sociedade capitalista, que impossibilitam esses sujeitos, por não gozarem de condições financeiras favoráveis; enfatizando a concepção de que, através do acesso ao mercado e consumo, os sujeitos, as identidades e os estilos de vida ligados às homossexualidades são produzidos e reconhecidos socialmente.

Então, convencionamos nomeá-los como espaços de **consumo, lazer e sociabilidade**, por compreendermos que esses oferecem variadas formas de lazer noturno (por meio dos ambientes, serviços e músicas oferecidas para atrair o público), permitindo que relacionem entre si e com o espaço, por afinidades demarcadas em relação à orientação sexual, performance de gênero, desejos e práticas afetivas e sexuais determinadas, a depender do espaço. Constitui-se, pois, um mercado mediado pelas práticas de consumo, reafirmando os distanciamentos sociais (de geração, cor/raça, classe e outros marcadores) entre aqueles que podem consumir e os que não. Então, a promoção desses espaços está aprisionada aos artifícios do capital, de modo que, faz-se necessário problematizar os acordos e tensões em negociação nessas relações.

Nas principais cidades brasileiras, esses espaços estão localizados nos centros urbanos, fenômeno que, segundo Jamilson Azevedo Soares (2015), ocorreu por conta da era moderna contemporânea, responsável pela reconfiguração dos sentidos socialmente atribuídos aos espaços públicos, que passaram a dar vazão à uma sociabilidade mediada pelas práticas de consumo. Esses centros, geralmente concentram, durante o dia, boa parte das atividades administrativas e comerciais, e à noite, “risadas, brincadeiras, gritos e curras, (invadem as ruas) e as transversais (SOUZA NETO, 2009, p. 26)”; são tomados pela circulação dos grupos segmentados socialmente que se libertam por entre os mais diversos espaços de sociabilidade.

Assim, diferentes sentidos são atribuídos a esses centros, como veremos a partir das reflexões de Normando Viana (2010):

Ao atribuir aos centros das cidades, sobretudo os grandes centros urbanos, diferentes sentidos, entre os quais aqueles que os identificam como lugar de encontro, descoberta do novo, da aventura, meio do caminho, ausência e perda de referência, me pego a pensar que possivelmente essa perda, ou melhor, essa falta, parece possibilitar aos sujeitos que ali transitam alternativas distintas para o experienciar de suas existências. Nesse sentido, não seria obra do acaso considerar que, no âmbito da sexualidade, os centros urbanos sejam reconhecidos como espaço predileto para a “caça” de parceiros sexuais, talvez pelo fato dessas pessoas não estarem ligadas a esses territórios por laços familiares e/ou, exclusivamente, financeiros. Sendo assim, (a circulação dos mais diversos sujeitos) corroboram para a identificação dos centros urbanos como lócus propícios para a “imoralidade” (p. 37).

A ocupação desses espaços imprime, nos sujeitos frequentadores, aspectos que contribuem na construção das performances e subjetividades à medida que, as limitações geográficas e os sentidos coletivamente atribuídos, transferem àqueles que o circulam, significados e sentidos apropriados e transformados em um modo próprio de viver e existir (VIANA, 2010). As trocas interacionais estabelecidas imprimem uma dinâmica particular, compartilhada pelos valores culturais diversos que ali circulam, determinando a inclusão e exclusão de determinados indivíduos, a depender de sua identificação com o estilo coletivo. Como podemos verificar nas reflexões de Anne Gabriele Sousa (2006):

Estes universos permitiram uma aproximação entre iguais, ou semelhantes, possibilitando-lhes um tipo de interação baseada em práticas sociais, laços pessoais e marcas de uso e significado que permeiam formações societárias peculiares. As diversas formas de sociabilidade que agregam indivíduos em segmentos sociais específicos, colocando em evidência diferenças culturais, estilos e valores sociais específicos, encontram maior visibilidade nas práticas de lazer nos espaços urbanos. As modalidades de lazer na cidade se situam, nesta perspectiva, como oportunidade dos indivíduos urbanos exercitarem suas regras de reconhecimento e identificação para com seus semelhantes, processo que garante a manutenção da rede de sociabilidade (p. 47).

A respeito desses espaços, nos dedicamos exclusivamente aos **bares e boates** que, compartilhando as afirmações de Sandro da Silva (2011), são ambientes que, além de favorecerem a visibilidade desses sujeitos, são aceitos e legitimados socialmente, pela dinâmica estabelecida e pela possibilidade de pessoas das mais diversas identidades sexuais, os frequentarem:

Em grande medida, foi uma das estratégias empregadas pelos grupos militantes, de integração em todos os ambientes passíveis de visibilidade e moralmente aceitos. Além disso, ao contrário de determinados lugares como parques, ruas, becos e cinemas onde a “pegação” acontecia, mas possuíam os estigmas da clandestinidade e promiscuidade. Em alguns bares (e boates), pelo contrário a convivência com demonstrações de afetos entre homens pareciam sofrer menos hostilidade. Tanto os bares, como as discotecas [...] eram espaços onde o “*coming out of the closet*” se concretizava por representar, mesmo que no âmbito privado, a possibilidade de expressar a sexualidade de maneira menos estigmatizada e clandestina, na frente de outros indivíduos que não eram homossexuais (p. 182).

No que concerne ao **mercado**, continuaremos fazendo referência ao termo **GLS** – gays, lésbicas e simpatizantes -, conforme as indicações de Isadora Lins França (2009), por entendermos que esses espaços destinam suas atividades, tanto para a vivência expressiva de gays e lésbicas,

como para aqueles que não se identificam com essas identidades sexuais, mas se sentem à vontade em frequentar esses espaços, constituindo-se a letra “S” (simpatizante) da sigla. Em nossa concepção, isso se configura como uma estratégia do mercado de consumo de não limitar o público consumidor e permitir a todos que desejarem, usufruir das festas e dos modos de vida homossexual.

É também perceptível, ao longo dos últimos anos, não apenas um crescente investimento nesse mercado, mas uma diversificação dos ambientes e das atrações oferecidas, que implicam na diversidade do público frequentador. Assim como, o intensivo investimento em diferentes bens, produtos e serviços exclusivos a esse público, como bem observa França (2012a):

No que concerne ao mercado relacionado à homossexualidade, não se verificam apenas um aumento do número de estabelecimentos que compunham o antigo “gueto” e uma nova profusão de categorias de identidade, mas também a transformação mais incisiva em direção à diversificação de iniciativas comerciais conectadas aos seus respectivos públicos, maior visibilidade e ocupação mais variada no espaço urbano (p. 18).

Desses investimentos empreendidos pelo mercado GLS, nosso estudo se dedica aos tradicionais espaços de sociabilidade privados, os bares e boates, que, ao longo da constituição do Movimento LGBT Brasileiro, foi cenário e agenciador de subjetividades dos sujeitos que os frequentavam, desde a década de 1970, como temos registro nas produções acadêmicas aqui apresentadas sobre a temática.

Com relação ao **público** frequentador, de forma geral, os referenciaremos enquanto sujeitos **LGBT** – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais -, com a finalidade de respeitar as identidades sexuais e de gênero e ultrapassar as limitações determinadas pela sigla GLS. Reconhecendo que as diversas letras frequentam esses ambientes, mesmo não tendo tanta visibilidade e atenção nesse mercado, ou não os perceberem enquanto passíveis de sua sociabilização. Isto nos permite refletir que o público também está em constante agenciamento com esses espaços, seja frequentando, ignorando ou não se limitando exclusivamente a conviverem neles, possibilitando-se circular pelos mais diversos lugares.

Nesse contexto, é preciso refletir a lógica imposta pelo mercado, de que os gays e lésbicas são consumidores em potencial e “possuem uma vida noturna mais assídua (SILVA, 2008, p. 124)”. E, a concepção desses espaços como um direcionamento para o reconhecimento e visibilidade social. Portanto, o mercado GLS, além de contribuir para a construção das identidades e empatia entre os LGBT contemporâneos, agencia e ratifica outros marcadores de diferença construídos socialmente, que, por vezes, incluem, excluem e/ou marginalizam esses sujeitos.

Assim, esta dissertação visualiza como essencial, compreender e produzir uma versão das histórias de conformação dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade que, atualmente, compõem o circuito GLS do centro da cidade do Recife, com a pretensão de entender as motivações e trajetórias que os consolidaram, assim como, problematizar a relação, os acordos e tensões, entre mercado e sociabilidade destinados à população LGBT.

## *Dança*

### **2. DANÇA METODOLÓGICA ENTRE RITMOS E COMPASSOS:**

---

Para além do passo a passo<sup>20</sup>.

*“Mais do que doce é saber que tudo se move a nossa volta,  
tudo se transforma e, até mesmo quando recusamos  
acompanhar a dança da vida, sem percebermos,  
ela nos tira para dançar, nos envolve em um ritmo novo.*

*Quando isso acontece?  
Quando nos abrimos para a magia de viver  
e respirar as entrelinhas, os silêncios”.*

(Caio Fernando Abreu)

Deixar-se envolver! Essa foi a frase inspiradora, ouvida em diferentes vozes, que me acompanhou em inúmeras noites de insônia, na busca contínua por uma definição coerente à escuta do outro ou, mais precisamente, com o outro, respeitando e estimulando ritmos e compassos. Tenho memória dessas noites desde o período pré-banca de qualificação e a imensa aflição em submeter o projeto da dissertação até passar, de vez, por essa etapa. Mesmo ouvindo dos meus pares que era um processo tranquilo e enriquecedor, só me tranquilizaria após passar por ele. E assim, após a qualificação, tive a certeza do quão contributiva foi para o avançar da pesquisa.

Portanto, iniciarei este capítulo, versando sobre os delineamentos desse estudo pós-banca de qualificação. Em seguida, explanarei os passos para o desenvolvimento da pesquisa de campo, que compreenderam a metodologia adotada, as estratégias no campo-tema, o conhecimento coproduzido, até o desenho da técnica qualitativa de análise.

Partindo do entendimento do método não como um meio para chegar-se a um fim, mas como um caminho, que muda, orienta, distorce, desorienta, nos comprometemos em construir uma história detalhada. Propomo-nos, portanto, a narrar processualmente como ocorreu esta etapa da pesquisa, vislumbrando dar a atenção necessária ao caminho percorrido e as escolhas, no jogo ético, estético e político da produção do conhecimento, de forma a produzir uma narrativa sobre as decisões e o percurso da pesquisa desenvolvida. Pretendemos, assim, favorecer a construção de um diálogo acessível, de fácil compreensão, às pessoas que se interessarem por essa discussão. Esta proposta está alinhada às reflexões de Peter Spink (2003) sobre fazer pesquisa:

Contar histórias faz parte do processo de pesquisa e contar histórias é também uma ação importante na vida cotidiana. Nós contamos histórias e nós nos tornamos as histórias que nós contamos. Os contadores e contadoras de histórias nos contam sobre valores, sobre heróis, heroínas, sobre o passado e sobre o presente, para que possamos vir a ser as histórias que são contadas (p.22).

Nossa construção narrativa percorre o momento literário compreendido por Diana Klinger (2012), inspirada em Michael Foucault, como “a escrita de si”. Esta compreende os “discursos

---

<sup>20</sup> Este título foi inspirado na proposta de “dança metodológica”, de Edna Granja (2008), para quem os procedimentos não são uma sequência encadeada de passos, mas um “ir e vir” de movimentos, nem sempre lineares ou evolutivos.

recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação” (p. 23), e também, como “outras formas modernas que compõem uma certa ‘constelação autobiográfica’: memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu”, contribuindo para “formação de si” (p. 34).

O retorno do autor é considerado o momento em que prevalece uma “relação do texto com o sujeito da escrita, quer dizer, no modo como o texto aponta para essa figura que é exterior e anterior a ele”. O sujeito da escrita é, assim, resultado de uma construção textual e existencial – na dimensão da vida – e assim, faz-se presente em “sua própria linguagem” (KLINGER, 2012, p. 28-29). A referência na primeira pessoa do singular, na qual o sujeito narra a partir de suas vivências e observações subjetivas, será encontrada no decorrer desse texto por entre as referentes ações na terceira pessoa do plural. Usaremos esses dois formatos, por entendermos que esse estudo foi possível não só pela minha dedicação a essa pesquisa nesses dois anos de mestrado, mas também pela contribuição de diferentes pessoas que se sentiram mobilizadas pelo tema. Portanto, é, ao mesmo tempo, uma produção autoral, mas também coletiva.

Nesses termos, compreendemos também que a produção do conhecimento não tem por fim resultar em uma verdade absoluta e imutável, pelo contrário, é uma tentativa de contribuir com a constituição de saberes que se ampliam, se cruzam, complementam ou se distanciam. Pretendemos contar essa história, como se estivéssemos entre amigas e (des)conhecidas, na mesa de bar, tomando uns bons drinks, atentos a todos os detalhes, em meio a olhares curiosos e interessados, na espera do som das risadas e dos comentários compreensivos. De forma tal, que as pessoas da mesa ao lado, as funcionárias do espaço e, até mesmo, outras pessoas que circulam nele sintam-se atraídas pelo papo. Mas, obviamente, esta produção discursiva tem um contexto e um endereçamento: a produção acadêmica. Ou seja, essa narrativa também será produzida respeitando orientações éticas em pesquisas com seres humanos e tomará os devidos cuidados em termos de tornar o texto passível de questionamentos e críticas.

## 2.1. – Trocando passos: do objeto qualificado ao problema de pesquisa estudado.

Poderíamos começar essa história com a típica frase: “Era uma vez...” Mas não o faremos! Não queremos gerar a expectativa comum em histórias que começam assim e que tendem, no final, a reforçar a heteronormatividade<sup>21</sup> e/ou a disputa entre o bem e o mal, como nas histórias infantis marcadas por um “Felizes para Sempre”. Como se trata de uma dança, começaremos com um grito que celebra o início do convite a bailar: VAMOS DANÇAR!

Alguns passos atrás: no dia 16 de dezembro de 2014 às 10h, aconteceu a Banca de Qualificação, com a minha presença, do Orientador Dr. Benedito Medrado, das Examinadoras - Interna Dr. Rosineide Cordeiro e Externa Dr. Isadora Lins França, via Skype -, e algumas companheiras do GEMA/UFPE, Marianna Almeida, Celestino Galvão e Thaíssa Machado.

---

<sup>21</sup> Sobre esse conceito ver: Richard Miskolci (2007); Judith Butler (2000).



Em meio ao nervosismo e à angústia de sermos avaliados, nos concentramos na importância daquele momento e no quão valiosas poderiam ser as contribuições da banca para o desenrolar da pesquisa. Os comentários tecidos, a escuta atenta e as anotações realizadas a partir das sugestões da banca, ampliaram as possibilidades de caminhos a serem trilhados, ao mesmo tempo que, reforçaram a necessidade de encontrar afinidades entre o ritmo escolhido e os passos que seriam executados. Inúmeras interrogações acenderam como alertas em nossos pensamentos e não sossegávamos até que, minimamente, surgissem exclamações favoráveis à pesquisa.

O que mudou? No Projeto de Qualificação a pesquisa tinha como pretensão produzir memórias sobre o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) em Pernambuco, tendo como foco principal, a relação entre os espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT em Recife e a produção de sentidos sobre participação política, por meio da realização de entrevistas narrativas com sujeitos LGBT que fossem referência histórica de atuação no movimento em Pernambuco, pensando em produzir uma versão recifense da história dessa organização da sociedade civil. E, com a já relatada contribuição da banca, as orientações individuais e coletivas, as reuniões do Núcleo de Pesquisa e as inquietações em avançar no estudo, nos permitiram tecer escolhas, desapegar de alguns caminhos e nos apegar àqueles que nos pareceu a ligação mais concisa entre o ritmo e os passos dessa dança.

Três passos adiante: depois de muito reboledo, planejamos a pesquisa, definindo como intenção do estudo produzir memória sobre a conformação dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT, aliadas à perspectiva de problematizar os acordos e tensões entre o mercado e a sociabilidade voltada para esse público, por meio do diálogo com interlocutoras privilegiadas dos espaços localizados no Centro da Cidade do Recife. Esta precisão no recorte da pesquisa foi orientada, principalmente, tendo em vista a viabilidade, considerando o tempo de desenvolvimento de uma dissertação de mestrado.

## 2.2.- Dança: Afinidades com o Campo-Tema.

A noção de “pesquisa de campo” que trabalhamos tem como referência os argumentos defendidos por Peter Spink (2003), no artigo “Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista”. Segundo este autor, o campo é algo pré-existente, pois pressupomos já estarmos no campo pelo fato de já estarmos inserido no tema. Trata-se, portanto, da busca por localizarmos “psicossocial e territorialmente mais próximos das partes e lugares mais densos das múltiplas interseções e interfaces críticas do campo-tema<sup>22</sup> onde as práticas discursivas se confrontem e se tornem reconhecíveis” (p. 36).

O campo, para a psicologia social, proposta por Spink (2003), começa desde quando estamos inseridos na temática. Desse modo, no momento próprio em que nos interessamos pelos

---

<sup>22</sup> A noção de campo-tema, impulsiona a reflexão de que o campo não é mais o lugar específico da vida cotidiana em que acontecem as pesquisas, mas se refere à processualidade de temas situados (SPINK, 2003, p. 18).

estudos sobre a sociabilidade da população LGBT já estávamos imersos no campo e, os passos seguintes, compõem a trajetória que envolve todo processo de pesquisa. Ainda nos posicionando de acordo com Peter Spink (2003):

Campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades [...] O campo-tema não é um aquário que olhamos do outro lado do vidro; é algo do qual fazemos parte desde o primeiro momento em que dissemos, “estou trabalhando com...” (p. 36).

A aproximação com o campo-tema tem registros importantes na minha trajetória acadêmica e política já relatada na introdução. Então, embebido nesses primeiros passos, compartilho as trajetórias percorridas, as muitas idas e vindas, que compreenderam todo o processo de desenvolvimento da presente pesquisa.

### 2.3. – Sintonia entre ritmos e passos: Desenvolvimento da pesquisa.

Narrada a aproximação com o campo-tema, descreveremos, a partir desta, os caminhos percorridos no desenvolvimento da pesquisa, realçando os aspectos essenciais e lembrando escolhas, dificuldades, acertos e agenciamentos realizados para que a pesquisa de campo fosse concluída e a sintonia entre ritmos e passos estivesse em equilíbrio.

Envolvidos nessa ideia de construção de memórias, decidimos, inicialmente, mapear os espaços voltados à população LGBT, localizados no centro da cidade do Recife. E, para isso, pensamos em localizar referências a esses espaços na coluna “Mundo Guei” do Jornal Diário da Noite que circulava pela cidade durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, publicada aos sábados, voltada exclusivamente para o tema da “vida guei” em Recife. Conhecemos esse material, mais profundamente, por meio da pesquisa de mestrado de Aida Carneiro (2015)<sup>23</sup>, companheira de turma, do GEMA, das viagens e bares. Das matérias encontradas nesse material jornalístico, quatro indicavam aos leitores lugares ideais para aqueles que queriam se “entrosar na vida guei de Recife”. Segue o trecho de uma delas:

Quem vem ao Recife e quer se entrosar na vida guei da cidade, não precisa de guia ou cicerone, pois tudo aqui funciona às caladas, sem camuflagem. Nosso movimento guei está cada dia melhor e mais aberto. O pessoal está nas ruas, aos bandos, em revoadas nas

<sup>23</sup> A pesquisa em desenvolvimento, conforme informações disponíveis no Projeto de Qualificação defendido, iniciou com a análise documental do jornal Diário da Noite no período de outubro de 1979 a abril de 1980, momento de circulação da seção *Mundo Guei*, veiculada aos sábados e voltada diretamente para a temática das homossexualidades. O jornal vespertino fez parte do grupo empresarial Jornal do Commercio de Comunicação, que circulou no Recife até o início dos anos 1980. O acervo encontra-se no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), localizado na Rua do Imperador D. Pedro II, nº 371, no bairro de Santo Antônio, região central do Recife - Pernambuco. Após um longo processo de sistematização e digitalização das matérias, há um total de 119, delas 33 são da coluna “Mundo Guei” e 86 matérias estão distribuídas ao longo do jornal, em colunas diversas, mas que dialogam com a temática da diversidade sexual.



noites de sexta e sábado pelas ruas centrais. É só observá-los bem, pois seus movimentos levam sempre às boates e bares onde eles dominam. Como diz um dos nossos jornalistas: “A população já se acostumou a vê-los desfilar pelas ruas, descontraídos, mais soltos que pensamento de anistiados, e tão perdidos quanto o rumo do Skylab”. Temos boates e bares exclusivamente gueis, como também recantos, restaurantes e bares onde não há exclusividade, mas existe grande porcentagem de pessoas entendidas e assumidas, muito aceitas e curtindo as suas. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 20/10/1979, p. 04).

Após uma leitura minuciosa das matérias, com o intuito de apreender quais os lugares indicados que constituíam o roteiro “guei” da época, encontramos o trecho a seguir, que cita alguns desses espaços frequentados pelo público homossexual por volta dos anos 1970-80:

Sem sair do Centro, há três opções, em matéria de boates – discotéques, exclusivamente gueis. A mais nova e requintada é a MISTY: fica na rua do Riachuelo, em frente à Faculdade de Direito. VOGUE e STOCK ficam juntas, no primeiro andar do edifício Novo Recife, à rua da União por trás do Cine São Luis. Ambientes pequenos, mas muito agradáveis, com muita gente disponível. [...] Um bar grande, espaço, ao ar livre na avenida principal da cidade - Conde da Boa Vista -, lotado de gueis de ambos os sexos aos sábados e domingos, com namoros e pegações à bandeiras despregadas, é o MUSTANG. A paquera motorizada é intensa. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 20/10/1979, p. 04).

Verificamos que três dos quatro lugares referenciados nas matérias não se encontram em funcionamento na atualidade, a *Misty*, a *Vogue* e a *Stock*. O único que permanece aberto até os dias atuais é o bar *Mustang* ou “*Mustangay*”, como ficou popularmente conhecido, localizado na movimentada Av. Conde da Boa Vista, no centro do Recife. Este espaço era um dos principais locais frequentados por homossexuais na época, mesmo não se apresentando como um local destinado a este público. Tem uma grande importância na história sobre a sociabilidade homossexual no Recife e do movimento homossexual local, que se apoderava da localização privilegiada, para favorecer a visibilidade positiva da vivência homossexual. Como relata Sandro da Silva (2011, p. 185):

Geralmente os locais de “deriva” homossexual mantinham uma relativa proximidade territorial entre si, facilitando os deslocamentos dos sujeitos entre as *boates*, as lanchonetes, os cinemas e os bares. Destes, o bar *Mustang* era um dos principais, localizado numa loja térrea do edifício Ambassador, na Av. Conde da Boa Vista, esquina com a antiga loja Mesbla, hoje Riachuelo. Embora não fosse um local voltado para o público homossexual, este se fazia presente como sugere a alcunha dada ao bar: *Mustangay*. Ele se prestava a uma das estratégias empregadas pelos grupos militantes, que era a de integração em todos os ambientes passíveis de visibilidade. Ele foi um espaço fundamental para esse tipo de empreitada, a começar pela sua localização ser a movimentada Av. Conde da Boa Vista. Apesar de ser um bar “misto”, ele é descrito como um local privilegiado do circuito da “pegação”. (2011, p. 185).

Mesmo sendo referência histórica nas diversas produções sobre a sociabilidade homossexual no Recife, o *Mustang* passou por muitas reformas conjunturais e estruturais e, atualmente se apresenta como um restaurante e pizzaria funcionando em horário comercial, com mesas e cadeiras dispostas em todo o espaço, servem pratos típicos e regionais e uma música ambiente completamente abafada pelas conversas em tom alto nas diferentes mesas. Sobre a população LGBT, o espaço é reconhecido por negar ser destinado a esse público mesmo com a significativa persistência de gays e lésbicas em frequentá-lo. É também, palco de diversos casos

de homofobia por parte da gestão, como no caso do “beijaço<sup>24</sup>” ocorrido em 2005 em frente ao estabelecimento. Esse ato público reuniu cerca de 200 pessoas que se organizaram em resposta à denúncia de uma jovem lésbica que sofreu censura por ter beijado a companheira, através da prerrogativa de que estavam constringendo os clientes, de acordo com a afirmação do gerente do espaço. Essa iniciativa, é respaldado jurídico-formalmente pela Lei Municipal 17025/04 que pune toda e qualquer ato discriminatório aos homossexuais, bissexuais e transgêneros (ALEPE, SÁBADO, 17/09/2005, p.01)<sup>25</sup>.

Diante desse e outros episódios, podemos observar a pouca frequência da população LGBT que passou a adotar outros espaços em que se sentiram acolhidas. Assim, escolhemos não realizar nosso estudo nesse local, por não corresponder aos interesses da pesquisa por bares e boates voltados ao lazer noturno e destinados à população LGBT, mesmo reconhecendo sua importância histórica na sociabilidade LGBT de Pernambuco. Importante perceber que o *Mustang* contrapõe momentos históricos, na década de 1980 era um espaço importante para o movimento homossexual (na época) e, atualmente, não é um espaço tão assiduamente frequentado por gays e lésbicas.

Em meio a tantos encontros de orientação, reuniões coletivas, troca de e-mails, despertamos, como outra possibilidade, contribuir com a constituição da memória de um espaço de sociabilidade voltado para o público homossexual da década de 1970, que não encontramos nas matérias jornalísticas: o *Kibe Lanches*, liderado pelo “Barão” Luís Amaro da Silva, que permanece aberto até os dias atuais e está localizado na Av. Herculano Bandeira, no Pina, subúrbio do Recife, considerado um dos precursores espaços destinados ao público homossexual na cidade.

Em conversas informais com algumas pessoas do movimento LGBT, com outras que vivenciaram a época e algumas pesquisas na internet, tivemos a informação de que o Kibe, em suas atividades noturnas, oferecia shows com humoristas, *boys*<sup>26</sup> e transformistas<sup>27</sup>, de forte apelo

---

<sup>24</sup> Inspirados na ideia norte-americana do “Kiss-in” protagonizada pelo movimento LGBT, os “beijaços” são estratégias de reivindicação utilizada pelos ativistas LGBT como combate ao preconceito e discriminação enfrentado pelos sujeitos de orientação sexual e identidade de gênero diferente dos padrões social e culturalmente estabelecidos. Neste tipo de intervenção, os ativistas LGBT beijam-se em espaços públicos ou privados onde ocorreram episódios de discriminação, como uma “demonstração pública de afeto entre homossexuais, nesses locais em que a prática é coibida, buscando visibilidade para esse público” (SIMÕES; FRANÇA. 2005, p. 11). Segundo Isadora França (2012b), os “beijaços” em bares e restaurantes, não explicitamente direcionados a gays e lésbicas, mas frequentados por esse público, podem ser interpretados na direção das reivindicações por usufruto pleno de espaços de lazer e consumo, e têm se tornado cada vez mais comuns desde meados da década de 1990, sinalizando uma atitude em direção à visibilidade e à exigência de igualdade de tratamento em espaços públicos. Muito constantemente, tais manifestações, mesmo que encampadas pelo movimento LGBT, derivam da organização dos próprios frequentadores dos lugares, que se utilizam de mensagens de denúncia na internet ou mesmo da mídia segmentada.

<sup>25</sup> Link da notícia no site da Assembleia Legislativa de Pernambuco: <http://www.alepe.pe.gov.br/clipping /protesto-foi-contra-a-expulsao-de-cas/>. Acessado em: 03/11/2015.

<sup>26</sup> Os boys são homens que, geralmente, se dizem heterossexuais e com uma performance viril, mas que mantêm práticas sexuais com outros homens. Seguindo as reflexões de Normando Viana (2010,p.37), na prostituição, tanto em espaços de domínio público quanto de domínio privado, os homens que realizam as transações sexuais por dinheiro se autoidentificam e se nomeiam como tal.

<sup>27</sup> Conforme Marina Mesquita (2011, p. 2), as transformistas procuram se aproximar o máximo das qualidades culturalmente atribuídas à mulher. É comum se inspirarem em divas do cinema (e da música), para adequação aos padrões femininos de beleza e sensualidade vigentes. Os corpos (geralmente) são feminillizados em dias de festa e espetáculos, através de perucas, enchimentos no busto, quadris e nádegas, além das roupas, acessórios e maquiagens.

homoerótico, na área dos fundos do restaurante, conhecido como “Recanto dos Artistas”, frequentado, na época, por intelectuais, atores, “bichas”<sup>28</sup> e “michês”<sup>29</sup>. Com a criação do Centro Cultural Polo Pina, na década de 1990, pela Prefeitura do Recife, o público mudou e, por consequência, a dinâmica do espaço também. Atualmente, a parte da frente funciona com um restaurante e a parte de trás, onde funcionava o recanto dos artistas, mantém-se eventualmente como um espaço para apresentações teatrais.

Realizei algumas visitas, na intenção de perceber se realmente as atividades no interior do restaurante haviam sido encerradas. Em meio a tantas passagens em frente ao estabelecimento, duas visitas foram marcantes, uma a tarde e outra à noite. Na primeira visita, encontrei as portas abertas, cadeiras dispostas ao funcionamento, o tal Barão sentado à frente do Kibe Lanches. E, após cumprimentá-lo, entrei no estabelecimento. Como o nome, observei que o espaço funciona de forma qual uma lanchonete – lanches e bebidas comuns ao gosto regional. Comprei uma água e aproveitei a oportunidade para fazer algumas perguntas à funcionária, indaguei sobre o funcionamento do espaço por trás do restaurante e ela respondeu que era conhecido como o Recanto dos Artistas e que havia fechado há um tempo pela baixa movimentação de clientes. Perguntei há quanto tempo existia o Kibe, e ela me informou que desde a década de 70 e que aconteciam muitas festas noturnas no Recanto sob o comando do Barão, com a presença de um público bem diversificado.

Na segunda, apenas circulava pelos arredores do Kibe, por uns 30 minutos, para observar a movimentação dos clientes. O cenário era de baixa iluminação (bem escuro, apenas a luz de uma tv ligada), uma das portas fechadas (tipo garagem em duas partes), apenas duas pessoas sentadas nas cadeiras na frente do estabelecimento. A figura do “Barão” não se encontrava na porta como de costume e, no período que fiquei observando, nenhuma movimentação de clientes ou de funcionamento aos fundos. Optei por não entrar, nem conversar com as pessoas. Estava sozinho e não me senti confiante pelo cenário que me apresentava. Fiz alguns registros fotográficos, ainda que tímidos, mesmo diante dos olhares desconfiados das duas pessoas sentadas à porta.

Na semana seguinte, passei por diversas vezes na frente do espaço, em horários distintos e me deparava com as portas fechadas. Até que Benedito Medrado, orientador dessa pesquisa, ao participar de um evento no Teatro Barreto Júnior, próximo ao Kibe Lanches, foi ao local e recebeu a notícia, através de um parente do “Barão”, de que realmente as atividades noturnas tinham sido

---

<sup>28</sup> De acordo com Júlio Simões e Isadora França (2005), as “bichas qua-quá”, “bichas poc-poc”, “bichas um-real” – são termos pejorativos, quase “categorias de acusação”, que pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e afeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal. [...] Neste público proliferam as gírias dos frequentadores de clubes de música eletrônica, marcadas pelo uso de termos em inglês e que configuram uma “linguagem própria”, inacessível aos “de fora”. Essa relação anafórica cria ambiguidade: os de fora ou os outros, em especial, que se valem de termos como “bichas quá-quá”, são (os mesmos) que, em contrapartida, são chamados ou acusados de “bichas finas” ou “bichas ultralounge” – termo que virou referência para designar a clientela homossexual composta de “finos, modernos e bacanas” (p. 8; 12).

<sup>29</sup> Segundo França (2006, p. 245) os michês são garotos de programa que não necessariamente identificam-se como homossexuais e que, na maioria das vezes, adotam uma aparência bastante viril.

encerradas, e que “o Barão” estava hospitalizado. Portanto, diante das dificuldades de acesso à figura pública de maior relevância do estabelecimento no período da pesquisa, “o Barão”, optamos por abandonar esse caminho e trilhar uma nova estratégia para o estudo.

Todas as atenções voltaram-se para a criação de um planejamento estratégico, no período de fim de janeiro e início de fevereiro de 2015, com o propósito de localizar o campo-tema, as interlocutoras, o método de entrevista, enfim, todos os passos relevantes para a pesquisa de campo. Após algumas orientações, noites mal dormidas e inúmeras interrogações sobre que caminho seguir, encontro, em meus materiais de estudo, o Guia Gay Recife, que adquiri na recepção de uma boate, no período pré-carnavalesco, e que tive acesso por já estar inserido no campo-tema e pela minha vivência enquanto gay e consumidor de alguns desses lugares. Nessas circunstâncias, surgiu a ideia de situar nosso caminho mais estruturado de pesquisa no Circuito de gays, lésbicas e simpatizantes (GLS) do Recife, localizado no centro do Recife.

### 2.3.1. – Guia Gay Recife.

O Guia Gay Recife, utilizado nesse estudo como uma fonte material, define-se como um “Guia voltado a moradores e a visitantes LGBT do Recife. E, há informações sobre praias, boates, restaurantes, saunas gays e outros estabelecimentos”. É publicado periodicamente, com roteiro escrito em dois idiomas, inglês e português, pelo seu uso turístico, e é produzido pela Guiya Editora<sup>30</sup>, associada à Associação brasileira de turismo para gays, lésbicas e simpatizantes (ABRAT GLS), com “uma tiragem de 4.500 livretos, distribuídos em 45 locais LGBT e hotéis da cidade”, como também disponível *on line* no site da editora responsável pelo material<sup>31</sup>.

O folheto que tivemos acesso corresponde à terceira edição que circulou pela cidade no período de novembro de 2014 a janeiro de 2015 (a primeira edição foi em 2013). Nele, contém uma relação de bares e clubes (boates), além shoppings, sorveteria e restaurantes voltados para o público GLS, em sua maioria o público gay masculino, espalhados pela cidade do Recife. Apresenta informações descritivas do lugar, o endereço, o estilo musical, os dias e horários de funcionamento e os valores de entrada, a depender do estabelecimento (Ver imagens em anexos).

Em todo o guia existe apenas uma seção voltada para o público lésbico, denominada PARA ELAS/FOR LESBIANS contendo a indicação de um único lugar passível à frequência de mulheres. Segundo o guia, todo os outros espaços de consumo, lazer e sociabilidade são destinados à frequência dos homens gays da cidade e os que a estão visitando.

---

<sup>30</sup> A Guiya Editora se identifica como a primeira e única editora dedicada a guias gays impressos e on-line de capitais brasileiras. Faz parte de uma rede nacional cujo portfólio integra as cidades de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Florianópolis e Recife. O link de acesso ao site da empresa é: <http://www.issuu.com/guiya-editora>.

<sup>31</sup> Essas informações foram capturadas da Fanpage do Guia Gay Recife. Na rede social Facebook, o link de acesso é: <https://www.facebook.com/guiagayrecife>.

Apesar de se definir com um guia que contém informações destinadas à população LGBT, o material se apresenta voltado mais diretamente para os homossexuais masculinos, a começar pelo nome, como também: pela divulgação de marcas de cueca, vestidas por homens brancos e musculosos; estabelecimentos de venda de suplementação alimentar; higienizador íntimo desenvolvido para substituir a tradicional “chuca”<sup>32</sup>; dicas para os homens de como curtir a sauna; dentre outras informações que deixam claramente evidente o público que se disputa atenção. Mesmo existindo uma breve seção destinada às mulheres lésbicas, e nada específico para o público bissexual, travestis ou transexuais.

Por fim, problematizar o Guia Gay não é o foco dessa pesquisa, mesmo reconhecendo que esta análise é bastante relevante para a compreensão dos espaços que são citados nesse guia, mas, deixamos este estudo específico para outras interessadas. O que nos interessou, no momento da pesquisa, foi o fato deste material contribuir como fonte primária para a definição dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade estudados. Que lugares são esses? Quais os critérios de escolha? São informações que trazemos na sequência.

### 2.3.2. – Centro do Recife, Avenida Conde da Boa Vista ou Boa Bicha?

A partir da leitura dos locais indicados no Guia e do conhecimento prévio sobre os locais com grande frequência da população LGBT, através de nossa vivência e de outros integrantes do grupo de pesquisa, optamos por aqueles localizados no centro da cidade do Recife, dada sua abrangência e diversidade, bem como o fato de estarem ali sediados os estabelecimentos mais antigos da cidade, o que lhe confere uma dimensão simbólica particular.

As diferentes formas de sociabilidade no centro do Recife são decorrentes dos modos de vida urbano que foram se desenvolvendo no local, desde as atividades portuárias, no período colonial até a contemporaneidade. Essas formas se diferenciam por meio da apropriação e dos sentidos que os diferentes grupos sociais que circulavam/circulam produziram/produzem nesse espaço público. O erotismo e a sexualidade, como afirma Isadora Lins França (2013), são exemplos desses sentidos produzidos:

No caso do Recife, não me parece que seja possível desconsiderar que já nasce na confluência de trocas e disputas coloniais. Não seria de estranhar que a combinação entre trânsito comercial intenso, densidade de gente circulando e hierarquias e desigualdades envolvendo raça/cor e gênero, pelo menos, envolvesse também sexualidade como vetor. Por outro lado, seria ingenuidade crer que narrativas como as de Gilberto Freyre [...] para se referir ao Recife do período colonial, *não tenham* desempenhado também um papel na construção das marcas simbólicas da cidade ou mesmo de uma ideia de nação que tem na sexualidade um forte componente (p.17).

<sup>32</sup> Na linguagem popular às LGBT, a “chuca” é um tipo de lavagem do canal retal realizada previamente à prática da penetração anal. Acontece por meio da introdução e expedição de líquido, geralmente água, até que não mais apresente resíduos fecais, com fins de não “sujar” o pênis ou qualquer outro objeto / instrumento introduzido no ânus durante a atividade sexual. Uma prática bem higienista.

Uma narrativa erótica que nos ajuda a compreender essas marcas simbólicas construídas na (e sobre a) cidade do Recife é a escrita por Túlio Carella (2011), um dramaturgo e escritor argentino que, durante sua estada no Recife, no início do ano de 1960, escreveu em seu diário íntimo a sua entrega à vida homoerótica no centro da cidade: “Na atmosfera do Recife respira-se sexo puro e eu estou me intoxicando” (p. 155). Esses registros deram origem ao livro “Orgia: os diários de Túlio Carella”, descrito, da seguinte maneira, por Isadora França (2013):

Carella erra pela cidade, numa espécie de deriva, em que se engaja em trocas com outros homens que, percebendo sua classe social, cor/raça e procedência, além do seu gestual mais delicado – ou talvez denotando outra origem social – o abordam constantemente. Não se pode desvincular o espaço urbano do percurso pleno de voyeurismo, de contatos furtivos e de trocas sutis na narrativa de Carella: nosso estrangeiro no Recife envolve-se numa prazerosa deriva, movendo-se entre galerias, o cais de Santa Rita, o banheiro público do Mercado de São José e as ruas da Boa Vista (p. 18).

Utilizando-se de um narrador fictício, o professor Lúcio Ginarte, dotado de características semelhantes ao próprio autor, Carella narra suas andanças pelas ruas do Recife, seu apressamento pelos homens de pele negra e suas experiências homoeróticas. Os relatos citam alguns lugares que poderíamos chamar de roteiro homossexual da época e indicavam a sua entrega a essa orgia tropical: “À noite, a rua Duque de Caxias é ponto de reunião de homossexuais, que dão uma volta pela praça Dezesete, cais de Santa Rita e voltam pela rua 1º de março. Começo a fazer parte deste ambiente, mas o cortejo que me segue se renova, contínuo, assíduo, tenaz, obstinado” (CARELLA, 2011, p. 155).

Essas referências contribuem com nosso estudo por apresentarem a importância simbólica do centro do Recife, especificamente, essa relação entre a sociabilidade nos centros urbanos, o erotismo e a vivência das (homo)sexualidades. As formas de sociabilidade e de apropriação desses espaços centrais foram transformando-se pelos diversos processos econômicos, políticos, culturais e sociais que a cidade passou ao longo dos anos.

Esses lugares de circulação de grande número de pessoas, seja pelo turismo, lazer, consumo, trabalho, estudo ou sobrevivência, são apropriados de maneiras diferentes, segundo as horas do dia e os dias da semana. Podemos perceber que, no horário comercial ou no horário noturno, nos fins de semana ou nos dias de semana, os usos são bastante distintos, o público bem diferenciado e as possibilidades são múltiplas.

Na contemporaneidade, de acordo com Rogério Proença Leite (2002), houve forte investimento em lazer noturno privado imbricado na lógica do consumo no centro do Recife. Resultado de um reordenamento da ideia de interação nos espaços públicos, a partir das diferentes apropriações e usos dos centros urbanos. No que corresponde aos espaços voltados à população LGBT no Recife, reconhecemos uma grande concentração desses lugares no entorno da Avenida Conde da Boa Vista, entre o Bairro da Boa Vista e da Soledade, que constituem o intenso circuito GLS da cidade.



Para além de sua localização, o reconhecimento da avenida como um espaço de grande circulação e da existência de lugares destinados à população LGBT na contemporaneidade, através do texto escrito por Lúcia Gaspar (2009), publicado pela FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco, referência na produção de conhecimentos na área da educação, memória e cultura no Estado de Pernambuco e no Brasil, é de grande relevância para nossa pesquisa:

Estrategicamente localizada, a Conde da Boa Vista é uma das artérias mais movimentadas da capital pernambucana. Estima-se que seu movimento diário seja de mais de 20 mil veículos e 40 mil pessoas. Antes, uma área eminentemente residencial, abriga atualmente grande parte do comércio do centro da cidade, além de bancos; instituições de ensino; templos religiosos; um *shopping center*; bares; restaurantes. Segundo o Guia Gay, elaborado pela ONG Os Defensores, o quarteirão entre as ruas Gervásio Pires e Jiriquiti é considerado um polo GLS (GASPAR, 2009).

Essa referência evidencia a importância simbólica da Av. Conde da Boa Vista, aspecto essencial para nossa pesquisa. A ambiência desse espaço denota a apropriação por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais que circulam bastante e imprimem uma estética mais receptiva e propícia ao convívio com a diversidade sexual e de gênero, como podemos perceber nas matérias da Coluna Mundo “Guei”, do final da década de 1970, que já registrava a importância da avenida na sociabilidade homossexual na cidade do Recife.

Palco de grandes manifestações e reivindicações de várias organizações sociais, inclusive as primeiras edições da Parada da Diversidade de Pernambuco, a Avenida Conde da Boa Vista é marcada pela grande circulação populacional – gente de diversas partes da cidade, outros estados e países - e pelos investimentos comerciais em espaços público e privados – escolas, faculdades, lojas, prédios empresariais, shopping, agências bancárias, hospitais, e outros estabelecimentos prestadores de serviços -, como também praças, teatros, museus e parques. À noite, é tomada por diferentes indivíduos e grupos sociais que circulam entre os becos, calçadas e ruas e, pelos espaços privados voltados ao lazer noturno, em sua maioria para gays, lésbicas e simpatizantes, como os bares, boates, cinemas, saunas, restaurantes, hotéis e motéis encontrados nessa parte da cidade.

A Avenida é popularmente conhecida pelo trocadilho “Boa Bicha” - de cunho discriminatório ou apenas irônico, a depender do seu uso. Isso se deve a constante circulação de pessoas não-heterossexuais, que afirmam (ou não) sua orientação sexual e identidade de gênero, e vivenciam a sexualidade com menos opressão, resistindo a olhares e comentários preconceituosos e discriminatórios pela avenida e pelos estabelecimentos comerciais da localidade.

### 2.3.3. – Espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS do Recife.

Pelo cenário apresentado, os espaços de consumo, lazer e sociabilidade selecionados para esta pesquisa estão localizados no entorno da Av. Conde da Boa Vista, e fazem parte do que convencionamos chamar de circuito GLS do Recife. Essa região concentra uma quantidade expressiva de mercado voltado para a população LGBT, e estes, possuem uma notória visibilidade

no cenário pernambucano, sendo bastante referenciados nos diversos instrumentos midiáticos que tivemos acesso – revistas, sites etc – quando o assunto é entretenimento e lazer para esse público.

Os bares e boates GLS que compõem este estudo estão localizados no mapa abaixo, criado por nós no Google Maps, na versão My Maps<sup>33</sup> da ferramenta, a fim de disponibilizar uma melhor visualização de onde estão localizados esses espaços e da dinâmica compreensível da proximidade entre eles:



Figura 01: Mapa dos Bares e Boates GLS no entorno da Av. Conde da Boa Vista.

Pela localiza o aproximada, os espaços compõem dois polos<sup>34</sup> separados pela Av. Conde da Boa Vista: o Polo 01   composto pela Boate Meu Kaso Bar (MKB), Nosso Jeito Bar, Confraria dos Ursos e Mix Pub<sup>35</sup> e, o Polo 02   composto pelo Club Metr pole, Santo Bar, Conchittas Bar e Castelo Marron<sup>36</sup>. Podemos reconhecer, a partir de nossa vivência, uma circula o diferenciada do

<sup>33</sup> O My Maps   um site vinculado ao Google Maps que permite a cria o de mapas personalizados para compartilhar e publicar on-line. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/>.

<sup>34</sup> Neste estudo, compreendemos polo com região em torno da qual circulam as atividades de consumo, lazer e sociabilidade destinadas   popula o LGBT.

<sup>35</sup> A partir da leitura do guiá, não identificamos a indica o do MixPub como um possível espaço voltado   popula o LGBT no Recife, assim, por meio de nossa vivência no espaço e nossos conhecimentos prévios sobre o circuito GLS da cidade, inserimos o MixPub por corresponder os critérios pensados na determina o dos lugares pesquisados.

<sup>36</sup> Sobre utilizar a nomea o real dos estabelecimentos, nos deparamos com o dilema em explicitá-los ou não e, após discussão em um de nossos encontros de orienta o, optamos por explicitá-los, tendo como referência pesquisas como as de Isadora Lins França (2006) e de Milton Ribeiro (2012), além do fato de, simbolicamente, a nomea o também contribuir para “produzirem” sentidos sobre o lugar.



público frequentador nesses polos, evidenciadas pela intersecção de marcadores sociais de classe, gênero, raça, geração entre outros, que serão melhores compreendidos em nossas análises.

Esses polos não são apenas constituídos pela mera localização geográfica, através de critérios de aproximação, eles constituem e expressam a dinâmica, os jogos de poder (FOUCAULT, 1979), a performance e performatividade (BUTLER, 2000) e o posicionamento (DAVIES e HARRÉ, 1990) que os sujeitos frequentadores movimentam e são movimentados.

Contudo, antes de narrar sobre nossas interlocutoras e como se conduziu a dança das entrevistas em todo desenvolvimento da pesquisa, escreverei sobre a Mobilidade Acadêmica realizada na cidade de São Paulo, por aproximadamente 20 dias do mês de junho de 2015, possível somente pela contribuição do Núcleo Feminista de Pesquisas GEMA/UFPE.

Essa viagem se constituiu um catalisador, responsável por me motivar a jogar-se nos espaços, vivenciar suas dinâmicas e envolver-se afetivamente com as pessoas, nas mais diversas possibilidades de interação que a capital paulista oferece. Essa oportunidade me proporcionou conhecer algumas boates do Circuito GLS (The Week, Blue Space e Flexx) e fazer um tour pelos bares (grande parte localizados na Avenida Vieira de Carvalho e na Rua Augusta), shoppings (a exemplo do Shopping Frei Caneca) e festas (Ursound) destinadas à população LGBT na cidade.

Aproveitando o ritmo acelerado da viagem, retornei ao Recife e me joguei nos espaços estudados. E então, a partir dessa intensa vivência, apresentarei uma breve **descrição da dinâmica dos espaços e das interações entre as pessoas, apreendida pela minha circulação (observação e participação) pelos bares e boates GLS do centro da cidade do Recife, aqui estudados**. Importa, nessa seção, permitir uma ligeira passagem imaginária pelos espaços, no sentido de favorecer uma visualização da estrutura e da dinâmica interativa entre as pessoas que os frequentam, descritas pela meu engajar no desenrolar da pesquisa.

Enfatizo que essa circulação por/entre os espaços não se deu de forma linear, tampouco contínua. Elas aconteceram sem datas e horários bem definidos, sem planejamento prévio, mesmo reconhecendo a importância de ser realizado. São resultados de minhas possibilidades e desejos em se debruçar nas noites recifenses e se jogar nas pistas de dança e/ou nas conversas alcoolizadas nas mesas dos bares, na maioria das vezes, acompanhado do afeto das amigas e amigos. Face a isto, seguirei uma ordem de apresentação desses lugares, apenas como uma estratégia de organização e facilitação da leitura.

- CLUBE METRÓPOLE

O Clube MetrÓpole, atualmente, é uma das mais modernas e badaladas boates do circuito GLS da cidade do Recife. Conta com uma enorme estrutura que proporciona às pessoas que ali circulam uma diversidade de ambientes, adequando-se aos seus gostos e estilos. Funciona nas sextas, sábados e véspera de feriado, com uma agenda de festas temáticas diversificadas e a presença de artistas - cantoras, bandas, atrizes, *drags* - e outros entretenimentos.

Mesmo voltada para gays, lésbicas e simpatizantes, ainda encontramos na boate a presença de pessoas heterossexuais, bissexuais, *drags queens*, travestis e transexuais, diversificado o público frequentador. Por serem, em sua maioria, de classe média e alta, encontramos por esse espaço, as bichas ricas e finas (que ostentam roupas, sapatos e acessórios de marcas, completando o estilo vigente na moda), as *barbies* (homens gays musculosos que desfilam sem camisa, exibindo seus corpos esculturais) e os boys (uma inspiração nos *gogoboy*s, com performance semelhante as *barbies*, acrescido de alta virilidade). Visualizamos também a grande frequência de grupos de pessoas das mais diferenciadas performances de gênero e orientação sexual, circulando e consumindo no lugar.

As músicas eletrônicas embalam as noites na Metrópole. A casa possui cinco ambientes, dentre eles, as duas pistas principais: a New York, em que os djs, residentes e convidados, comandam as picapes de som, animando a galera com as músicas mais atualizadas do *dance music*; contém ainda o palco principal, em que se apresentam os artistas nacionais e internacionais que fazem a festa acontecer. E, a Pista Brasil que constitui o espaço mais dançante da casa, em que as pessoas frequentadoras demonstram as melhores coreografias das músicas nacionais do momento (funk, brega, samba e pop), além das canções das divas pop internacional (como Beyoncé, Rihanna, Britney Spears, entre outras); contam também com um palco onde acontecem as performances e shows (principalmente das bandas e artistas locais).

Ademais desses ambientes, a boate ainda tem: uma área, toda espelhada, destinada à paquera, nomeada de Recife Night; o Escape, um amplo espaço ao ar livre - utilizado também como fumódromo -, com mesas, árvores, piscina e um bar; e também, o Camarote Ostentação, uma área reservada, no primeiro andar, que geralmente oferece serviço open bar, onde acontecem os encontros com as estrelas da noite. A boate trabalha com um sistema monetário bem conhecido das casas GLS no mundo, o Real Pink, uma “moeda própria”, que são adquiridos nos caixas espalhados pelo espaço, mediante pagamento antecipado, e permitem a consumação de bebidas durante todo os dias e horários em funcionamento.

- BOATE MKB (MEU KASO BAR)

Conhecida popularmente pela expressão “MKBaixa”, a boate Meu Kaso Bar é marcada pela frequência de gays, lésbicas, travestis e heterossexuais (*cafuçus e boys*), que utilizam entre si e com/pelos outros, nomenclaturas pejorativas correspondentes aos marcadores de classe e raça/etnia que interseccionam os corpos das bichas, sapatão, travestis, drags e transformistas dos bairros populares da cidade do Recife que ali circulam.

Mesmo situada em um prédio antigo, possui uma ampla estrutura física, com quatro ambientes diversificados pelo ritmo musical escolhido: a pista do brega, do pagode, do MPB e da música eletrônica (*dance*). Além do *dark room* (espaço escuro, reservado para práticas sexuais) e da lanchonete. A casa oferece show de artista e bandas locais, como também, performance de

*drags* e transformistas, inspiradas nas renomadas cantoras, nacionais e internacionais. Encontramos também *gogo boys* e shows humorísticos com as famosas caricatas da cidade.

No clima de bagaceira, a boate é o que tem de mais irreverente na cidade do Recife, frequentam os mais diversos grupos, a fim de se divertir. O álcool, a dança e a pegação são o forte da interação entre as pessoas na boate. A intensa movimentação de pessoas envolvidas nas danças e coreografias sintonizas, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, que terminam por ocasionar diversificadas situações de violência, e as trocas sexuais no dark room, espaço com cheiros característico e situações de furto, são marcas bastante lembradas das noites na MKB.

- NOSSO JEITO MUSIC

O Nosso Jeito, localizado em uma rua transversal a Boate MKB, é um espaço típico que congrega características comuns aos bares e boates. Funcionando de sexta à domingo, o espaço é popularmente conhecido pela frequência de lésbicas (em maioria) e gays (a depender da atração promovida no dia), que desfrutam da variedade de ritmos musicais (brega, funk, samba, pagode, MPB e eletrônica) que embalam as noites em festa.

A movimentação no espaço se inicia com a oferta de serviços típicos de bar, em que as frequentadoras sentam-se as mesas e consomem as bebidas e comidas disponibilizadas no cardápio, ao mesmo tempo que desfrutam das músicas tocadas pelos djs que fazem sucesso atualmente. Por volta da meia noite, quando a casa está prestes a lotar, as pessoas invadem a pista reservada a dança, de frente ao palco principal, no qual acontecem os shows que animam os presentes, madrugada a dentro, em meio a um jogo de iluminação bem colorido, bastante próprio às boates em geral. Para aquelas com maiores condições financeiras e que querem gozar de um espaço reservado, existe uma área, no primeiro andar, chamada de “camarote”, que geralmente oferece um serviço open bar (em que se paga determinada quantia e pode beber à vontade) e tem vista privilegiada para o palco.

Encontramos muitos casais de lésbicas, das mais variadas idades, raças e classes, e grupos de amigos, de orientação sexual (heterossexuais, gays e lésbicas) e grau de parentesco diversificado, que frequentam o espaço, muito mais com a finalidade de se divertir e curtir os shows dos artistas locais, do que paquerar e ser paquera. Óbvio que diversas cenas de beijos e amassos mais intimistas são visíveis no local, mas dividindo espaço com as risadas e conversas em tons altos.

- CONCHITTAS BAR

Localizado em frente à Boate MetrÓpole e à rua que dá acesso ao Santo Bar, o Conchittas Bar configura-se como um típico bar de calçada, com acesso gratuito e mesas e cadeiras dispostas na frente do espaço. Conta com uma estrutura interna, que comporta as dependências administrativas, a exemplo do caixa, balcão de atendimento e da cozinha, além de um espaço

reservado tanto para dispersão de mesas e cadeiras para o atendimento aos frequentadores, quanto para uma pista de dança destinada àquelas que querem bailar ao som das músicas tocadas, geralmente *rock*, *blues*, *black music* e MPB.

O bar é completamente decorado com uma estampa de cores forte e de formato floral conhecida como chita, complementada com algumas poltronas amarelas, quadros de artistas e cantores, nacionais e internacionais, como Raul Seixas, Luiz Gonzaga, Charlie Chaplin, Marilyn Monroe e Amy Winehouse, além de imagens de bonecas Pin-ups, carros de época, CDs e vinil distribuídos pelas paredes. A iluminação fica por conta de algumas luzes pisca-pisca, lâmpadas coloridas e fios de led que imprimem um jogo de cores bem iluminados.

Frequentado, em grande maioria, por gays, lésbicas e simpatizantes, encontramos muitas mesas com grupo de amigas/amigos ou casais, geralmente no que chamamos “esquentar” (momento prévio, em que se pode beber, pagando menos) para ir as boates ou, simplesmente, celebrar a chegada do fim de semana, após aulas nas universidades ou trabalho. Também é um espaço de encontro aos sábados e domingo, pelo estilo musical adotado e pelo atendimento e serviços oferecidos – bebidas, petiscos e lanches. O clima de paquera é algo marcante, as trocas de olhares e as risadinhas são o forte da interação entre as pessoas que circulam pelo espaço.

- CASTELO MARRON

O bar Castelo Marron ou Castelinho, localizado por trás do shopping boa vista, é conhecido pela alta frequência de lésbicas atraídas pelo acesso gratuito, o consumo de bebidas alcoólicas a preço popular, o espaço “reservado” e “discreto” no primeiro andar, e o estilo musical adotado, o ritmo brega, pop e MPB.

Na entrada do espaço, encontramos algumas mesas e cadeiras que remetem aos bares de calçada e uma estrutura de parede externa bem semelhante à um castelo medieval na cor marrom. Na parte interna encontramos mais mesas e cadeiras, o banheiro, o caixa para quitação do consumo, um balcão que dá acesso à cozinha e uma escadaria que leva à parte superior, esta também ocupada por mesas, cadeiras e uma estrutura de som e iluminação. E meio a tons brancos e baixa iluminação, o espaço é decorado com banners, pinturas e adesivos da logomarca do bar, coloridos conforme as cores do arco-íris, e um grande estoque de garrafas de bebidas e enfeites diversos distribuídos nas prateleiras dispostas nas paredes.

No anexo superior do bar é que acontece o “fervo”, momento de maior agitação do espaço, e a interação entre as pessoas que, pela proximidade das mesas no espaço pequeno, se comunicam entre olhares e sorrisos, e até acontecerem os convites a dançar bem agarradinho, no ritmo musical tocado. Com grande frequência de jovens lésbicas e a presença de gays que as acompanham, a parte “escondida” do bar é cenário para muitos encontros, beijos e amassos *calientes*.

- CONFRARIA URSOS DE PERNAMBUCO

Destinado à frequência de homens, gays, masculinos, a Confraria Ursos de Pernambuco, localizada na rua lateral da Boate MKB, funciona a partir das 22 horas nos fins de semana. A casa dota de três ambientes, o primeiro, logo na entrada, tem algumas mesas e cadeiras dispostas, com ursos dos mais variados tipos, idades, forma física, cor/raça e estilo; além de um balcão de atendimento onde são servidas as bebidas e comidas ao gosto do público.

O clima desse espaço lembra bastante os típicos bares em local fechado, em que é permissível uma conversa intimista, ao pé do ouvido, em disputa com o som alto das músicas antigas dos anos 1960 até, no máximo, os anos 2000, prevalecendo o ritmo rock, os clássicos do pop, nacional e internacional, e as músicas populares brasileiras da época.

O segundo espaço é um pouco mais voltado à dança e a interação entre os corpos e a pouca luz, embalados pelas músicas típicas do espaço. Por último, acerca da estrutura, encontramos um primeiro andar, dispenha de uma mesa de sinuca e, além do jogo, permitia papos mais reservados, paqueras e pegação.

A caça é constante! Os ursos, das mais variadas nomenclaturas próprias à dinâmica desses sujeitos, e os caçadores (que não são ursos, mas que sentem atração por esse tipo) se apresentam em constante procura pelo parceiro ideal para curtir a noite. Não só os solteiros, muitos casais de ursos entram nesse jogo, a fim de realizar seus fetiches e brincadeiras sexuais. É permissível ficar à vontade no espaço, com ou sem roupa, com poucas roupas, não existe regras contrárias, desde que as pessoas se sintam bem.

- MIX PUB

O Mix Pub, localizado na rua ao lado da Boate MKB, é um espaço bastante frequentado por lésbicas e gays, atraídos pelos shows das cantoras recifenses que interpretam as canções MPB e que procuram se divertir em um lugar aconchegante e climatizado.

O espaço contém dois ambientes: o primeiro com umas mesas de canto, um mini palco para shows, uma cabine de som para djs, e uns televisores que reproduzem clipes e músicas; o segundo, contém uma pista de dança e o balcão de atendimento onde são servidas as bebidas e petiscos. A decoração segue um estilo moderno com paredes e objetos de decoração em cor preta e vermelha predominantemente, com grande foco no jogo de luzes que colorem e iluminam o ambiente.

Como já citado, o fervo do espaço são os shows que lotam a frente do palco, para dançar e desfrutar das músicas interpretadas. Aos domingos, é disponibilizado um karaokê, que permitem aos frequentadores se arriscarem a cantar uma lista diversificada de músicas, acompanhados por

uma gravação instrumental. A interação acontece nas pistas de dança e nas idas e vindas ao balcão de atendimento na busca pelos drinks e uma boa paquera.

#### 2.3.4. –As/os Interlocutoras/es parceiras/os dessa dança.

Como já sabemos, nosso estudo propõe-se a produzir memórias sobre os espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT localizados no entorno da Avenida Conde da Boa Vista em Recife/PE, ou seja, produzir uma versão das histórias desses lugares, dando visibilidade as motivações e trajetórias percorridas, do período em que surgiram até os dias atuais. Quando pensamos em nossas interlocutoras, partimos da concepção de que gostaríamos que fossem pessoas que fazem parte da história do lugar, desde a fundação até sua conformação atual, de modo que tivessem a possibilidade de falar sobre a trajetória desses espaços.

Desse modo, convidamos a contribuir com a nossa dança, aquelas pessoas que optamos por nomeá-las de “interlocutoras privilegiadas”. Essas foram definidas, a partir dos seguintes critérios: primeiro o **tempo**, ou seja, pessoas que estavam há mais tempo no espaço e se constitui uma referência histórica, por entendermos que são elas que possuem conhecimentos sobre as memórias do lugar; segundo critério, o **convívio**, considerando as pessoas que estão presentes cotidianamente no espaço, ou seja, que participam da dinâmica do lugar, não só permanecem nos bastidores e/ou gerência; e terceiro, a **responsabilidade**, ou seja, pessoas que detém certa responsabilidade sobre tomadas de decisão, principalmente a de afirmar (ou não), a que público o lugar é destinado.

Isto estabelecido, acreditamos ser importante evidenciar que, ao referenciar nossas interlocutoras de forma geral, utilizaremos o termo no **feminino**, como forma de ultrapassar as barreiras de nossa linguagem machista que, ao se referenciar às pessoas de forma geral, costuma utilizar as palavras no masculino. Já, durante a referência direta delas, principalmente em nossas análises, utilizaremos o gênero adequado a cada pessoa entrevistada, em respeito a identidade de gênero assumida, em detrimento a singularidade dessas pessoas.

#### 2.3.5. – O baile das entrevistas e outras técnicas.

Pensando no sentido essencial, para esse estudo, de contar as histórias dos bares e boates destinados à frequência da população LGBT em Recife. No que corresponde a produção de uma memória e uma referência cultural que sirva para se pensar o hoje, esta pesquisa utilizou como estratégia teórico-metodológica para produção de informações, a entrevista semiestruturada, compreendendo-a como práticas discursivas em consonância com a perspectiva construcionista de produção do conhecimento.

Consideramos a entrevista como um processo dialógico, um jogo discursivo, que produzem sentidos e se dão através da interação entre os envolvidos em um contexto determinado. Nesse processo dialógico, a pesquisadora e a entrevistada se posicionam e são posicionados, como em

uma negociação e o jogo acontece a partir das “práticas discursivas que atravessam o cotidiano - narrativas, argumentações e conversas, por exemplo” (SPINK; MEDRADO, 1999, p. 26).

Neste sentido, considerando as pretensões dessa pesquisa, dentre os gêneros de entrevistas existentes, o contexto a que se propõe a entrevista semiestruturada nos pareceu o mais adequado a ser desenvolvido. Seguindo orientações de Flick Uwe (2008), “é uma característica dessas entrevistas que questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia. Espera-se, então, que estas sejam livremente respondidas pelo entrevistado” (p. 106).

Nesse enquadre, elaboramos um roteiro guia (ver o apêndice), discutido em grupo, utilizado de forma sutil e flexível, como um norteador das abordagens percebidas previamente, que contribuíram para dinamizar o jogo discursivo, o foco da entrevista e os objetivos planejados para a pesquisa. Como também, permitia o acréscimo de outras questões, o aprofundamento de uma questão reconhecida no momento como essencial, tanto pela pesquisadora como pela entrevistada, até mesmo a substituição de uma pergunta sequencial, por já terem sido abordada pelas interlocutoras em suas narrativas.

A entrevista semiestruturada propicia momentos de construção, negociação e transformação de sentidos [...] Com isso, implica seguir um nível mínimo de padronização, pode ser útil no caso de a/o pesquisadora/o comparar ou complementar informações entre diferentes interlocutores. É fundamental notar que o roteiro não é uma “camisa de força”, algo que necessariamente deve ser seguido à risca, com frases prontas para serem repetidas e em uma determinada ordem. Ele simplesmente norteia o trabalho, tornando a entrevista semiestruturada um tanto flexível e dinâmica, permitindo inclusão de outras perguntas, seguindo o fluxo discursivo, com base no jogo de posicionamentos e/ou de acordos com o que a/o nossa/o interlocutora/o vai produzindo conosco (ARAGAKI; SPINK, 2014, p. 62).

Então, seguindo essas orientações, pensamos em um roteiro capaz de impulsionar narrativas sobre a conformação dos espaços de sociabilidade GLS, por meio de questionamentos acerca das motivações em abrirem um estabelecimento voltado (ou não) para o público GLS, como era o circuito na época em que surgiram, como funcionavam os lugares frequentados por este público no Recife e como foram se consolidando na atualidade, quem eram/são o público frequentador, dentre outras questões que dialoguem com aspectos do passado e do presente/futuro desses lugares.

Dado esse suporte, neste estudo, a entrevista semiestruturada é o meio pelo qual se oportuna a produção de conhecimentos e expressões, através da memória, no equivalente a reconstituição da história individual e coletiva. Para Maria Helena Abrahão (2011, p. 166), a memória “rememora o passado com olhos do presente e permite prospectar o futuro”, portanto, ela se articula entre o passado, presente e o futuro, de forma tridimensional<sup>37</sup>.

Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007, p.207) faz um contraponto teórico-metodológico da relação entre memória e história, enfatizando que essas noções são articuladas para dar conta

---

<sup>37</sup> A natureza tridimensional é aquela em que passado, presente e futuro se imbricam, no sentido de que o caráter temporal da experiência do sujeito, tanto na ordem pessoal quanto social, é articulado pela narrativa (ABRAHÃO, 2011, P.166).



dos processos sociais relativos à interpretação do passado, à construção de narrativas sobre acontecimentos passados. Ele afirma que:

Na memória fica o que significa, na História se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador [daqueles que se propõem a contar histórias] que, com seus conceitos atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la (p. 207).

Dessa forma, para ouvir as memórias e construir as histórias com nossas interlocutoras, definimos que em todas as entrevistas estaríamos em posse dos seguintes instrumentos: o diário, o gravador de áudio e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ver no apêndice). O diário compreendido como um importante parceiro de pesquisa, em que anotações pessoais sobre acontecimentos marcantes ou sobre experiências cotidianas podem ser registradas, constituindo-se importante ferramenta para os estudos, sendo esta, também uma prática discursiva. “Esse exercício visa, assim, tornar os diários companheiros que, noite e dia, nos acompanham abrindo-se e fechando-se para impressões de toda ordem: dos deslumbramentos às decepções; das desconfianças aos questionamentos à incerteza que mobiliza” (MEDRADO, SPINK, MÉLLO, 2014, p. 290).

Com relação aos cuidados éticos nos procedimentos da pesquisa, o protocolo desta segue rigorosamente as resoluções 196/96 e 251/97, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos. Por constituir-se parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Produção de sujeitos e regimes de verdade no movimento LGBT: memória, política e estética em Recife, Belém e Barcelona”, esta pesquisa está respaldada pelo Parecer do Comitê de ética, nº 479.511. Ressaltamos que todas as entrevistas foram precedidas da leitura e assinatura do TCLE. E, foram considerados essenciais, os três cuidados defendidos por Spink (2000): o consentimento informado, a proteção do anonimato e o resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador e participante.

Seguindo os pressupostos sobre ética na pesquisa, delineados por Mary Jane Spink e Vera Menegon (2004), que se configuram em: pensar a pesquisa como uma prática social, adotando uma postura reflexiva sobre a produção do conhecimento científico; garantir a clareza dos procedimentos de coleta e análise dos dados; e, ter em prática a dialogia, aceitando esta como intrínseca à relação entre pesquisador e interlocutoras.

Assim, com os passos bem sincronizados com a música, convocamos as componentes essenciais a nosso estudo, a fazerem parte de nossa dança. No fim de fevereiro e início de março de 2015, após o período carnavalesco, retomamos nossa investida em dar continuidade à pesquisa. Após um encontro de orientação, definimos as estratégias utilizadas para a realização das entrevistas.

No que corresponde o acesso à nossas interlocutoras, o primeiro passo foi identificarmos aquelas que tínhamos aproximações previamente firmadas, tanto pelo Núcleo de Pesquisa, quanto



pela parceria deste com o Fórum LGBT de Pernambuco - uma articulação política dos movimentos sociais que atuam na defesa dos Direitos Humanos da população LGBT, fundada em 2004 na Cidade do Recife, que reúne a sociedade civil organizada e ativistas independentes, sem distinções de orientação sexual, identidade de gênero, religião, classe, raça e etnia, ideologia, geração ou partidos políticos<sup>38</sup>. Por esse passo, conseguimos o contato pessoal da interlocutora do Club Metrôpole e, logo no primeiro diálogo, agendamos nossa primeira entrevista.

O passo seguinte foi concretizado por meio das redes sociais, em visita aos sites e páginas no facebook<sup>39</sup> (*fanpage*) dos espaços, na intenção de conseguir o contato pessoal das interlocutoras privilegiadas da pesquisa. Tínhamos a informação prévia de que boa parte dos administradores das redes sociais desses lugares eram as próprias interlocutoras, assim, enviei mensagem inbox - caixa de mensagem - nas páginas de cada bar e boate selecionados. Na mensagem, me apresentava enquanto pesquisador vinculado ao curso de mestrado em Psicologia da UFPE, explicava que a pesquisa pretendia produzir conhecimentos sobre a conformação dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade voltados para a população LGBT em Recife e, relatava o nosso interesse em dialogar com a interlocutora do espaço, por meio de uma entrevista. Por sua grande visibilidade no circuito GLS do Recife, tínhamos conhecimento do interlocutor privilegiado da Boate MKB, dessa forma, o contatei via página pessoal no facebook e, em poucos dias, tive o retorno e, então, agendar a segunda entrevista.

Os dois primeiros passos resultaram em duas entrevistas agendadas e nos dias seguintes realizadas, estas aconteceram nos principais estabelecimentos do circuito recifense, o Club Metrôpole e a Boate MKB respectivamente. Por serem as mais antigas no mercado GLS e de maior porte estrutural comparada as outras componentes desse estudo, essas entrevistas foram essenciais para compreendermos a dinâmica de conformação dos bares e boates GLS na cidade.

Após duas tentativas de realização, a primeira entrevista aconteceu no dia 04 de março de 2015 às 14 horas, na Sala de Recepção do Escritório, na parte interna do Santo Bar. Estavam presentes eu, o orientador da pesquisa Benedito Medrado, a graduanda Ana Catarina Moreira e a interlocutora do Club Metrôpole e Santo Bar. Iniciamos nossa conversa apresentando o TCLE, explanando a que se propunha a pesquisa e, após a assinatura do termo, fizemos os questionamentos previamente definidos, em tom de conversação. A interlocutora parecia bem à vontade em narrar suas histórias pessoais, que também correspondiam a dos espaços. A entrevista fluiu muito bem, conforme as intenções do estudo, e teve duração de duas horas e treze minutos, de acordo com a gravação.

---

<sup>38</sup> Fonte: site do Fórum LGBT de Pernambuco: <http://flgbtpe.blogspot.com.br/>. Acessado em 31/10/2015.

<sup>39</sup> O facebook é um site que oferece um serviço de rede social que permite conversar e acompanhar as publicações de amigos, familiares e outras pessoas, páginas e grupos de seu interesse, permitindo o compartilhamento de mensagens, imagens, vídeos e links diversos e pode ser acessado gratuitamente em: [www.facebook.com](http://www.facebook.com).

Por ser a primeira entrevista, esta foi conduzida pelo orientador da pesquisa, com quem a interlocutora tinha certo grau de intimidade, por se conhecerem há vários anos, fato evidente nas diversas alusões à alguns lugares e datas compartilhadas por ambos.

A segunda ocorreu no dia 06 de março de 2015 às 15 horas, na Lanchonete da Boate. Estavam presentes eu, o orientador da pesquisa Benedito Medrado, a graduanda Ana Catarina Moreira, o interlocutor da Boate MKB e seu filho (assim referido pelo entrevistado)<sup>40</sup>. Iniciamos da mesma forma, apresentando o TCLE e explanando a que se propunha a pesquisa, e em seguida, fizemos os questionamentos previamente definidos. O interlocutor estava disposto a compartilhar suas trajetórias e sua relação com o espaço. Após duas horas e vinte e oito minutos de gravação, encerramos a entrevista. Essa também foi conduzida pelo orientador da pesquisa, movimento que configurou, especialmente, pelo fato de ambos terem várias referências comuns sobre eventos, lugares ou pessoas, comentadas. Tanto essa entrevista, quanto a anterior, constituíram-se a partir de dinâmica muito semelhante a uma conversa informal, ainda que os tópicos do roteiro fossem todos contemplados.

Essas entrevistas iniciais, dada a sua densidade, construíram o marco principal desse estudo, pelos motivos relatados anteriormente e, por terem sido muito relevantes para a realização das outras entrevistas. A partir delas, pude ouvir as gravações, realizar uma transcrição sequencial, bastante atento às questões essenciais abordadas. O que, de certa maneira, permitiu atualizar o roteiro pré-definido, com perguntas correspondentes aos objetivos planejados para pesquisa, de forma mais adequada, em nossa percepção. Com isso, pude, nas outras entrevistas, utilizar o roteiro de modo sutil e flexível, adaptando-se a narrativa das interlocutoras, demonstrando um maior domínio e compreensão das abordagens que ele impulsionava.

Após esses dois momentos, por não termos resposta dos outros espaços, verificamos a necessidade de refletir a estratégia utilizada, definir e executar uma nova, para então conseguirmos o contato de nossas interlocutoras e poder agendar e a realizar as entrevistas. O novo passo definido foi realizar visita porta-a-porta e conversar pessoalmente com as interlocutoras privilegiadas nos próprios espaços, em horário de funcionamento, como também, aproveitar a oportunidade e circular por eles, tecendo observações importantes para nosso estudo. Acompanhado de uma amiga Assistente Social, Rauana Hipólito, circulamos pelos bares e boates na noite de sexta-feira do dia 21 de Março de 2015, com a ideia de conversar face a face com as/os interlocutoras/es que ainda não havíamos estabelecido contato e nos (re)aproximar dos espaços.

Iniciamos nossa circulação pelo Polo 02 no Conchittas Bar e no Castelo Marron, e em seguida, fomos ao Polo 01, primeiro no Nosso Jeito Bar, depois na Confraria dos Ursos e, por fim, no Mix Pub. Começamos todas as abordagens em um diálogo inicial com as/os funcionárias/os que se encontravam na portaria dos espaços ou eram os que nos deram atenção de imediato. Nos apresentamos, explicamos sobre as pretensões da pesquisa e relatamos o nosso desejo em

---

<sup>40</sup> O filho não acompanhou a entrevista, ainda que estivesse sempre próximo.

conversar com a interlocutora. Após esse contato, esperamos alguns minutos até sermos apresentadas as mesmas. Resultado: Tivemos uma noite muito produtiva e animadora. Conseguimos, com essa tática, conversar pessoalmente com quase todas as interlocutoras, apenas no Mix Pub, dialogamos com uma pessoa que se apresentava enquanto “amiga” da interlocutora privilegiada, pelo fato da mesma encontrar-se bastante ocupada no momento; esta, então, se responsabilizou em repassar as informações e contribuir para o agendamento e realização da entrevista.

De forma generalizada, todas foram bastante atenciosas e disponíveis em contribuir com nosso estudo. Em um espaço, enfrentamos resistência inicial, o interlocutor da Confraria dos Ursos nos relatou que, no início da fundação do bar, eles se propuseram a contribuir com uma pesquisa de monografia e, posteriormente, o material fora usado contra eles, relatando que eram machistas, homofóbicos, misóginos, entre outras ofensas de origem opressora, pelas especificidades e performances que eles priorizam no espaço, por ser um local voltado exclusivamente para homens, gays, masculinos etc. Exposto o fato, dialogamos sobre o TCLE e o que este documento assegurava a ambas as partes, reiteramos as pretensões da pesquisa e assim, o mesmo aceitou contribuir com a pesquisa e contar a história do espaço.

Durante a circulação, utilizei um bloco de anotações para registrar algumas observações e o contato das interlocutoras, com isso, criei uma lista telefônica com os números pessoais de todas as interlocutoras e, como combinado, entrei em contato durante a semana para agendarmos as entrevistas. O Nosso Jeito Bar foi o único que consegui, nesse primeiro contato pessoal, agendar a entrevista para a semana seguinte. As outras interlocutoras relataram a disponibilidade durante a semana (nos dias úteis), pelo fato de no fim de semana estarem ocupadas nos próprios espaços; já outras, relataram o melhor momento ser no horário em que abrem para funcionamento, durante o fim de semana. Assim, entrei em contato com todas, através de ligações diretas e/ou conversas no *whatsapp*<sup>41</sup>, a fim de realizar as entrevistas, tentando construir um cronograma de encontros.

A terceira realizada foi no Nosso Jeito Bar. Após duas tentativas não ocorridas por incompatibilidade de agenda, nos encontramos no dia 25 de março de 2015 às 15 horas na Recepção da Boate. Eu estava presente junto a interlocutora e sua companheira. Ambas foram extremamente simpáticas e abertas a contribuir com nossa pesquisa e compartilhar suas histórias, dialogamos por aproximadamente quarenta minutos e, no final da entrevista, nos apresentaram toda a estrutura do espaço e a dinâmica de funcionamento.

Em seguida, no mesmo dia, às 18 horas, me encontrei com o interlocutor do Conchittas Bar, bastante atencioso e dedicado em colaborar com a pesquisa. Depois de uma tentativa malsucedida, realizamos a entrevista no horário de abertura do espaço, em uma das mesas do bar, em meio ao som ambiente, a presença do sócio e a circulação de alguns funcionários e clientes.

---

<sup>41</sup> O *whatsapp* é um aplicativo para celulares e de permissível visualização em computadores que permite o compartilhamento de mensagens instantâneas de textos, vídeos, áudios, fotos e links diversos por meio da conexão à internet e a posse do número telefônico das pessoas que deseja se comunica.

Mesmo diante desse cenário, a entrevista não foi comprometida em nenhum momento e nosso diálogo durou aproximadamente quarenta minutos.

No dia 26 de março de 2015, às 15 horas e 45 minutos, realizei a quinta entrevista com o interlocutor do Castelo Marron, na mesa ao lado do caixa do bar, na parte administrativa, após um adiamento por questões pessoais do entrevistado. Fui bem recebido, tivemos algumas interrupções, seja por ligação de familiares, negociações do trabalho ou pelos funcionários, mas não comprometeu em nada nossa conversa. O interlocutor foi bem solícito em participar e, ao mesmo tempo, comandar as atividades do local. Conversamos por aproximadamente cinquenta minutos.

Como já relatado, na Confraria dos Ursos, deparamo-nos com uma inicial resistência do interlocutor em participar da pesquisa, por uma experiência anterior que causou um grande constrangimento ao local e, após um bom diálogo, acordamos a participação e ficamos de agendar a entrevista. Tivemos muitos problemas antes de realizá-la, seja pela grande incompatibilidade de horário, seja por alguns desencontros desavisados, que tomou vários dias em negociação para que de fato acontecesse. E então, no dia 14 de abril de 2015 às 16 horas, o encontrei, nas dependências da confraria, no ambiente superior do espaço. Conversamos durante, aproximadamente, uma hora, ele relatou o interesse em contribuir com a pesquisa por acreditar ser importante contar a memória do espaço, relatar as motivações e trajetória de sua fundação.

Realizar a última entrevista foi bem mais conturbado, a amiga da interlocutora do Mix Pub, que se comprometeu em fazer a mediação, não conseguia encontrar disponibilidade na agenda da interlocutora. Após alguns dias de conversa, ela recebeu autorização para nos passar o contato pessoal de nossa possível interlocutora. Foi então que consegui negociar com uma das proprietárias do espaço, que nos atendeu com total simpatia e encaminhou o contato da interlocutora que se disponibilizaria a contribuir com a pesquisa. Depois de três tentativas, a entrevista ocorreu no dia 03 de maio de 2015 às 19 horas, no balcão de atendimento da Boate. Em nenhum momento fomos interrompidas pelo fato do estabelecimento ter acabado de abrir para funcionamento. A interlocutora se apresentava bastante emocionada em contar a história do espaço e dividir conosco sua trajetória. Tivemos conversa ótima, com duração de aproximadamente trinta minutos.

Em síntese, realizamos **07 (sete) entrevistas**, no período de início de março a início de maio de 2015, com aproximadamente 08 horas de gravação. Elaboramos, assim, uma tabela contendo informações essenciais acerca dos espaços e das interlocutoras privilegiadas, com fins de sistematizar uma breve contextualização do nosso estudo e uma melhor compreensão dos diferentes sujeitos e espaços envolvidos em nossa dança. Essa tabela foi importante no processo pré-entrevista por dotar de informações previamente pensadas por meio de nossa vivência nesses espaços e, após a realização das entrevistas, a mesma foi contrastada, com as informações coproduzidas, e então, atualizada, conforme pode ser observado abaixo:

Ramo do Negócio	Espaço	Público-alvo	Indicador de classe do público	Interlocutoras privilegiadas
<b>BOATE</b>	Clube Metr�pole	GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes.	M�dia e Alta	Mulher, branca, heterossexual, classe alta e aproximadamente 50 anos.
	Boate MKB – Meu Kaso Bar	GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes.	Baixa e M�dia	Homem, branco, gay, classe média e aproximadamente 50 anos.
<b>BAR</b>	Nosso Jeito Bar	Lésbicas e Gays	M�dia	Mulher, parda, lésbica, classe média e aproximadamente 40 anos
	Conchittas Bar	GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes.	M�dia	Homem, branco, heterossexual, classe média e aproximadamente 40 anos.
	Castelo Marron	Lésbicas e Gays	Baixa e M�dia	Homem, branco, heterossexual, classe média e aproximadamente 60 anos.
	Confraria Ursos de Pernambuco	Gays (Ursos)	M�dia e Alta	Homem, pardo, gay, classe média e aproximadamente 60 anos.
	Mix Pub	Lésbicas e Gays	M�dia	Mulher, parda, lésbica, classe média e aproximadamente 40 anos.

Tabela 03: Perfil dos espaços e das interlocutoras privilegiadas.

Nessa tabela apresentamos, respectivamente: o ramo do negócio, o espaço estudado, o público-alvo, o indicador de classe desse público e o perfil socioecon mico das interlocutoras privilegiadas. As quatro primeiras colunas correspondentes aos espaços estudados, são informa es consideráveis   nossas análises e serão aprofundadas posteriormente.

A última coluna corresponde as interlocutoras da pesquisa e contém informa es por nós atribuídas. Nos   importante por contextualizar os marcadores econ micas e sociais que nossas interlocutoras estão/são interseccionadas e evidenciar os posicionamentos que demarcam a forma em que narram as estórias e como essas atravessam suas histórias de vida, permitindo entender como se posicionam de modo diferente e em contextos específicos de suas vidas.

Na dinâmica das entrevistas realizadas, diferentes foram os posicionamentos negociados no processo de produ o de conhecimento, a entrevista propiciou “processos de negocia o de sentidos entre o/a pesquisador/a e o/a entrevistado/a, pois em sua processualidade manteve, transformou e desafiou os posicionamentos que vão ocorrendo durante a sua produ o” (ARAGAKI; SPINK, 2014, p. 58). Assim, pude perceber que nossas interlocutoras foram, por nós, posicionadas como as pessoas detentoras do saber histórico acerca da conforma o do espaço estudado. As localizamos no lugar da fala privilegiada, reforçando o lugar dessas pessoas na ordem hierárquica da administra o dos espaços. Na maioria das situa es, elas assumiam esse lugar determinante na intera o, como também jogavam com eles, assumindo, algumas vezes, o lugar da d vida, da incerteza se estavam contribuindo com os objetivos da pesquisa e na preocupa o em estar produzindo um saber dotado de veracidade. Percebemos também que fomos posicionados

no lugar de pesquisadores, por vezes no lugar de “detentores de um saber privilegiado” e de pessoas interessadas em ouvir as histórias de vida e a relação desta com o espaço.

Nas entrevistas em que eu estava presente, além dos jogos de posicionamento já expostos, senti que nas negociações dialógicas, me posicionavam enquanto gay, consumidor do espaço, pertencente a categoria dos ursos. Por vezes, assumi esses lugares, por acreditar ser algo interessante e necessário ao nosso estudo, por isso motivar a narrativa de informações detalhadas da dinâmica do espaço; e também negociava, assumindo o lugar de aprendiz, da escuta privilegiada, da atenção constante e da curiosidade em participar, compreender e dialogar com as narrativas. Esse jogo de posicionamento constitui-se uma dinâmica possível no momento de realização das entrevistas, como explanam Sérgio Aragaki e Mary Jane Spink (2014):

A entrevista pode ter por finalidade entender como as pessoas são posicionadas, como se posicionam e como se construiu o jogo de posicionamentos entre elas, o que nos possibilita explicitar de que maneira as relações de saber/poder vão se constituindo e como são negociadas pelos/as participantes (p. 61).

Então, em posse de todos os áudios das entrevistas realizadas, iniciei o trabalho de transcrição, percebido como uma atividade essencial à análise, no caso daqueles estudos que usam entrevista como técnica de coprodução de informações. Nesse processo, defini duas técnicas de transcrição importantes para as análises focadas no conteúdo das práticas discursivas, a “transcrição sequencial” e a “transcrição literal das falas”, como nos apresentam Benedito Medrado e Jorge Lyra (2015). A primeira objetiva a construção de uma narrativa que apresente a “sequência da entrevista, com registro abreviado das falas” e a segunda “consiste no registro do conteúdo das conversas, buscando garantir a reprodução textual dos enunciados (inclusive com possíveis vícios de linguagem e incorreções gramaticais, especialmente as sintáticas) ” (MEDRADO; LYRA, 2015, p. 21-22).

Realizei esse processo durante dois exaustivos meses. O compreendi como um exercício prévio de análise, que me permitiu uma escuta e escrita, atenta e detalhada, de todas as falas em diálogo (pesquisadoras e interlocutoras) favorecendo o despertar dos possíveis focos de análise, as primeiras impressões sobre as aproximações e dissonâncias das falas e um amplo entendimento dos saberes produzidos pelo método adotado. Passado esse processo, produzi uma apostila, com aproximadamente 120 páginas, contendo todas as entrevistas transcritas e organizadas sequencialmente, com o intuito de facilitar a dança com esses textos.

#### 2.4. – Metodologia de Análise: Como vai ser a festa?

O processo de análise foi sendo progressivamente definido, a cada leitura, entrevista realizada, transcrição, circulação pelos espaços, encontros e conversas sobre o tema. Essas e outras situações e acontecimentos, constituíram as primeiras observações e reflexões sobre o estudo e favoreceram a construção dos procedimentos de análise.



Com a apostila produzida contendo todas as entrevistas transcritas e organizadas sequencialmente, complementadas com todas as anotações e observações registradas no diário e nas inúmeras folhas soltas, segui com a leitura e releitura atenta desses materiais, a fim de delinear as formas possíveis de análise daquilo que produzimos coletivamente, levando em consideração os **objetivos específicos**, definidos para essa pesquisa: a) construir as narrativas das histórias de conformação dos atuais espaços de consumo, lazer e sociabilidade GLS de Recife; b) problematizar os acordos e tensões entre mercado, sociabilidade e agenciamentos políticos voltados à população LGBT.

Passado esse exercício de (re)leitura e conhecimento do que foi coproduzido, me empenhei nos textos teóricos sobre as técnicas de análise qualitativa, focalizadas nos estudos sobre as práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Consiste em uma abordagem de análise discursiva que concebe a linguagem como prática social, que impulsiona a circulação de conteúdo, gera posicionamentos, constrói sentidos e produz efeitos. Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1999) defendem a produção de sentidos<sup>42</sup> como uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso, e, por isso, busca compreender as práticas discursivas<sup>43</sup> presentes no cotidiano – narrativas, argumentações e conversas – e os repertórios que são utilizados nelas.

As práticas discursivas são compreendidas como linguagem em ação, ou seja, a forma como os sujeitos nomeiam as experiências vividas, momento em que as pessoas produzem sentidos, constroem versões da realidade e se posicionam em relações sociais cotidianas, portanto, são dinâmicos, múltiplos e polissêmicos (SPINK; MEDRADO, 1999).

A partir desse conceito pude escolher como estratégia de análise, o que Medrado e Lyra (2015) chamam de “exercício de (des)organização das informações”. Esse processo consiste em um esforço de organizar e desorganizar os textos disponíveis – as transcrições, o diário e as folhas soltas -, por meio de uma leitura atenta, “como uma forma de dar visibilidade à trama ou malha discursiva que define, caracteriza ou inscreve nosso objeto de pesquisa”, de modo a facilitar a definição do foco das análises, do exercício de síntese e a construção de quadros analíticos (p. 23).

Desse jeito, em diálogo com o orientador da pesquisa e seguindo as indicações teórico-metodológicas, construímos uma estratégia particular para nosso estudo: Definimos duas linhas analíticas, cada uma desenvolvida de forma particular, de maneira que correspondam aos resultados e discussões esperados por nossos objetivos específicos. A primeira linha denomina-se **construção narrativa das histórias de conformação dos espaços de consumo, lazer e**

---

<sup>42</sup> A concepção aqui defendida corresponde a delineada por Spink e Medrado (1999, p.26). O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. Produzir sentidos então, é concebido como um fenômeno sociolinguístico que sustenta as práticas sociais e passa a se constituir como o resultado de um fluido processo de interanimação dialógica.

<sup>43</sup> O conceito de práticas discursivas remete, por sua vez, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentidos, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade (SPINK; MEDRADO, 1999, p. 29).

**sociabilidade GLS, e a segunda, acordos e tensões entre mercado e sociabilidade voltados à população LGBT.**

Na primeira linha construímos a história de como surgiram os espaços de consumo, lazer e sociabilidade destinados à população LGBT que atualmente compõem o circuito GLS da cidade do Recife, por meio das narrativas de nossas interlocutoras privilegiadas. Nela, visibilizamos a memória do que motivou a constituição desses espaços, o ano de fundação, a ideia do nome, o funcionamento do espaço (de quando surgiu até os dias atuais), dentre outras informações importantes acerca destes e de sua constituição. Incorporaremos nessa narrativa alguns elementos, uma linha do tempo e algumas imagens, à medida que contribuíam com a construção de nossa versão dessas histórias.

Na segunda linha, abordamos os acordos e tensões entre mercado e sociabilidade voltados para a população LGBT, por meio dos sentidos produzidos em conjunto com nossas interlocutoras privilegiadas acerca da conformação desses espaços. Para isso, definimos três eixos temáticos e seus respectivos tópicos analíticos: **Lazer e Sociabilidade, Mercado e Agenciamentos Políticos**. A fim de compreender os sentidos coproduzidos sobre essas temáticas e estabelecer diálogos possíveis com as autoras e estudos já realizados, que se inserem no jogo ético e política, na arena da produção de conhecimento, como também, no campo da argumentação<sup>44</sup>.

- No eixo **Lazer e Sociabilidade** abordamos os sentidos coproduzidos a respeito do que motivou a abertura desses espaços, do público frequentador, a relação com estes e a opinião sobre a liberdade das práticas sexuais, por meio da existência dos *dark room*; conforme a tabela abaixo:

LAZER E SOCIABILIDADE	
MOTIVAÇÃO	Compreende as falas coproduzidos, com as interlocutoras privilegiadas, acerca do que motivou abrir/administrar um espaço voltado à população LGBT.
PÚBLICO	Aborda as informações acerca do público frequentador do estabelecimento, alinhando aspectos relacionado ao gênero, orientação sexual e classe, destes; e, a relação das interlocutoras e das funcionárias do espaço com estes.
PRÁTICAS SEXUAIS	Compreende os discursos coproduzidos, com as interlocutoras, quando questionadas sobre as práticas sexuais e a existência de <i>dark room</i> .

Quadro 02: Eixo analítico – Lazer e Sociabilidade.

- No eixo **Mercado** abordamos os sentidos coproduzidos a respeito da concepção econômica e as práticas de consumo, por meio da análise das resistências enfrentadas na trajetória dos espaços, da escolha de onde se localizam, da relação com a concorrência, dos aspectos positivos e negativos de administrá-los e, das

<sup>44</sup> Incluiremos também imagens e algumas narrativas, que convencionamos chamar de *episódios*, que darão um certo jogo e, ao nosso ver, contribuirão para uma melhor compreensão das temáticas estudadas.



intervenções legislativas que interferem no funcionamento desses estabelecimentos; de acordo com a tabela abaixo:

MERCADO	
RESISTÊNCIAS	Assimila as narrativas coproduzidas, com interlocutoras, quando questionadas sobre as resistências e situações adversas que passaram com a vizinhança, os familiares e amigos, entre outros; por estarem envolvidos com esse mercado, especificamente.
LOCALIZAÇÃO	Atenta para os discursos sobre a escolha e/ou importância de onde está localizado o estabelecimento, verificando aspectos simbólicos e geográficos.
CONCORRÊNCIA	Acolhe as informações coproduzidas, com as interlocutoras da pesquisa, quando questionadas sobre a concorrência com outros estabelecimentos na área, que também são voltados para essa população.
ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS	Assimila os discursos coproduzidos, com as interlocutoras, quando perguntadas sobre os aspectos positivos e negativos em administrar um espaço voltado para a população LGBT.
LEGISLAÇÃO	Atenta para a citação de leis que interferem, segundo as interlocutoras, no funcionamento desse mercado na atual conjuntura.

Quadro 03: Eixo analítico – Mercado.

- E, no eixo **Agenciamentos Políticos**, abordamos os sentidos coproduzidos a respeito da relação desses espaços com o Movimento LGBT e a concepção sobre a importância dos eventos político-culturais, como a Parada da Diversidade, como visto na tabela a seguir:

AGENCIAMENTOS POLÍTICOS	
MOVIMENTO LGBT	Aborda as falas coproduzidas, com as interlocutoras privilegiadas, quando questionadas sobre a relação com o movimento LGBT.
PARADA DA DIVERSIDADE	Assimila os discursos produzidos acerca da Parada da Diversidade.

Quadro 04: Eixo analítico – Agenciamentos Políticos.

Nos quadros acima, encontramos sistematicamente as abordagens pretendidas em cada eixo de análise e as explicações a que cada uma se dedica. Compreendemos que esses eixos estão entrelaçados e constituem uma dinâmica complementar, não tão fragmentada como apresentado, portanto, utilizamos esse exercício de (re)organização na intenção de contribuir com a sistematização do processo e melhor entendimento de nossas análises sobre os acordos e tensões entre o mercado e a sociabilidade voltada para a população LGBT, por meio dos sentidos produzidos em conjunto com as interlocutoras privilegiadas da pesquisa, quando questionadas sobre essas temáticas.

Seguindo nossos passos, em cada tópico vinculado aos eixos de análise, demos ênfase aos **repertórios linguísticos**<sup>45</sup> e as possíveis **nomeações** que visibilizamos durante o processo analítico. Compreendemos *repertórios linguísticos* como os conteúdos das práticas discursivas, a unidade de construção dos discursos, histórica e culturalmente situadas; “são os termos, os conceitos, os lugares comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções de sentidos” (SPINK, 2010, p. 32). Ela, portanto, nos permite entender a *função*, os *efeitos* e a *variação* dos usos em nossas análises, como bem salientam Medrado e Lyra (2015):

(Nos) “repertórios” devem ser incluídos extratos do texto, a partir dos quais é possível identificar argumentos, expressões, metáforas etc., empregados para caracterizar e avaliar ações, eventos e outros fenômenos. [...] mais do que os repertórios em si, o que importa nas análises é sua *função* e potencial *efeito*, [...] (como) também a *variação*, na medida em que se deve atentar tanto para as consistências, como especialmente para as diferenças. [...] Ao invés de buscar similaridades e consensos, o estudo dos repertórios explora a polissemia de sentidos e a variedade de usos de argumentos, descrições e inscrições (p. 26-27).

Com esses argumentos, percebemos os *repertórios linguísticos* como a estratégia analítica que nos permite identificar e compreender a polissemia presente nos discursos coproduzidos durante o processo de entrevista, as múltiplas formas de falar sobre assuntos específicos, afinal, “o estudo de repertórios possibilita dar visibilidade às rupturas e permanências nos sentidos produzidos a respeito de determinado tema, por meio da análise das unidades de construção utilizadas na linguagem em uso” (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014, p. 245).

Em cada tópico vinculado ao eixo de análise, na parte dos *repertórios linguísticos*, incorporamos, sempre que possível, os enunciados do pesquisador e das interlocutoras privilegiadas, sequencialmente, sobre a respectiva temática, por entendermos que a construção discursiva acontece conjuntamente. Como também, inserimos trechos de fala das interlocutoras, que dialoguem com os eixos e tópicos de análise, por compreendermos que as narrativas se construam, por vezes, de forma não fixa aos questionamentos, mas se conduzem conectadas a outros contextos e temáticas circulantes em todo processo de interanimação dialógica.

Nas *nomeações* abordamos os termos e expressões utilizadas para nomear as diferentes temáticas. Como bem destacam Medrado e Lyra (2015, p. 25): “nomear é um ato que produz efeito. Não é simplesmente uma descrição ou indicação, mas sim uma classificação; é dar a algo uma característica, um valor. [...] não se resume a uma convenção ou ao uso simples e indiscriminado de vocábulos”. Portanto, estamos interessados nas possíveis interpretações acerca dos usos e/ou efeitos provocados por esse exercício de *nomeação*.

Seguindo os estudos de Spink (2014), partimos da concepção de que as práticas discursivas, em nossa pesquisa, são produtos do diálogo entre pesquisador e interlocutor privilegiado.

<sup>45</sup> Esse conceito faz referência as produções sobre “Repertórios interpretativos” de Jonathan Potter e Margaret Wetherell (1987 apud. MEDRADO; LYRA, 2015) que posteriormente foram nomeados de “Repertórios discursivos” por Mary Jane Spink (1999), e, numa perspectiva ampla “Repertórios linguísticos” (SPINK, 2014), nomenclatura que utilizaremos pelo contexto de nossa pesquisa.

Contextualizada conforme todos os elementos circulantes durante a entrevista, como o tema em debate, o posicionamento dos envolvidos na interanimação dialógica, o local, a forma que a pergunta foi direcionada, enfim, todo contexto de produção do conhecimento.

Por fim, definimos esses passos analíticos como a forma útil de visibilizar nossa discussão e produzir as informações importantes e correspondentes a nossos objetivos de pesquisa. Sendo assim, a intenção é convidar nossas queridas leitoras a se divertirem em nossa festa, a jogar-se no ritmo de nossa dança e deixar-se envolver por nosso tema de pesquisa.

## *Festa*

### **3. E VAI ROLAR A FESTA!**

---

A “divertida” produção das narrativas e discussões.

*“Uma alegria contagiante no ar  
 As luzes coloridas, a brilhar  
 Uma música da moda a tocar  
 Todos animados, a dançar  
 Pelo jeito ninguém quer parar  
 Esse momento mágico, querem aproveitar  
 Ruim é saber que isso uma hora vai acabar  
 A magia vai cessar  
 A música vai se calar  
 A luz vai desligar  
 O sol vai raiar  
 Um dia normal vai começar!”.*  
 (Clarice Pacheco)

Neste capítulo, como apresentado anteriormente, nos propomos a construir versões possíveis das narrativas de conformação dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade destinados à população LGBT do centro do Recife e, promover discussões sobre os acordos e tensões entre o mercado e a sociabilidade voltada para esse público, a partir de diálogos produzidos conjuntamente com as interlocutoras privilegiadas.

Assim sendo, dedicamo-nos a narrar nossas interpretações decorrentes de encontros e desencontros com as interlocutoras e com tudo que envolve o engajamento no campo-tema: as memórias, vivências, leituras, observações, diálogos, anotações e outras, que tornaram possíveis nossas festivas reflexões.

Reafirmamos não ter interesse em produzir verdades absolutas, irrefutáveis e universais. Compartilhamos a ideia de que os conhecimentos produzidos são localizados e parciais, são resultados de olhares e formas específicos de refletir e interpretar, são oriundos da implicação daqueles que o produzem (HARAWAY, 1995), então, o que narramos aqui constituem versões possíveis sobre aquilo que nos dedicamos estudar.

Mary Jane e Peter Spink (2007, p. 565) nos alertam sobre o risco do “presentismo”, que os historiadores salientam para os não-historiadores: o risco de “construir, a partir dos muitos elementos e possibilidades do passado, uma linha de argumento cuja função é sustentar o presente”, o risco de construir histórias sobre memórias passadas com as concepções do hoje. Isso nos leva a compreender a existência de várias histórias que se sustentam nas atualidades, “há versões diferentes sobre o que estudar e por que estudar e, em cada caso, autores diferentes argumentam sobre a propriedade de seus pontos de vista (p. 566) ”.

Então, ressaltamos que a proposta aqui apresentada tem por base a atribuição de nossos significados sobre as ideias, pensamentos, emoções, afetos, desejos, opiniões, posições políticas etc, pronunciadas por nossas interlocutoras, de maneira que, o que produzimos são recortes e

deslocamentos das histórias e memórias que escolhemos, direta ou indiretamente, dar visibilidade. Afinal, como afirma Durval Albuquerque Jr. (2007, p.27), a história é a arte de inventar o passado, ela “[...] começa a ganhar contorno quando começa a ser contada”.

Dessa forma, a narrativa histórica não se distancia de uma narrativa ficcional. Por consequência, não estamos interessadas em verificar a veracidade das narrativas, tampouco, produzir narrativas com cunho verídico, e sim compreender os sentidos, os efeitos que estas construções discursivas produzem.

Nosso foco recai na construção de narrativas sobre a constituição do circuito GLS do centro do Recife, uma versão das histórias narradas, por diferentes sujeitos, que compartilharam, de formas diversas, suas histórias de vida que atravessam as memórias sobre os espaços, portanto, nada mais é do que a nossa maneira de contar essas histórias.

### 3.1. – Histórias e cores das noites recifense.

A expansão dos espaços de sociabilidade, nas grandes cidades brasileiras, como possibilidades de circulação e vivência das homossexualidades em estabelecimentos privados e vias públicas, aconteceram, segundo Júlio Simões e Regina Facchini (2009, p. 74), no início dos anos 1970, “sob o signo da ditadura escancarada”. No Recife, como citamos no capítulo anterior, temos registros dos bares *Mustang* e *Kibe* e das boates *Misty*, *Vogue* e *Stok*, além da *Doctor Froid*, *Cat's* e *Disco Queen*<sup>46</sup>, destinados ou adequadas, em sua maioria, à frequência do público homossexual masculino, de classe média, que circulavam pela cidade, compartilhavam experiências, se paqueravam e constituíram assim, as categorias identitárias e as subjetividades coletivas e individuais em negociação.

Esses espaços, no contexto vivenciado na época, e nas décadas seguintes, foram essenciais para a constituição de identidades sexuais e organização social desses indivíduos. Esses ambientes – bares, restaurantes, “boates” – GLS foram primordiais para que o diálogo, as identificações entre os sujeitos florescessem e assim, os despertaram para a necessidade de, na conjuntura em que a sociedade se (re)configurava, se organizar e reivindicar seus direitos enquanto cidadãos, esses aspectos evidenciam a relação entre o mercado e a militância, estabelecida em acordos e tensões.

Música, dança, beijos, estilos de vida e diversas expressões estéticas, ambientam os festivos espaços de consumo, lazer e sociabilidade associados à circulação dos sujeitos das diferentes identidades de gênero, orientação sexual, classe, raça/etnia, geração e outros marcadores. Se nos anos 1970 vivenciamos uma expansão desses espaços, nos anos 2000, período em que o movimento LGBT brasileiro se reerguia da discriminação instaurada pela epidemia do HIV/AIDS e reorganizava as estratégias de ascensão e “visibilidade positiva” na sociedade (SIMÕES; FACCHINI, 2009), há uma ampliação ainda maior das possibilidades de consumo, por

---

<sup>46</sup> Essas últimas citadas tivemos conhecimento por meio das narrativas de nossas interlocutoras privilegiadas.

consequente, dos espaços de sociabilidade voltados a esse público, circunstância propiciada pela estreita relação do mercado e movimento.

É nessa conjuntura que surgem os espaços que atualmente compõem o circuito GLS do centro do Recife<sup>47</sup>, em conformidade com o relato de Sandro da Silva (2011), sobre o surgimento dos bares e boates na cidade:

Bastava ir ao centro da cidade nos fins de semana, principalmente nas noites de sexta-feira e do sábado para constatar a nova realidade. As noites *gays* do Recife estavam fervendo. Como vimos, até agora, parece que não faltavam opções de entretenimento para o segmento homossexual. Eram espaços públicos e estabelecimentos privados que se adequavam a todos os gostos e bolsos, reunindo homens das mais distintas classes sociais, idades e etnias. Mas talvez, dos espaços que foram abertos para este público emergente (a exemplo dos bares), nada expressasse tanto este novo momento como as modernas e “descoladas” boates, discotecas ou *discothèques gays* como também eram conhecidas. Estes ambientes com suas músicas e luzes inebriantes em conformidade com a moda *disco* eram, com relação à sociabilidade *gay*, os lugares mais recomendados da época. Pois, mantinham um público seleta, com seus *habitués* por vezes, oriundos das classes média e alta de Pernambuco (p. 189).

Nesse período, com a ascensão das primeiras boates que abertamente aceitavam a vivência das homossexualidades, a cidade do Recife, portanto, entrou no circuito das grandes capitais brasileiras em que os sujeitos homossexuais podiam curtir as baladas noturnas durante o fim de semana, sendo reconhecidos como espaços “libertadores”. Assim, para melhor visualizar esse processo, construímos uma linha do tempo com as informações compartilhadas por nossas interlocutoras, tendo como referência o ano de fundação dos estabelecimentos estudados:

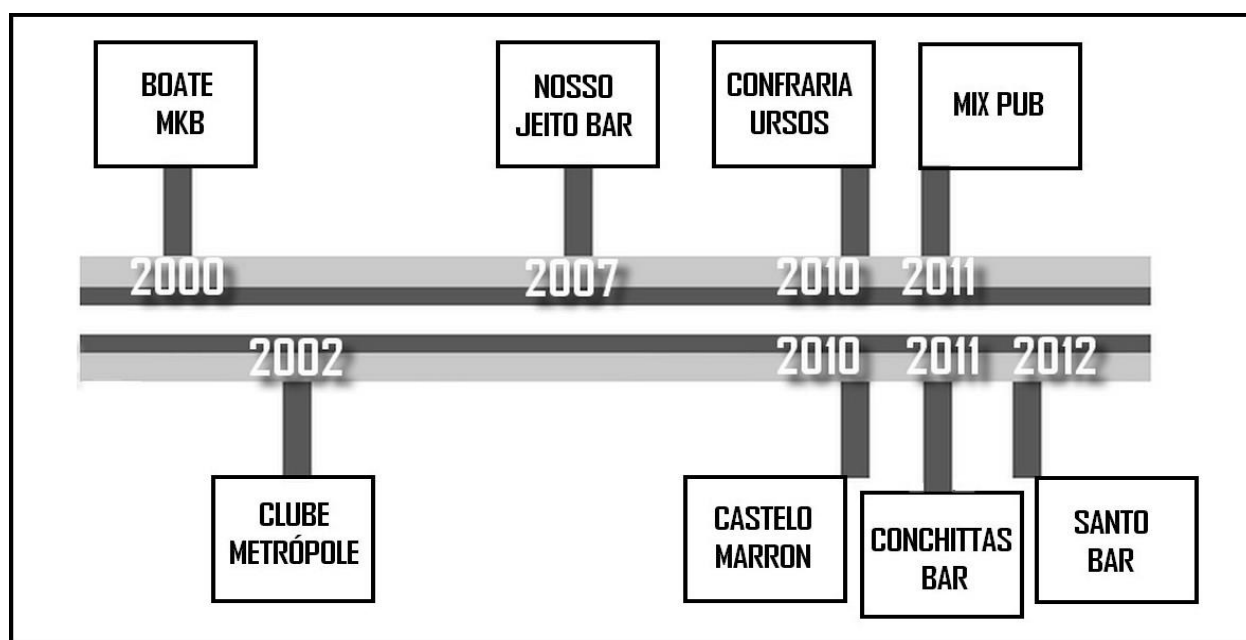


Figura 02: Linha do tempo: ano de fundação dos espaços.

<sup>47</sup> Sobre o circuito GLS do Recife, pensando no quão cíclico são esses ambientes e nas imensas dificuldades em mantê-los abertos, refletimos a possível existência de outros espaços para além dos citados no decorrer desse estudo. Tanto nos anos antecedentes a nossa marcação temporal (anos 2000 em diante), quanto durante o período estudado. Dessa forma, enfatizamos que os aqui referenciados foram conhecidos por meio das entrevistas e/ou leituras de materiais diversos sobre a temática e, que esse estudo se limita metodologicamente aos espaços de consumo, lazer e sociabilidade que estão em funcionamento até a data presente de sua realização.

Como podemos observar, esses espaços emergiram por volta do final do século XX e início do século XXI, período em que as pautas do Movimento LGBT ascendem na agenda público do Estado Brasileiro e dos partidos políticos, como também, nos investimentos do mercado GLS que entram nesse jogo da afirmação de uma identidade positiva e da visibilidade das vivências homossexuais (SIMÕES; FACCHINI, 2009). E, no âmbito internacional, o movimento reivindicava o reconhecimento dos “direitos sexuais” como direitos humanos, segundo Regina Facchini, Isadora França e Camilo Braz (2014, p. 103).

Na cidade do Recife, as duas principais boates, pelo porte estrutural e o longo período nesse mercado, em funcionamento atualmente - *Meu Kaso Bar* e *Clube Metr pole*, datam sua inaugura o nos anos 2000 e 2002, respectivamente. Elas, além de serem pontos de referência, constituem a demarca o dos dois polos do circuito GLS do Recife, que foi se desenvolvendo ao passar dos anos com o surgimento de outros espaços nas proximidades: ao redor da Boate MKB se instaura, em 2007, o *Nosso Jeito Music*, em 2010, a *Confraria Ursos de Pernambuco* e em 2011, o *Mix Pub*; em 2010 o *Castelo Marron* se reconfigura para o público em destaque e, nos anos seguintes, 2011 e 2012, fundam-se, no entorno do Clube Metr pole, o *Conchittas* e o *Santo Bar*<sup>48</sup>, respectivamente.

Com vistas a compreender as trajetórias percorridas por esses espaços, apresentaremos a seguir as **versões narrativas de suas histórias de conforma o, construídas a partir das informa es produzidas em conjunto com nossas interlocutoras privilegiadas** durante o processo das entrevistas, com a finalidade de contextualizá-los no circuito GLS do Recife.

Para isso, definimos no roteiro de entrevistas, uma pergunta inicial que convidava nossas interlocutoras privilegiadas   dialogarem sobre suas memórias de aproxima o com espaços voltados   frequência da popula o LGBT, como se interessaram por esse mercado e os caminhos percorridos para a conforma o dos espaços. Dessa forma, segue a série de apresenta es das histórias, segundo informa es das interlocutoras, escritas em ordem, a partir do ano de funda o dos espaços no centro do Recife.

### 3.1.1. BOATE MKB

De acordo com o entrevistado, esta boate   a mais antiga em funcionamento na cidade do Recife. Segundo ele, a primeira versão foi montada na cidade de Sorocaba, no estado de São Paulo, em 1992. Idealizado por um homossexual de Recife, que performava uma *Drag Queen*, e, na época, o seu companheiro. Ambos foram a São Paulo em busca de novas oportunidades e, após alguns anos de trabalho, decidiram ser proprietários de um espaço voltado ao público gay, com a proposta desse estabelecimento ser palco para as performances artísticas da *Drag*. Conforme nosso interlocutor, esse espaço funcionou por 8 anos e fora fechado em detrimento a um acidente

<sup>48</sup> O Santo Bar tem sua história transversalizada pela do Clube Metr pole, assim, as informa es serão incluídas na narrativa produzida acerca desse último.



ocorrido pelo uso de fogo em uma apresentação artística de uma *drag* convidada para abrilhantar uma festa, o que resultou em quase 80 pessoas queimadas. Por isso, tiveram que vender todos os bens que possuíam e indenizar todas as pessoas envolvidas.

Após essa fatalidade, como relatou nosso entrevistado, ambos tiveram que voltar para o centro de São Paulo e recomeçar a vida. E, com muito trabalho, esforço e dedicação, conseguiram se reerguer: a *Drag Queen* alcançou o estrelato nas boates GLS de São Paulo e outras capitais brasileiras. O interlocutor nos informou que, pela agenda lotada de shows, o casal não conseguiu manter a relação, pelos diferentes interesses: por um querer constituir família e o outro desfrutar dos palcos. Foi então que, no ano 2000, um deles decidiu voltar pra Recife e, com a ajuda dos familiares, reabrir a *Boate Meu Kaso Bar* na cidade, em uma casa localizada na Av. Oliveira Lima, nº 733, centro. Afirma que quando estava tudo pronto, o atual proprietário convidou a *Drag Queen* para realizar o show de inauguração da boate. Na ocasião, após finalizado o show, o mesmo a convidou para retornar à Recife e ser a Rainha da boate que tanto sonhara.

Dessa maneira, de acordo com o entrevistado, se reconstruía a história da *Boate MKB* no Recife. Ele relatou também que, após alguns atritos e o rompimento com a família do proprietário inicial, que contribuíram na reabertura da boate, eles retornaram a sociedade e voltaram a trabalhar juntos nesse mercado. Dois anos depois, o espaço muda para uma casa maior, localizada na Rua Corredor do Bispo, nº 06, bairro da Soledade, centro do Recife. Como afirma, o nome do estabelecimento faz referência aos termos usados na época por gays e lésbicas para se referir às parceiras(os) / companheiras(os) de relação afetiva e sexual: as mulheres diziam “meu caso!” , e os homens “minha figura!”.

Atualmente, como informa nosso entrevistado, a boate dispõe de diversos ambientes, divididos pelos ritmos musicais que alegam as festas. Os principais são o *dance*, o *bregão*, o *pagode* e o *MPB* ao vivo, que dispõe de apresentações de artistas e bandas locais, *djs*, *drags queens*, caricatas e transformistas da região, entre outros entretenimentos oferecidos as pessoas que circulam pelo espaço em busca de diversão.

Com o slogan “Nem a pior, nem a melhor, apenas um espaço diferente”, a boate, como afirma nosso interlocutor, é frequentada, em sua maioria, por bichas, travestis, sapatão e heterossexuais, com forte recorte de classe (baixa) e raça/etnia (pretos e pardos), que popularmente imprimem uma estética bastante estigmatizada e marginalizada sobre o lugar. Funciona exclusivamente nos fins de semana - sexta, sábado e domingo, das 22h às 06h da manhã. A boate ainda conta com um *dark room* que, segundo nosso entrevistado, é uma das principais atrações das festas, pela permissiva prática da sexualidade, em um espaço reservado, para além da possibilidade de beber e dançar a noite inteira.



### 3.1.2. CLUBE METRÓPOLE

Inaugurada em 2002, a história do *Clube Metrópole* corresponde à trajetória de atuação de sua idealizadora no mercado voltado ao lazer noturno no Recife. Segundo nossa interlocutora, a mesma foi *promoter* de uma antiga boate destinada ao público heterossexual na cidade, a *Doktor Froid*, em 1994, localizada no mesmo espaço em que hoje abriga a Metrópole. Conforme informações da nossa entrevistada, na época, ela já organizava a “sexta gay”, uma festa com grande frequência de homens gays, resistindo aos preconceitos dos empresários do local. Ela também foi uma das proprietárias de uma outra boate gay que funcionava no Recife antigo, a *Cat’s*, inaugurada no ano de 1999. Como também, organizava festas e eventos pela cidade. A mesma salientou que a ideia de destinar esses espaços à população LGBT foi uma estratégia de resistência às situações de violência homofóbica vivenciadas por seus amigos na época.

A interlocutora privilegiada nos contou que, após altos e baixos enfrentados por situações pessoais e pela alta concorrência nesse ramo, tomou a decisão de alugar o espaço onde antes funcionavam as boates mais renomadas da cidade do Recife, mesmo sem muito capital financeiro. Foi então que, no final de 2001, segundo suas informações, alugou-se o casarão, onde atualmente se localiza a Boate Metrópole. Ela afirma que o espaço carrega as histórias das boates gays do bairro da Boa Vista, a exemplo da *Misty*, que também funcionou no local, nos anos 1980.

Nessa investida, a mesma contou com a contribuição de sua mãe, de seu atual companheiro e de um amigo, também empresário, que tinha acabado de fechar uma boate em São Paulo e depositado, em um galpão na região metropolitana do Recife, todos os materiais e equipamentos utilizados, que foram doados à mesma, contribuindo assim, com a realização da reforma necessária no espaço. Como conta, esta foi a oportunidade ideal para que, no ano de 2002, o *Clube Metrópole* abrisse suas portas. Foi a concretude do desejo de ser proprietária, mais uma vez, de um espaço em que o público gay pudesse beber, dançar e curtir a noite.

O nome Metrópole surgiu, segundo nossa interlocutora, por meio do diálogo com seu atual companheiro, na Praia do Toque em Alagoas, enquanto conversavam sobre a polêmica realização de *rives* e shows nas praias turísticas de Pernambuco. Para ela, som alto, balada, barulho combinava com os centros da cidade, com às metrópoles, daí então veio o *insight* para a definição do nome. Com o slogan “livre, moderna e única”, a boate está localizada na Rua das Ninfas, nº 125, bairro da Soledade, centro do Recife. Como salienta nossa entrevistada, a *Metrópole* atualmente é um dos principais espaços do circuito GLS do Recife, referenciada como uma das melhores boates do eixo Norte-Nordeste.

Ela afirma que a boate conta com uma programação diversificada, promove shows com artistas locais, nacionais e internacionais, nos mais variados ritmos – da música brega ao pop –; realiza festas temáticas, apresentações de *drags* e *gogoboy*s, dentre outras programações que variam semanalmente. O espaço, de acordo com suas informações, passou por inúmeras reformas que favoreceram a sua ampliação e modernização. Em relação ao público frequentador, a mesma

afirma que são, em sua maioria, homens, gays, de classe média, que usufruem do Real Pink (moeda exclusiva) para consumir no lugar.

No ano de 2012, segundo nossa entrevistada, surge o Santo Bar, com a proposta de ser um bar e baladinha, onde a reza será para o Santo Bar; uma brincadeira com o ditado popular que diz: “o primeiro gole vai para o santo”. A casa aonde o bar está localizado, fica ao lado do Clube Metr pole e, tem uma decora o modernista, com ornamenta es que jogam com os símbolos religiosos e o clima de festa.

### 3.1.3. NOSSO JEITO MUSIC

Fundado em 2006 no subúrbio do Recife, o *Nosso Jeito* surge, conforme informa es da entrevistada, como um bar destinado ao público heterossexual em geral. Constituía-se a realiza o do sonho de ter o próprio negócio. Ela nos conta que, já possuía um histórico de aproxima es com estabelecimentos GLS: trabalhou durante 4 anos, de 2001 a 2004, em uma boate, chamada Banana Club, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife. Após esse período, ela ainda trabalhou em outros lugares e promoveu algumas festas, até que conseguiu acumular capital e, junto com sua atual companheira, abrissem seu primeiro estabelecimento.

Segundo suas informa es, esse estabelecimento inicialmente localizava-se no bairro do IPSEP. Era um t pico bar de subúrbio - simples, organizado, com atendimento de qualidade, bom serviço de bebidas e um cardápio variado de petiscos e caldinhos. Frequentado, em sua maioria, por pessoas heterossexuais. A entrevistada relatou que, por ser um espaço administrado por um casal de mulheres lésbicas, o mesmo foi logo caracterizado como um “bar de sapatão”, e passou a ter frequência de lésbicas e gays. Ela nos conta que isso, com o passar do tempo, ocasionou uma série de problemas, como a diminui o da frequência de pessoas (em geral) e a prolifera o de comentários negativos, popularizados no bairro, sobre o espaço. Então, após um ano de funcionamento, decidiram mudar-se para o centro do Recife, configurando-se um barzinho em que o público pudesse se encontrar, antes de ir para as boates.

Foi então, no ano de 2007, que o *Nosso Jeito Bar*, de acordo com nossa interlocutora, instala-se na Rua Bispo Cardoso Ayres, bairro da Soledade, centro do Recife, como um barzinho em que o público pudesse fazer um esquentado, funcionando todos os dias, em horário comercial (até as 10 horas da noite), no quintal de uma casa alugada, no chão batido, de forma bem improvisada; com os mesmos serviços da primeira localiza o, acrescida agora de música ao vivo no estilo MPB, voz e violão. A interlocutora nos informou que a aceita o do público, em sua maioria mulheres lésbicas, foi um grande motivador. Com o passar dos anos e a empolga o das proprietárias, o espaço começou a (re)construir sua estrutura física, a exemplo de um mini palco, onde aconteciam os shows com as bandas e as conhecidas intérpretes recifenses dos ritmos brega e MPB, e também, aos domingos passou a oferecer show de samba e forró p  de serra. Dessa maneira, o simples bar foi se constituindo um bar dançante noturno.

Outras reformas, com o passar dos anos, como salienta nossa interlocutora, foram transformando o espaço em boate, dedicando-se exclusivamente ao lazer noturno, nos fins de semana – sexta, sábado e domingo -, com a frequência de lésbicas, gays e simpatizantes, shows ao vivo, um jogo de iluminação típico e um som que passeia entre os ritmos brega, forró, MPB, samba, pop e música eletrônica. Conforme as informações da entrevistada, elas decidiram manter, junta a nova estrutura, as características de bar tradicional, com mesas e cardápio. Ela nos conta que o nome do espaço foi instituído em um diálogo entre a proprietária e sua atual companheira: uma tinha vontade de colocar “Meu Jeito” e a outra, por achar o termo muito individualista, sugeriu colocar o “Nosso”, e assim, surge o nome do espaço.

A interlocutora afirma que a bandeira do arco-íris (símbolo do Movimento LGBT) estuada na entrada, foi a forma encontrada para afirmar socialmente a que público o estabelecimento é destinado. Ela afirma que, atualmente, o espaço conta com uma programação de cinco grandes eventos, que fazem parte do calendário anual da casa: o aniversário do espaço; o aniversário da proprietária; a pré-parada da diversidade; o torneio de futebol feminino e o Diversidade Indoor, festa de carnaval fora de época.

#### 3.1.4. CASTELO MARRON

Segundo nosso interlocutor, o *Castelo Marron* ou *Castelinho*, foi fundado em 1982, na Rua do Giriquiti, nº 29, na Boa Vista, centro do Recife, como uma churrascaria, oferecendo serviços de alimentação. Ele nos conta que, nos últimos 5 anos, por estar localizado atrás do Shopping Boa Vista - área de grande circulação da população LGBT -, o espaço foi adotado por esse público e, após muitas modificações, estruturais e estéticas, passou a trabalhar com lazer noturno e se constituir bar destinado a frequência de lésbicas, gays e simpatizantes.

Então, a partir de 2010, o espaço, de acordo com nosso entrevistado, não só adotou esse público como, em sua decoração, passou a utilizar elementos referentes a estes, a exemplo da bandeira do movimento e as cores do arco-íris. Com alta frequência de mulher lésbicas, o espaço passou a configurar-se como um bar, oferecendo tira-gostos, caldinhos, bebidas quentes e geladas à preço popular; funcionando em dois ambientes: o externo que nos remete aos típicos bares de calçada, e a área interna, mais reservada, com mesas e cadeiras dispostas e um jogo de som e iluminação que lembra os utilizados nas boates, segundo suas informações.

Acerca do nome, o entrevistado nos conta que tem origem desde sua fundação, o Castelo além de ter alguma semelhança com a estrutura externa do local, corresponde a um dos sobrenomes do proprietário e, o nome Marron refere-se a cor originária do imóvel, que permanece nas paredes externas, já no ambiente interno, com o passar dos anos, foi substituída pela cor branca. Atualmente funciona de quinta-feira ao sábado, a partir das 16 horas. Como salienta nosso interlocutor, o espaço é ponto de encontro daquelas que trabalham ou estudam nas imediações do

local. São, em sua maioria, mulheres jovens, com suas parceiras e/ou em grupos, a fim de divertirem-se nos ritmos brega, pagode, forró e pop que entoam a festa no bar.

### 3.1.5. CONFRARIA URSOS DE PERNAMBUCO

Idealizado por um dos precursores da articulação dos ursos em Pernambuco, que promovia encontros desse segmento pela cidade, a Confraria, de acordo com nosso entrevistado, é a realização do sonho de abrir um bar que agregasse os homens segregados dos espaços de sociabilidade GLS, por estarem fora dos padrões impostos pela sociedade, eram estes, as pessoas gordas, carecas, mais velhas, enfim, aqueles “excluídos” da vida noturna. Assim, junto com seu companheiro na época, fundaram, em 2010, a *Confraria Ursos de Pernambuco*, na semana pré-carnavalesca. Localizada inicialmente na cidade de Olinda, o espaço se configurava como um bar dançante, que funcionava de terça à domingo, oferecia serviço de comida e bebida, e recebia muitos turistas interessados na vivência ursina da cidade, conforme nosso interlocutor.

Ele nos relatou que, após o período de 90 dias em funcionamento, os idealizadores decidiram mudar-se para o centro do Recife, em articulação com um casal de gay de brasileiros recém-chegados da Espanha, que abriram um espaço na cidade do Recife e, em poucos meses, faliram. Dessa forma, a partir de uma negociação e junção da propriedade do espaço física e dos equipamentos de som, iluminação, *frezzaers* entre outros; instalaram-se na Rua do Sossego, nº 11, centro do Recife. Nosso interlocutor salienta que isso configurou-se como uma estratégia de centralizar o acesso e agregar uma parcela maior dos ursos, que eram discriminados em outros ambientes GLS da cidade, como as saunas, cinemas, bares e boates. Ele afirma que a Confraria é uma das primeiras casas noturnas do Norte e Nordeste voltadas para o público ursino - homens, gays, masculinos -, que oportuniza lazer e sociabilidade a essas pessoas.

Após 16 meses, segundo suas informações, a sociedade foi desfeita. Desse modo, o espaço reabriu no ano de 2012, na Rua do Riachuelo, nº 704, no bairro da Boa Vista, ao lado da boate MKB, ainda no centro do Recife. Reconhecido como um espaço de encontro ursino em busca de se divertir, dançar, conhecer pessoas novas e rever os amigos, a *Confraria Ursos*, atualmente funciona em horário noturno, nos finais de semana e nas vésperas e dias de feriado.

Conforme informações de nosso interlocutor, é um bar noturno dançante, que toca músicas *retrô* remixadas, dos anos 60, 70, 80, 90 e 2000. Com relação ao público, ele nos conta que continuou exclusivo para homens, gays, masculinos, na faixa etária dos 30 aos 70 anos, em sua maioria, e os admiradores de ursos, que são os garotos mais novos. Afirma também que o espaço não impede a presença de mulheres e sujeitos de outras gerações, identidades de gênero e orientação sexual.

Ele nos conta que o segmento ursino criou uma gama de categorias classificatórias, de acordo com os aspectos físicos e performativos dos sujeitos, produzindo diferentes estéticas do homem gay viril, são essas: o “Dad Bear” que corresponde aos ursos paizão (com postura paterna);

os “Chubbys” que corresponde aos ursos mais jovens; os musculosos são chamados de “Muscle Bear”, os negros de “Black Bear” e os ursos grisalhos “Grizzly Bears”; existem também os “chasers”, que são os caçadores de ursos e os “Cubbys” que são os gordos, que não são ursos, mas possuem as características ursinas.

O nome “Confraria”, de acordo com o interlocutor, vem da ideia de confraternizar, assim, complementa a lógica de compartilhar, dividir, reunir os “Ursos”, as pessoas que eram/são rejeitadas na sociedade, e os oportunizar um espaço em que possam se desfrutar das noites. Acerca dos eventos com maior público, ele nos conta que são os “Bearncontro”, encontro que reúne os ursos de Recife e de outros estados e países, e as festas temáticas, que acontecem no período carnavalesco, o “Ursos na Folia”, o “BearMasquê” e o “Eu Galo Você! ”.

### 3.1.6. CONCHITTAS BAR

O *Conchittas Bar* foi fundado no ano de 2011, por um casal heterossexual. Segundo nosso interlocutor, foi pensado como a oportunidade de serem proprietários de um comércio e não mais prestar serviços à terceiros. Idealizado inicialmente para ser uma lanchonete, com opções variadas de hambúrgueres, (por acreditarem na escassez desse tipo de comércio na região), o espaço, localizado na Av. Manoel Borba, nº 654, no bairro da Boa Vista, em frente à Boate Metrópole, passou, com o avançar dos anos, a se reconfigurar como bar, pelos proprietários terem percebido que o público frequentador estava bem mais interessado nesse tipo de estabelecimento, fator muito influenciado pelos comércios em funcionamento ao redor do espaço.

Ele afirma que reconhece o espaço como alternativo, configurando-se uma estratégia de acolher os gays, lésbicas, simpatizantes e heterossexuais que o frequentam. Argumenta que, por estar em frente a uma das maiores boates GLS da cidade, o bar passou a ser muito frequentado pela população LGBT e reconhecido como um espaço destinado a esse público, que o adotou como local de encontro e/ou esquentar antes de ir as boates e/ou, simplesmente, curtir o fim de semana.

Um bar típico de calçada com um estilo bem peculiar, tem seu nome marcado pela decoração, como nos conta nosso interlocutor. Além de pinturas, quadros e adereços espalhados pelas paredes, com imagens de algumas figuras, personagens e cantores famosos, a frente do bar é completamente coberta por chitas, ideia do proprietário e de sua atual esposa, também artista plástica, que dá sentido ao nome do lugar. O mesmo afirma que o estilo musical predominante é o rock, jazz, blues, MPB e samba de raiz, que garantem a diversão durante toda a noite.

### 3.1.7. MIX PUB

O *Mix Pub* localizado na Rua do Sossego, nº11, no Bairro da Boa Vista, centro do Recife, surgiu, segundo nossa interlocutora, em 2011, próximo à Boate MKB e a Confraria Ursos. Configurava-se a realização do desejo de um casal de gays que, na época, um deles performava

artisticamente uma *Drag Queen* e tinha o sonho de criar um bar que servisse como uma nova alternativa aos espaços de diversão oferecidos à população LGBT na cidade. Ela nos contou que nos últimos 4 anos, o Mix passou por três gestões distintas, que imprimiram estética particulares no espaço, transitando musicalmente do estilo MPB ao Rock, assim como, da população LGBT ao público misto.

A atual gestão, conforme as informações da entrevistada, é composta por um casal de lésbicas, que também compartilhavam o desejo de administrar um espaço voltado para a população LGBT e, nos últimos meses de 2014, realizaram a vontade de ter um lugar bacana e tranquilo, em qual as pessoas se sentissem felizes. Ela argumenta que as mesmas optaram por permanecer com o nome inicial e assumir as características tradicionais do espaço, destinando-o novamente à frequência de lésbicas, gays e simpatizantes, incorporando o estilo modernista à decoração, com um esquema de luzes e adereços típico das boates, adaptando o espaço ao gosto pessoal, como também, melhorando os serviços de comida e bebida oferecidos.

Segundo nossa interlocutora, o ritmo musical prevalecente é o MPB, já o estilo brega, que também faz parte do estilo da casa, entoa no final das noites para animar o público que se jogam na dança. Ela nos conta que as sextas-feiras, o espaço é reservado a músicas acústicas reproduzidas em som ambiente; aos sábados, acontecem os grandes eventos da casa, com shows ao vivo das renomadas intérpretes da MPB da cidade do Recife; e, aos domingos, acontecem o “Canta Ai!”, um evento em que o público se diverte no *videôke*, brincando de interpretar as clássicas canções nacionais e internacionais.

O foco dessa linha analítica é contar, a partir das memórias compartilhadas por nossas interlocutoras privilegiadas, as histórias de conformação dos espaços voltadas à população LGBT, a fim de explorar como surgiram e qual a trajetória percorrida para que permanecessem em funcionamento na atualidade; assim como, entender o cenário em que se constituiu o atual circuito GLS do Recife. Como podemos perceber, essas memórias estão inteiramente relacionadas com as histórias de vida dessas pessoas, de maneira que nos permite compreender as motivações que as impulsionaram a dedicar-se a esse mercado, e como estes se constituíram espaços destinados à frequência de um público de orientação sexual e identidade de gênero determinada.

Então, ao entrar nessa festa, nos deparamos com essas diferentes histórias e percebemos que elas são/estão constituídas em conexões, não de forma tão linear e distante como vistas na linha do tempo, mas inter cruzadas, perpassadas uma pelas outras. De maneira que, algumas informações nos são interessantes nessa análise, por possibilitar compreender e localizar nossas interlocutoras, a partir de seus marcadores sociais; e, contextualizar a produção discursiva dessas histórias: com relação a orientação sexual, nos espaços localizados no Polo 01 (MKB, Nosso Jeito, Confraria Ursos e Mix Pub) todas as interlocutoras privilegiadas são assumidamente não-heterossexuais, identificando-se enquanto lésbicas e gays (duas mulheres e dois homens); já nos



localizados no Polo 02 (Metrópole, Santo Bar, Conchittas e Castelo Marron) todas são assumidamente heterossexuais (uma mulher e dois homens). Quanto ao recorte geracional, todas têm idade entre 40 e 60 anos. Em relação a classe social, elas transitam entre a classe média e alta. E, sobre a raça, segundo a classificação do IBGE, quatro são reconhecidas enquanto “brancas” e três enquanto “pretas e pardas”<sup>49</sup>.

É importante pensarmos também que esses espaços são regulados pela lógica do consumo, que mercantilizam as práticas de lazer e sociabilidade, que limitam o acesso àquelas que tem condições financeiras favoráveis ou as tornam favoráveis, pelo desejo de serem reconhecidas enquanto cidadãs consumidoras, contribuindo para a massificação da ideia de que o consumo é a maneira de acesso à bens e serviços. Vale ressaltar, que estes também são espaços de acolhimento e que tem um potencial político e cultural bastante relevante. Portanto, atentamos o fato de, ao longo dos anos, esses espaços passarem por muitas transformações na estrutura física e estética, tanto para atender a um número maior de público e as demandas destes, como acompanhar as exigências de um mercado bem concorrido e/ou corresponder as determinações impostas pelo Estado, por meio de leis e regulamentações, para o funcionamento desses estabelecimentos.

Assim, esses e outros aspectos citados serão abordados de maneira mais aprofundada na parte seguinte, que se propõe a problematizar os acordos e tensões entre o mercado e sociabilidade voltados à população LGBT, e interligá-los aos agenciamentos políticos em jogo nessa relação.

### 3.2. Discussões em festa: reflexões sobre o mercado GLS e a sociabilidade LGBT.

Pensamos o lazer como direito social, que deveria ser garantido a todas as cidadãs, e a sociabilidade como uma oportunidade de interação com o meio e entre as pessoas, pela convivência em sociedade. Dessa forma, buscamos, nessa análise, abordar os acordos e tensões entre o mercado GLS e as práticas de lazer e sociabilidade voltadas à população LGBT, orientadas pela lógica de consumo, priorizadas nas sociedades capitalistas ocidentais. Para isso, dividimos três eixos, apresentados anteriormente, com a finalidade de compreender os sentidos coproduzidos e produzir conhecimentos sobre as temáticas.

#### 3.2.1. Lazer e Sociabilidade

Para a elaboração desse eixo, definimos três tópicos, que contribuem na organização das informações coproduzidas e nos auxiliam na construção das análises, além de serem temáticas que circularam na produção de sentidos e nas práticas discursivas de nossas interlocutoras, impulsionadas pelos questionamentos tecidos durante a interanimação dialógica. São eles: **Motivação, Público e Práticas Sexuais.**

---

<sup>49</sup> Esses dados estão sistematizados na Tabela 01 localizada no capítulo metodológico desse estudo, por ter sido um instrumento bastante contributivo na realização da pesquisa, constituindo informações importantes no processo de análise.



### 3.2.1.1. MOTIVAÇÃO

Quando questionadas sobre o que as motivou abrir um espaço voltado ao consumo, lazer e sociabilidade da população LGBT, diferentes foram os enunciados, os conteúdos expressos que foram associadas à essa pergunta, no contexto de realização das entrevistas. Dessa forma, nos propomos a problematizar os sentidos produzidos em conjunto com nossas interlocutoras, por meio da análise dos repertórios linguísticos, que constituem as práticas discursivas.

Ao analisá-los, pudemos identificar que boa parte desses espaços surgiram por meio do desejo, relatado por nossas interlocutoras, de serem proprietárias de um estabelecimento comercial, voltado ao lazer noturno nos fins de semana, em que fosse possível oferecer serviços de bebida e comida (em alguns casos), proporcionando ambientes de interação, diversão e entretenimento às pessoas frequentadoras, como observamos nos relatos a seguir:

[Pesquisador] O que motivou a criação desse espaço?

[Interlocutora] Minha ideia era montar meu próprio negócio [...]; um barzinho, onde seria um ponto que a galera se encontrasse pra depois ir para a boate (*Interlocutora Entrevista A*<sup>50</sup>, mar. 2015).

[Pesquisador] O que motivou a criação desse espaço?

[Interlocutora] A ideia surgiu numa oportunidade que surgiu. Esse ponto estava para alugar. Eu nunca trabalhei com o público GLS, nunca fui comerciante, até então. Eu era vendedor na época e, as vezes, você junta uma grana e diz assim: Porra! Não quero trabalhar mais pra ninguém. Eu vou abrir um comércio pra mim, né? Então, na época que surgiu essa ideia, eu tava com esse ponto aqui pra alugar. Quando eu aluguei esse ponto aqui, [...] eu abri Bar E Lanchonete. Só que olhando direitinho, pra lanchonete não tava dando, ele tava dando melhor pra bar. Então eu comecei a (re)transformar ele, direcionando mais pra bar do que pra lanchonete (*Interlocutor Entrevista B*, mar. 2015).

[Pesquisador] O que motivou a criação desse espaço?

[Interlocutora] a minha esposa foi que me apresentou e que veio com a ideia de montar um local voltado para esse público. Ai, em 2014, eu resolvi, com ela, comprar e estamos com o bar (*Interlocutora Entrevista C*, mai. 2015).

Por sua vez, encontramos, entre as informações disponíveis, interlocutoras que relataram como motivação complementar a essas de cunho econômico, o desejo de criar espaços para a sociabilidade da população LGBT excluída socialmente, com intenções de lutar pela defesa dos direitos desses sujeitos, através de espaços mediados pelo consumo. Esses enunciados nos permitem perceber uma certa apropriação/aproximação com o discurso militante que tem efeitos bem expressivos na conjuntura em que se dá a relação entre mercado e movimento. Vejamos:

[ P ] [...]O que motivou a criação desse espaço?

[ I ] [...] O que é que me fez assim, a coisa de levar mesmo... [contará um caso de violência homofóbica sofrida por seu maquiador na época] Eu cheguei para desfilar no shopping. Ai, cadê Nanda né? Cadê a Nanda? Que não está aqui querendo fazer meu borradinho. Ah! Está ali. Ele estava como se fosse assim, embaixo da pia do camarim, que tinha lá no shopping, e era o banheiro que a gente usava. Ela tava lá, parecia, sabe um cachorro rabugento, deitado, enrolado numa toalha. Eu fui e disse: Nanda, o que aconteceu? Ela me disse que tinha saído andando por ali onde era esse lugar [no centro do Recife], tinha passado uns boyzinhos no carro, de madrugada, ela tava voltando pra casa, que ela morava

<sup>50</sup> Nesta etapa das análises, optamos por omitir quem, especificamente, produziu cada fala, por entendermos que, o mais relevante neste momento, são os repertórios enunciados e os sentidos contidos nestes.

no centro e ia andando, montada de Drag. E eles passaram, desceram do carro e deram um cacete nela. E bateram nela, ela disse: minha sorte foi um taxista que passou na hora e quando viu aquilo, parou o carro e foi socorrer. Então aquilo ali, eu fiquei assim sabe.... Mas, Por quê? Por nada. Porque eu tava montada, tava andando [...] Aquilo ali, eu fiquei assim sabe... Meu Deus do céu. E ai, foi quando começou... Ai a gente começou aquele movimento. [...] Então, desde esse dia, desse momento, que eu disse: Não, alguém tem que fazer alguma coisa! E aquilo ali me motivou muito sabe (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

[ P ] O que motivou a criação desse espaço?

[ I ] Então, o idealizador dessa boate [...] que abraçou esse sonho e a gente tornou ele realidade pra essa minoria aqui no Recife, que eram os ursos, que não tinha um lugar certo para ir. Não tinha uma sauna porque eram discriminados, não tinha um cinema porque eram também discriminados, não tinha boates [...]. Tem muita gente que tá vendo agora esse movimento ursino aqui no nordeste como uma boa oportunidade de se ganhar dinheiro. Enquanto... Não vou dizer que a gente também não vê porquê sempre fomos uma casa comercial, não éramos movimento e nem somos ONG, somos uma casa comercial voltada para o público masculino ursino (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Aqui em Pernambuco é carente. Eu sou um dos poucos bares que tem aqui pra eles virem, se sentirem a vontade, fazer o que todo ser humano faz... Vir num bar, curtir, beber sua cerveja, escutar uma boa música, das umas paqueradas, trocar beijos e abraços e carícias. Retornarem pra sua casa, seu dia a dia, seu cotidiano (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

No caso dos Ursos, em conformidade com estudos realizados por Isadora França (2012b) no cenário paulistano e as afirmações de nosso interlocutor, esses surgem em oposição crítica ao padrão valorizado entre os gays na modernidade – “homem branco, musculoso, jovem, de alto poder aquisitivo, sintonizado com as últimas modas e de comportamento hedonista” - e constituem seus próprios espaços de sociabilidade, assim como, usam símbolos (inclusive uma bandeira) e outros elementos próprios à vivência ursina (p. 236).

Localizamos também quem compartilhasse do desejo de oportunizar um espaço em que a vivência das (homo)sexualidades fosse possível, como argumenta o interlocutor Entrevista F: “aqui tem brega, pagode, voz e violão, tu pode dar teu cu, comer cu e fazer tudo. Aonde tu vai poder fazer isso lá fora?” (mar. 2015). Esses espaços usam estratégias diferenciadas para atrair o público, a exemplo da variedade de estilos musicais que embalam as festas, e favorecem a lucratividade financeira, como um outro motivador, como vemos nos discursos do interlocutor da *Entrevista F* (mar. 2015) e da *Entrevista G* (mar. 2015), respectivamente: “Se o povo dança, ele tem sede, se ele tem sede, ele bebe, se ele bebe, eu tenho dinheiro pra pagar no bolso”; “Não vai me interessar o tipo de público que eu tô trabalhando, o que vai me interessar é eu alcançar o objetivo daquele comércio e fazer com que ele tenha uma lucratividade, entendeu?”.

Encontramos, entre os repertórios linguísticos disponíveis, o relato da interlocutora *Entrevista C*, que problematiza essa visão capitalista e apostam na importância de uma relação de cuidado e respeito nos espaços: “acho que as pessoas não têm esse discernimento, as vezes visam muito o capitalismo e esquecem um pouco até da questão do tratamento com o outro, [...] do ambiente, da energia bacana, da receptividade (mai. 2015)”. Bem como nos deparamos com o discurso do interlocutor *Entrevista F* que relatou a vontade de acolher o público que já circulava pelo espaço e assumi-los, através das estéticas que os simbolizam:

A uns 5 anos pra cá, que o público GLS nos adotou. A gente não teve pretensão de procurar esse público. Esse público foi que nos procurou e foi aos pouquinhos nos adotando e foi ai que a gente adaptou a trabalhar só na parte noturna. [...] E hoje em dia, a gente é considerado, pelo menos pelo pessoal do Guia Gay, certo? Por essa turma que visa essa turma GLS, um dos principais pontos para que o pessoal frequente. Tanto é que a gente tá em tudo que é hotel, em tudo que é canto (mar. 2015).

Na perspectiva de dar melhor visibilidade as nossas análises, organizamos, na figura abaixo, as nomeações utilizadas, por nossas interlocutoras, para referir-se a temática das motivações:



Figura 03: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Motivação.

Como observamos<sup>51</sup>, essas foram as nomeações encontradas para dar sentido às motivações que impulsionaram a constituição dos bares e boates que, atualmente, compõem o circuito GLS do centro da cidade do Recife. Percebemos, por meio desses repertórios, que esses espaços se materializaram como a realização de um **sonho**, atravessando o desejo dessas pessoas, de serem **proprietárias** de um estabelecimento comercial, com vistas à acumulação de **dinheiro** e a efetiva **autonomia** econômica. Para umas, essa oportunidade, simplesmente, simbolizou a possibilidade de **trabalhar** dignamente, independente do público frequentador; para outras, compreendeu a oportunidade de **agir** em defesa dos **direitos** desse público e oportunizar a eles um espaço em que possam ser **cuidados** e **acolhidos**, como também, vivenciar a **livre** expressão da orientação sexual.

Uma importante reflexão, apontada por Isadora França (2012b, p. 230), que corrobora com as informações compartilhadas nesse tópico acerca das motivações, é o fato dos “empresários” (como a mesma convencionou chamar), incluírem em seus discursos elementos provenientes do “discurso ativista do orgulho e da visibilidade”, questionando a existência de “fronteiras entre o mercado e movimento social”, por meio da explicitação de que seus estabelecimentos são destinados ao público de gays e lésbicas e, por isso, estão também coniventes com a luta em defesa dos direitos dessa população, portanto, também são “articuladores de uma ação política, no sentido de que estimulam a ‘autoestima de gays e lésbicas’ e a formação de uma ‘identidade positiva’”.

<sup>51</sup> Importante ressaltar que o uso do disco de vinil e das notas musicais na imagem, simbolizam que as nomeações estão entrelaçadas e em movimento, como as músicas que soam nas pistas de dança e em tudo presente no contexto.

### 3.2.1.2. PÚBLICO

Conforme proposto, enfatizamos nesse tópico, os diferentes sentidos, construídos durante as entrevistas, que nos permitem pensar o público a que esses espaços são/estão destinados, quem os frequenta, a interação que ocorrem entre as pessoas e a dinâmica destes, com o espaço e seus contextos particulares.

Analisando o texto das entrevistas, quando perguntamos sobre o público, historicamente, frequentador desses espaços, a interlocutora da *Entrevista D* afirmou que: “A balada gay sempre foi mais masculina” (mar. 2015). Isso possibilitou refletir que, uma parcela significativa desses espaços foram se constituindo esteticamente - da estrutura física às músicas e atrações oferecidas -, para a frequência dos homens gays. Assim, localizamos entre nossas entrevistadas, aquelas que assumidamente destinam suas atividades à frequência desse público específico. Como vemos nos trechos a seguir:

Hoje eu vejo que a melhor balada, sem modéstia nenhuma, é a metrópole. Uma boate gay, que levanta a bandeira, que não é de armário, não é alternativa, não. Sabe esse negócio de dizer que é alternativa, a gente não é, aqui é GAY. Então, se você chegar, se você entrar, você vai encontrar essas pessoas na casa (*Interlocutora Entrevista D*, mar. 2015).

É um movimento que é voltado pro público gay masculino, não diferenciando as pessoas de outras orientações sexuais, como por exemplo, homens heterossexuais podem frequentar a casa. As mulheres podem vir, elas não são proibidas de entrar, mas a gente busca mostrar a elas que elas não ficam à vontade, por ser de maioria masculina e, as vezes, elas ficam constrangidas, e pra evitar certos aborrecimentos, a gente procura mostrar que podem entrar, mas tem a questão delas não se sentirem a vontade, por ser uma casa voltada quase 100% masculina (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Continuadamente, localizamos o interlocutor da *Entrevista G* que declarou a expressiva frequência de mulheres. Como também, os discursos das interlocutoras das *Entrevistas A e C*, de espaços popularmente conhecidos pela grande participação de lésbicas, que, por uma estratégia de maior abrangência do público, ressignificaram essa referência e nos relatam a não frequência específica desse público, portanto, afirmaram uma maior participação tanto de lésbicas quanto de gays e simpatizantes (e/ou heterossexuais).

Como salienta Milton Ribeiro (2012, p. 59-60), podemos compreender a frequência de mulheres nesses espaços pela possível “rejeição à batida eletrônica, tendência nas casas noturnas, preferindo um som com ‘mais letra’, ou seja, a preferência por bares (ou locais que misturam essas estéticas) é explicada pelo fato delas preferirem escutar MPB, samba ou rock nacional cantado por cantoras, de preferência ao vivo”.

Dessa maneira, no cenário atual do circuito GLS da cidade do Recife, não se tem uma referência determinada, de um espaço exclusivamente voltado a frequência de mulheres lésbicas, que contribuam para a diminuição da invisibilidade desse público no mercado de lazer e sociabilidade (BRAZ; FRANÇA; SILVA, 2012), como observaremos nos repertórios a seguir:

[Pesquisador] E sobre o público, quem você acha que mais frequenta?

[Interlocutor] Eu acho que são mais mulheres. Veja, eu vou colocar assim, nunca escala de 0 a 100, vamos botar 70% mulher e 30% homens. Muita menina, muita mulher, muita mulher mesmo. Ela frequenta muito aqui, acho que é pelo fato da segurança que a gente proporciona, entendeu a história. Aqui ela vê que eu tô tomando conta, fico visualizando através das câmeras tudo, então (*Interlocutor Entrevista G*, mar. 2015).

[P] Aqui é conhecido por ser voltado para o público lésbico. Como você vê isso?

[T] É... na realidade isso é bem antes, hoje em dia a galera tá bem misturada. É tanto que sábado uma menina reclamou porque tinha tanto homem na casa: “Pow, um bocado de rapaz.”. Eu disse: “Pow velho, a gente não vai adivinhar né?”. Mas, a boate tá aberta pra geral, inclusive pra galera hétero, a galera bi... Vem muito casal aqui, de namorados. Então assim, hoje em dia mais não, não é voltado pro público lésbico, não. É que a gente foi taxada já né? Ai, todo mundo acha. Muitos meninos não gostam de vir: “Ah, vou não. Só dá mulher lá, não sei o que...”. Hoje em dia tá muito misto, não tem essa tendência lésbica não. (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

[P] Como você define seu público?

[I] Inicialmente, ele tinha o estereótipo de ser uma casa voltada só para lésbicas, tanto é, que assim, as vezes um homem, um casal gay ou um gay: “Ah! Vamos pro Mix? Não vou porque só dá mulher”. Hoje a gente conseguiu quebrar esse paradigma e tem um público bem balanceado. Tem dia até que vem muito mais homem do que mulher, que a gente se espanta: “só tem mais homem, o que não tinha”. Então, hoje a gente consegue ter essa questão de um público masculino quanto feminino, como até um público hétero também, sem nenhum problema. Aqui muitas pessoas frequentam e gostam, e fazem essa relação normal, tranquila, todo mundo (*I. Entrevista C*, mai. 2015).

Deparamos, com as afirmações dos interlocutores *Entrevista B* e *G*, que relatam não direcionar ou levantar bandeiras para um público específico, mesmo reconhecendo ser o seu maior frequentador. Optam por usar termos como alternativo ou eclético para falar de uma participação diversificada, para além de gays, lésbicas e simpatizantes. Como podemos observar nos trechos abaixo:

Eu não voltei ele pra GLS, voltei ele pra alternativo, porque se eu focasse ele diretamente para o público GLS, ou seja, eu iria perder alguns clientes héteros que eu tenho, entendesse... E também porque seria uma palavra forte: “um bar para o público GLS”. Eu volto sempre meu bar para alternativo, ou seja, porque ele atrai todo tipo de público. Embora, eu digo a você, que 80/90% do meu público aqui, e meu melhor público, é o público GLS, quer queira quer não, digo isso de boca cheia (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

E o público pra mim, é um público tanto quanto outro tipo de público. O importante é que a gente execute o trabalho, certo? Outra, eles são mais exigentes, certo? Então a gente melhorou nossa qualidade, certo? Em matéria de atendimento, de alimentação, de produtos de qualidade, então passou a melhorar. Querendo ou não, foi favorável pra casa e nos proporcionou mais organização. Ótimo pra gente e que continue assim, embora a gente aqui não seja só GLS. A gente aqui é eclético, não existe discriminação, certo? Se o cara chegar aqui e quiser se sentar com o cachorrinho dele e dar um beijinho no cachorro, que sente e beije (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Como também, encontramos o relato do interlocutor da *Entrevista F* que, mesmo sendo um espaço assumidamente direcionado à população LGBT, reconhece a frequência de pessoas heterossexuais, que vão ao lugar para desfrutar dos entretenimentos oferecidos.

[P] Quem vem mais aqui é frango mesmo?

[I] Hoje tá complicado viu! Tá, 60% gay e 40% héteros. Porque aqui a gente tem show, eles vem pra dar risada. É... Eu sou gay e sou casado e tem os amigos deles e tem vocês dois que são casados, ai vocês trazem um amigo, ai tem essa rotatividade (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Segundo Milton Ribeiro (2012, p. 59), a frequência de pessoas heterossexuais é visível em quase todo o circuito GLS. Isadora França (2007, p. 238) argumenta que essa “invasão” heterossexual causa bastante polêmica nos espaços, verificamos aqueles que acolhem bem essa população, como também os que dificultam o acesso, a exemplo do aumento do valor de entrada, apresentando uma maior resistência.

Por sua vez, identificamos também alguns espaços que fazem uso dos símbolos próprios ao movimento LGBT, como as bandeiras e as cores do arco-íris (SIMÕES; FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2006), para esteticamente demarcar o público frequentador do espaço e transformar esses, em símbolos de acesso ao mercado. Assim como, um interlocutor que justificam o uso desses símbolos dissociados dessa destinação, reconhecendo apenas como um uso possível, por gostar da diversidade de cores, contradizendo-se, ao afirmando o quão favorável foi o uso dessa estética para o espaço. Como podemos verificar nos discursos abaixo:

[P] Por que usar a bandeira?

[I] Na realidade, o levantar a bandeira é porque aqui, preferencialmente, o público é LGBT, não que não queira que venha um hétero, mas... Quando chega uma pessoa que a gente sabe que é hétero ou talvez que esteja entrando enganado ou não conhece a bandeira, a gente informa que é um bar gay, destinado ao público gay. Como eu falo: a galera vem pra cá pra ficar à vontade, as meninas vem pra cá pra namorar meninas e os meninos pra namorar meninos, então, fica inconveniente chegar uns caras e ficar dando em cima das meninas e vice-versa, mas os homens que assediam mais as meninas. Então pra gente não é interessante, interessante pra gente é que venha o público LGBT, a gente trabalha com isso [...] A gente preserva isso, levanta a bandeira pra identificar que é mesmo um bar destinado ao público LGBT (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

[P] Eu vejo que nos espaços você utiliza as cores do arco-íris, de que veio essa ideia?

[I] Veja. Aos poucos passamos a ver que o nosso público de melhor qualidade é o público GLS. E o símbolo deles é o arco-íris, então, independente disso o colorido é bonito em qualquer situação, GLS, Hétero, o que for... E é muito mais fácil se decorar com coisas coloridas, do que qualquer outro tipo de coisa, não teve pretensão direta.

[P] Não teve relação com o público estar presente?

[I] O público foi um dos motivadores, certo? Porque a gente tem uma logomarca, essa que justamente, você pode ver, é um arco-íris. Então ela faz com que quem realmente se identifica através de marcas, de visualização, vai sentir que... Se olhar a logomarca do Castelo Marron, vai dizer: “Pow, ali é um Público GLS”. Então isso fez com que chamasse mais gente também (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Quando questionamos sobre o recorte de classe do público frequentador, percebemos que este é um marcador muito determinante da dinâmica de funcionamento dos espaços, em todos os aspectos que compreendem esse contexto, por se tratarem de estabelecimentos comerciais. Dessa forma, a partir das informações produzidas, identificamos que esses espaços são acessados pela classe média, em sua maioria. Portanto, essas pessoas são classificadas como um público seletivo, como observamos nas afirmações da interlocutora *Entrevista C*: “Classe média, média e alta. O público aqui realmente é um público bom, um público seletivo, muito seletivo (mai. 2015)”. Verificamos então, que esses marcadores também são compartilhados em outros espaços, conforme os trechos seguintes:



[P] Com relação ao público? Existe algum recorte de Classe? Mais classe alta, classe média... O que é que você consegue visualizar do público que frequenta a casa?

[I] Aqui frequenta as três bandeiras, visse. As três. Agora o público B, Classe média é o que mais frequenta. Classe A nem tanto, mas tem uma galera que a gente sabe que tem mais condições (I. *Entrevista A*, mar. 2015).

[P] Tu consegue traçar um recorte de classe? São mais classe média, alta, como tu vê?

[I] A minha clientela, por ser um pessoal acima de 40 anos, eles já têm uma estrutura financeira estabilizada. Mas assim, temos todas as classes né... temos pessoas muito ricas que frequentam aqui, empresários, e temos pessoas de nível financeiro, pobre mesmo, que vem duas vezes, três vezes. E assim, a gente não faz uma distinção. [...] a gente sabe que a frequência, são ricos, classe alta, média e classe pobre também (I. *Entrevista E*, abr. 2015).

[P] E com relação a classe social, você acha que qual frequenta aqui?

[I] Veja, é generalizado. A gente não trabalha com promoção de preço, de baixar produtos, pra que tenha todo tipo de público, certo? A gente tem aqui um valor médio de mercado, então isso faz com que a gente tenha um público mais selecionado. Vem todo tipo, o que você imaginar, mas é selecionado (I. *Entrevista G*, mar. 2015).

Nos chama atenção, o fato de existir um certo distanciamento, firmado por questões econômicas, entre os frequentadores das duas maiores boates do circuito GLS da cidade. A Boate MKB é marcadamente conhecida por ser frequentada pelas classes populares, como relata nosso interlocutor: “Deixa na minha casa vir gente feia, com 10 reais no bolso [...] Faço questão de ter bicha fina que acha, porque tá pagando um litro de *whisky* e *redbull*, que é rica não (I. *Entrevista F*, mar. 2015)”. Em contraponto, temos o Clube MetrÓpole, popularmente conhecido por ser frequentada pelas “bichas finas e ricas”, maioria de classe média e alta, “em sintonia com as modas associadas aos gays (FRANÇA, 2012b, p. 234)”. Segundo nossa interlocutora, isso não se dá apenas por um recorte de classe: “Eu acho que não é nem questão muito de recorte de classe, acho que é de se sentir bem, de se sentir acolhido, de se sentir em casa, de ter um som que corresponde ao que é... (I. *Entrevista D*, mar. 2015)”.

É interessante também a propensa segurança que o público gay encontra nesses espaços, conforme afirmações de nossos interlocutores, por, em outros ambientes, estarem vulneráveis a práticas preconceituosas e discriminatórias. Um deles relata que o público heterossexual procura essa boate pela mesma segurança proporcionada, para além da diversão, em contextos bem determinados.

Entra tanta gente que entra até traficante, que eu: “Fudeu! Vai matar todo mundo aqui dentro”. Entra ele, com a mulher dele e dez comparsas. E no natural, eu pergunto a eles: “O que tu tá fazendo aqui dentro meu irmão? Tu não é gay! Tas com tua mulher, com teus amigos, tua rapariga”. “Você sabe porquê? Por que aqui dentro eu dou minhas costas e sei que não vou morrer; as armas estão todas no carro, aqui eu vou me divertir, vou beber, vou beijar, vou dançar e vou embora. Ai! Pego minha arma e volta a ser o que sou”. E se ele for pros pagodes da vida, ele tem que tá preocupado com tudo e aqui, não (I. *Entrevista F*, mar. 2015).

E então, a partir das informações coproduzidas durante o desenvolvimento desse estudo, organizamos, na figura a seguir, as nomeações utilizadas para referir-se ao público frequentador dos espaços estudados, de forma que, nos possibilite compreender melhor os agenciamentos



realizados, tanto pelos bares e boates, quanto pelas pessoas que circulam por esses lugares, mediados pelo acesso a bens e serviços, através das práticas de consumo.



Figura 04: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Público.

Como visualizamos, as nomeações utilizadas por nossas interlocutoras dizem bastante sobre as pessoas que circulam por esses espaços. Como já afirmamos, os **homens gays** constituem o público originário ao qual esses bares e boates são destinados; assim como, são eles os referenciados, em boa parte, como maiores frequentadores. Em três desses espaços a referência pública de maior frequência é das **mulheres lésbicas**, em contraponto às estratégias de negociação presentificadas nas afirmações de nossas interlocutoras, de que esses espaços não são, exclusivamente, voltados a esse público. Esses espaços usam e abusam da possibilidade aberta pela sigla GLS e “prezam pela mistura de público e sua indefinição (FRANÇA, 2007, p. 238) ”.

Quando tratados de forma generalizada, as nomeações encontradas se dão pelo uso das siglas **GLS** e **LGBT**, ou do termo **misto**, referido à frequência misturada de gays, lésbicas e até heterossexuais. Problematizando as (in)visibilidades desses sujeitos nesse contexto, reconhecendo a coexistência de aspectos positivos e negativos, a depender dos jogos estabelecidos. Percebemos que nem todas as identidades sexuais e de gênero tem acesso à esses espaços e/ou são referenciadas nos discursos de nossas interlocutoras, a exemplo do reconhecimento da circulação de pessoas bissexuais e transexuais. O que nos permite afirmar a grande visibilidade dos gays e, secundariamente, de lésbicas e simpatizantes nesse mercado de consumo voltado ao lazer e sociabilidade noturna.

O uso de **alternativo**, em nossa concepção, se aproxima do termo misto, mas dá maior visibilidade à possível frequência de heterossexuais, pela ideia de que a sigla GLS é um termo de peso, que limita bastante a possibilidade desse público circular nesses espaços. No caso da nomeação **Urso**, essa aparece nos discursos se referindo aos **gays** de performance de gênero **masculina**, como já explicitado anteriormente.

Nos espaços frequentados pelas classes populares, as nomeações que circulam nos discursos sobre o público, são: **Bicha**, **Viado**, **Frango** para os homens gays, e para as mulheres lésbicas, **Sapatão**. Encontramos também o uso do termo **Piriguete**, como possível referência às mulheres heterossexuais (ou bissexuais) que vão as boates à procura de outras mulheres ou dos **Boys** - possível referência aos homens heterossexuais (ou bissexuais) presentes nesses espaços.

Localizamos o uso da nomeação **Travesti** para as referenciar como um público de permissível frequência, mediada por práticas vigilantes, em certa medida, violentas, como afirma um de nossos interlocutores: “elas ganham dinheiro lá e vem gastar aqui dentro; mas, é revistada de cabo à rabo, porque as vezes tá com canivete, gilete, alguma coisa (*I. Entrevista F*, mar. 2015)”. Também encontramos a nomeação **Drag**, como referência às *Drag Queens* que estão presentes, significativamente, nas boates, tanto se apresentando artisticamente, quanto circulando sua presença extravagante e elegante.

Portanto, a partir dessas diferentes nomeações, podemos dialogar com a hipótese defendida por Silvia Aguião (2008, p. 293), ao afirmar que “as classificações que entrecruzam sexo, gênero, cor/raça, (classe) e estilos que organizam o desejo, orientam a sociabilidade e a circulação de corpos e pessoas entre os espaços (e vice-versa)”. Com essas nomeações, verificamos também o que Isadora França (2006b, p. 105) convencionou chamar de “segmentação dos espaços”, que direcionam suas atividades à subgrupos específicos dentro desse público, ela afirma: “existem não só bares (e boates) especializados para gays e lésbicas, mas também para lésbicas ‘modernas’, para as que ouvem MPB, para ursos, para homossexuais mais velhos”, dentre outros estabelecimentos.

#### Episódio 01 – Machistas e Homofóbicos

A Confraria Ursos de Pernambuco, conforme relatos de nosso interlocutor, foi caracterizada como um espaço machista e homofóbico por ser destinada exclusivamente a um público específico - homens, gays, masculinos - e, conseqüentemente, excluir a prevalência de outras identidades de gênero e orientação sexual, a exemplo dos gays afeminados e das mulheres lésbicas e heterossexuais. De forma resumida, a performance feminina não é acolhida por esse espaço que dedica suas atividades a um público de preferências musicais, sexuais e estéticas bem determinadas, por isso, preferem conviver, a vontade, entre si.

### 3.2.1.3. PRÁTICAS SEXUAIS

Seguindo nossas análises, abordaremos os sentidos produzidos em diálogo com nossas interlocutoras, quando questionadas sobre a existência de ambientes específicos para sexo, os chamados *dark rooms* (DÍAZ-BENITEZ, 2008), e a conseqüente prática da sexualidade nos espaços, conhecidas como “pegação”, geralmente entre homens (BRAZ, 2013).

O *dark*, segundo a interlocutora da *Entrevista D*, fora um espaço criado, dentro das boates, para que os homens gays se beijassem, em um ambiente reservado e escuro, por não se sentirem a vontade de o fazer em frente às outras pessoas: “[...] era um lugar para as pessoas se beijarem. As

peessoas, mesmo gays, mesmo no ambiente gay, elas não se beijavam, tinha muita gente que não conseguia se beijar; então, entravam no *dark room* e iam se beijar (mar. 2015)”. A mesma afirma que hoje em dia não é necessário a existência desse espaço reservado, por acreditar que em todo o ambiente existe a possibilidade de fazer o que se tornou, na atualidade, o *dark room*: “lugar de mama aquilo, mama no outro (mar. 2015)”. Assim, complementa a sua argumentação, afirmando que a necessidade desse ambiente foi se perdendo ao longo dos anos:

[Interlocutora]Olhe, o *dark room*, eu gosto, hoje em dia não é necessário o *dark room*.  
 [Pesquisador]Tudo já é o *dark room*.  
 [Interlocutora]Você perguntou o que mudou? Olha ai... *Dark Room*, o porque era *dark*. Eu fazia muito... Na época da Doctor Froid mesmo, eu pegava um pedaço do corredor pra o *dark room*. [...] E hoje em dia, o que acontece? Que quebrou o *dark room*. Primeiro que não há mais necessidade e depois a porra do celular, que o povo acende (luz), uó... Ai assim, o celular quebra o clima (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Camilo Braz (2013), em uma de suas pesquisas, alerta sobre o fato de que, na contemporaneidade, esses quartos escuros, destinados à “pegação”, desapareceram dos espaços de sociabilidade voltados ao lazer noturno, muito provável pelo desejo de afastar simbolicamente, desses lugares, aspectos relacionados ao erotismo, a poluição e a promiscuidade.

Continuamente, deparamos com os argumentos do interlocutor Entrevista F, que defende a existência desse ambiente, como um atrativo à livre prática da sexualidade: “Dar cu, comer cu e chupar rola [...] Quer fuder? Você tem lá o *dark room* (mar. 2015)”. Contraditoriamente, ele expressa que esse ambiente existe contra a sua vontade, por também se constituir ambiente para a prática de prostituição, furtos e outras situações violentas, como relata a seguir:

[I] cada dia é uma história. cada dia chega um chorando, chega um fedendo, chega um dizendo: Eu fui roubado na boate. Eu: Sim, tá, fosse roubado aonde? No dancing. Aonde? A gente sabe que foi no *Dark Room*. Que não tem um real pra ir embora, você dá 5 pra ele ir. Mas porra, tu num sabe ir pro *dark room*, dar teu rabo, comer rabo, leva só a camisinha cacete. Pega teus documentos e deixa com teu amigo. É contra minha vontade, mas tem que deixar.  
 [P] Contra vontade, por quê?  
 [I] Por que é muita prostituição... Ou os próprios ladrãozinho da vida, vem, levam lá pra dentro, roubam lá e já rola uma briga. Mas eu sei quem são é ladrãozinho, entre aspas, que vem aqui e dá em cima dos frangos (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Na Confraria Ursos de Pernambuco existia esse ambiente, mas fora fechado por uma intervenção estatal, fundamentada como uma estratégia de não possibilitar a prática sexual desprevinida, e a consequente proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, como salienta nosso interlocutor:

[P]Algumas casas tem *Dark Room*. Como é aqui na casa o exercício da sexualidade?  
 [I]Nós já tivemos *Dark Room*, mas a secretaria de saúde pediu pra tirar, pra não proporcionar a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis. Nós tínhamos cabines na verdade, e elas pediram pra tirar também. Apesar de fornecer o material, o preservativo, gratuitamente, as cabines gratuitamente, mas a secretaria achou melhor retirar, pra não associar. Você sabe que no Brasil nada se cria, tudo se copia né?! Tem países da Europa, creio que em Sydney, você não pode associar um bar à sexo, porque o estabelecimento é fechado, para o *caba* num: Ah! Vai transar e não usa o preservativo (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Localizamos, nos repertórios das interlocutoras das *Entrevistas A, C e G*, argumentações contra a existência de *dark room* em seus espaços, contradizendo a afirmação anterior de que esses espaços se constituíram para a livre expressão da orientação sexual. De maneira que, podemos afirmar que o uso do termo livre, poderia ser utilizado entre aspas, pelo fato dessa desejável liberdade ser estabelecida a partir das limitações impostas e constante vigilância, não só por alguns espaços, como também pelas pessoas frequentadoras, que expressam opiniões contrárias a existência desses ambientes escuros para a aberta prática da sexualidade.

Esses discursos contrários são embasados por concepções moralistas, expressas na argumentação de que são ambientes familiares, e que existem lugares apropriados para essas práticas. Circula também a ideia de que a existência desses ambientes acarreta a vulgarização do espaço, e isso pode os tornar menos atrativo. Como veremos a seguir:

[P] Tem algumas boates que tem o *Dark Room*, o que é que tu acha disso?

[I] Então eu não acho muito legal *Dark room*, não. Tem lugares específicos pra se fazer isso, vai pra um motel, sei lá. Acho que respeito, independente. Não é porque a casa é gay que a gente vai... Por isso a galera fala: “Boate Gay? Ah Não! Maior furdução do mundo”. E quando vem pra cá, que conhece, diz: “Adorei lá, um ambiente familiar, local limpo, um ambiente familiar, um lugar que você se sente bem”. Ai você já traz um namorado, já traz um parente. Acho que é isso. [...] E assim né, como eu falei, o *Dark Room* ele vulgariza o lugar. Eu não sou fã, não. E nunca teve a possibilidade de... Eu acho que existem saunas, lugares pra você ir, né. Cinema gays. Numa boate, você vem aqui pra paquerar. Tá na essência eu acho (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

A questão do *dark room* eu não... em um espaço que eu administro, eu não tenho nenhum interesse. Até porque eu acho que necessariamente já rola outro tipo de energia, não fica o mesmo ambiente em que as pessoas ficam à vontade. Por exemplo, aqui é um ambiente em que eu preservo. Vem muitos casais, famílias, pessoas que realmente estão buscando um ambiente tranquilo e legal. E quando tem a questão do *dark room*, eu acho que o ambiente já fica mais pesado, porque as pessoas já instigam muito a questão da prostituição, da vulgarização, da banalização do corpo. Eu não tenho nenhum projeto em ter um local com um espaço voltado para essa questão (*I. Entrevista C*, mai. 2015).

Eu acho que a gente não pode misturar as coisas, não pode misturar, certo? Eu acho que existe evolução da história, que é o seguinte: você se encontra com seu ente querido, ai vai para um barzinho, tomas umas, depois vai pra um cantinho, janta, depois vai pra uma boate e depois vai fazer a sua emoção da maneira que você quiser. Então, não adianta você querer fazer com que o seu estabelecimento absorva determinado público, do começo ao fim. Você tem que absorver uma etapa da evolução da noite de uma pessoa. Então, a gente procura absorver uma das etapas que é essa de sentar, tomar uma, ser agradável, ter o público junto e ser gente. Então, quando ele acabar essa etapa nossa, ai ele parte pra um *dark room*, uma partizinha mais reservada, que seria no caso um motel ou a casa de um, a casa de outro, dentro da carro, na esquina perto de uma árvore. Não é o nosso espaço que permite isso (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Sobre as nomeações utilizadas para dar sentido à existência ou não de um ambiente reservado à prática da sexualidade dentro dos bares e boates, as organizamos, na figura abaixo:



Figura 05: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Práticas Sexuais.

Notamos que, aquele cujo espaço já teve ou ainda tem *dark room*, os nomeiam enquanto ambientes em que as pessoas frequentadoras têm a **liberdade** de praticar a sexualidade, **beijar**, **mamar** e **fuder** com quem desejar, prevalecendo o **clima** de tesão, aventura e outras sensações que esses ambientes proporcionam. Ao mesmo tempo, admitem que há uma grande propensão à **prostituição**, fator visto pelas interlocutoras como algo negativo, que **vulgariza** o lugar e é responsável pela má percepção de que os espaços de sociabilidade GLS são, essencialmente, promíscuos.

Moralmente, argumentam não serem a favor da existência desses ambientes, por quererem preservar o reconhecimento enquanto um **ambiente familiar**, em que todas as pessoas possam frequentar e se sentirem à vontade, **respeitadas**, e não constrangidas, por saberem que existem pessoas praticando sexo naquele mesmo ambiente. Defendem que existem lugares **reservados** à essa prática, como motéis, cinemas, saunas e a própria casa dessas pessoas, e que os espaços são favoráveis apenas à **paquera**, etapa inicial das relações.

#### Episódio 02 – Caiu o chão do *dark room*.

A lenda urbana de que caiu o chão do *dark room* em uma boate do Recife é verdadeira, aconteceu na Boate MKB, nos primeiros anos em que foi inaugurada na cidade. O ocorrido sucedeu porque o espaço ainda não tinha uma estrutura bem definida, ainda estava em construção. Era apenas um quatinho escuro, ainda em cimento, com apenas uma grade, criado em cima de da área onde se localizava o esgoto e se armazenava os resíduos. Dessa forma, em uma noite de festa, o público gay muito animado para curtir uma boa pegação, começa a lotar esse espaço improvisado e, no meio da noite, o chão cai. Rapidamente as pessoas foram socorridas, algumas ficaram machucadas, mas nenhuma em situação grave. O corpo de bombeiros foi acionado de imediato, para cuidar das vítimas, e a casa prestou toda a assistência necessária.

Ainda em diálogo com Camilo Braz (2013, p. 08), é importante refletir, em certa medida, de que modo esses espaços, além de serem produtores de subjetividades coletiva e fazer circular categorias, convenções e estilos ligados à vivência das homossexualidades, contribuem para a uma determinada “domesticação” de traços culturalmente associados, especialmente, à

homossexualidade masculina – tais como os excessos e experimentações sexuais relacionados à caça e à pegação”.

### 3.2.2. Mercado

Nesse eixo, definimos cinco tópicos, que favorecem a organização das informações coproduzidas e a construção de nossas análises, além de serem temáticas levantadas na produção de sentidos e nas práticas discursivas de nossas interlocutoras, motivadas pelas questões abordadas durante a interanimação dialógica, são eles: **Resistências, Localização, Concorrência, Aspectos Positivos e Negativos e Legislação.**

#### 3.2.2.1. RESISTÊNCIAS

Para analisar os sentidos produzidos, em conjunto com nossas interlocutoras, sobre as resistências, perguntamos como essa se deu nas relações familiares, com a vizinhança ao redor e com outras instituições, no momento em que criaram e/ou assumiram um espaço voltado para à população LGBT.

Em sua relação com a família, encontramos a interlocutora da Entrevista C, que afirmou ter sofrido alguma resistência no início do funcionamento: “Inicialmente é muito impactante para as pessoas porque alguns aceitam, outros fingem que aceitam, mas depois eu acho que a questão da resistência vai caindo né? As pessoas entendem que é um espaço totalmente do bem (mai. 2015)”. Deparamos também com o interlocutor da Entrevista G, que ao se referir a esse tema, relatou não ter sofrido, por seus familiares entenderem essa atividade, apenas como um ambiente de trabalho: “Não, porque é o seguinte, isso aqui pra mim é um trabalho, trabalho esse que o importante é que eu esteja fazendo o trabalho de forma honesta, correta (mar. 2015)”.

Em contrapartida, verificamos, nos discursos das interlocutoras das *Entrevistas D e B*, que relataram o apoio familiar como um aspecto importante para não passarem por maiores resistências durante a trajetória de conformação desses seus espaços:

A minha casa sempre foi muito aberta. Um grande amigo, que era artista plástico, amigo do meu pai e da minha mãe, ele era gay, era casado com outro homem [...]. E ele tinha um filho adotado que os dois criaram o filho. E eu nunca perguntei quem era o pai, quem era a mãe, porque eram os pais, entendeu. Então era uma coisa, na minha casa sempre foi muito tranquila essa questão, desde criança. Então, eu não tenho essa referência de preconceito dentro da família [...] Minha vó, quando eu comecei a boate, ela um dia chegou pra mim e disse: “Minha filha, eu já sei porque sua boate é cheia”. Eu disse: “a senhora ficou pensando nisso”... “Por que eles não podem namorar em casa, não podem levar o namorado pra casa, ai vai pra boate namorar”. Ai eu: Vovó, eu não tinha pensado nisso. Então assim, eu não tenho essa referência (*Interlocutora Entrevista D*, mar. 2015).

[Pesquisador] E com relação a tua família, teve algum...

[Interlocutor] Como eu te falei, desde pequeno a gente nunca teve preconceito não, até porque dentro da casa de meus pais... Meus pais também têm amigos gays, a gente foi criado completamente sem preconceito, nunca teve... Minha mãe até acha graça, as vezes, ela chega e o cliente fala: Olhe, seu filho deveria ser meu! Vou casar com seu filho! Minha



mãe começa a rir. Então, em relação a minha família, sem problema, zero estresse (*Interlocutor Entrevista B*, mar. 2015).

O interlocutor da *Entrevista E*, comentou que não enfrentou resistências, por parte dos familiares, por ser assumido em relação a sua orientação sexual e, relata ter recebido apoio, já na vida adulta, quando decidiu abrir o espaço:

[P] Com relação a família, amigos, você passou por alguma situação vexatória por ter aberto um espaço voltado para esse público?

[I] Assim, não. Eu quando me descobri gay, quando descobri a minha orientação sexual, foi aos 17 anos, eu já estava saindo de casa, eu já trabalhava, já tinha o pensamento de morar fora da casa dos meus pais. E assim, não tive uma rejeição por ser gay e por querer trabalhar com um estabelecimento. [...] Eu nunca tive problema com a minha sexualidade, minha orientação. Eu simplesmente respeitava, o que eu acho que é o principal, para poder ser respeitado. Quando você dá o respeito, você recebe o respeito, quando você dá a vulgaridade, então as pessoas não te respeitam. Eu acho que é o fundamental. (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Quanto à vizinhança ao redor dos espaços, localizamos o interlocutor da *Entrevista G*, que relatou ter sofrido resistência, por conta do som alto que emitia durante o funcionamento, e argumenta utilizar-se da política da boa vizinhança para resolver essas situações.: “As vezes, em determinados momentos [...] a gente exagera um pouco no som, aí os vizinhos não nos denunciam, eles ligam pra gente: “Oia, tá incomodando”. A gente automaticamente abaixa” (mar. 2015).

Nesse mesmo contexto, encontramos o relato do interlocutor da *Entrevista B*, que passou por situações de chamarem a polícia para interromper o som do bar: “Já teve ocasião de chamar polícia por conta de som. Aqui, tanto eu, quanto a metrópole a gente tem alguns preconceitos por conta desse tipo de vizinhança (mar. 2015)”. E o interlocutor da *Entrevista F*, que nos contou ter enfrentado processos judiciais em relação a isso, o que resultou na urgente reforma da acústica do espaço, para não incomodar os vizinhos, como podemos ler no trecho a seguir:

É... Eu fechei meu brega e deixei ele acústico, por que o prédio da esquina entrou com processo pra fechar a MKB e eu mostrei que pela distância não tinha como o som chegar lá. E chegava por causa do vento, né? De madrugada, quando eu passei a ter música ao vivo. A gente abriu uns dois anos só com música eletrônica, música de brega normal. E quando passei à música ao vivo, aumenta muito mais (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Encontramos ainda no relato do interlocutor da *Entrevista B*, relatos de problemas com vizinhos heterossexuais e homofóbicos que frequentam o espaço e, por conta da frequência de gays e lésbicas, se sentem incomodados, e criam situações constrangedoras. Como vemos no diálogo a seguir:

[P] Teve algum problema com a vizinha? Quando você abriu o bar?

[I] Olha! Tenho até hoje...

[P] Mais por conta do público, da zoada...

[I] Então, vou chegar lá. Por conta do público mesmo, o que é que acontece. O meu bar ele tá localizado praticamente no centro da cidade do Recife. [...] Pernambuco tá crescendo tanto, Recife também tá crescendo tanto, que hoje em dia o homem do interior, [...] ele pensa em vir pra Recife. Como também diversas faculdades foram abertas aqui ao longo do tempo, ou seja, oportunidade de emprego, oportunidade de estudo... Hoje em dia, o que é que eu vejo aqui. Aqui 70/80% da população, da Manoel Borba, aqui da Boa Vista, ela é de interior. Então, essa população são justamente esse pessoal que migram pra cá por conta de trabalho e a maioria são estudantes, alguns filhinhos de papai, que moram no interior e os pais manda pra cá, pra vir estudar. Esse pessoal assim, lá no



interior, o preconceito e a homofobia ainda é grande, entendeu? Então, quando tem esse pessoal aqui, eles se sentem incomodados, eu tento da minha forma transparecer... fazer com que eles aceitem, dizer que não tem nada a ver. As vezes, digo: “Óa, a galera chegou, mas vamos dizer que pra cada gay, ele chegue com 5 mulher”. “Oia, ontem chegou um gay, mas chegou com 5 mulher, tava repleto de mulher”. Ou seja, quando eles estão aqui, que o bar começa a ficar com uma ou duas mesas de casais gays, eles começam a se sentir incomodados, pagam a conta e vão embora. Ou seja, esse pessoal ele se sente sim incomodado, e é praticamente, 70 ou 80% da minha vizinhança, esse pessoal do interior (I. *Entrevista B*, mar. 2015).

Localizamos ainda nas afirmações do interlocutor da *Entrevista G*, que diz não ter passado por situações de resistência com a relação à vizinhança, por estar localizado em uma área já conhecida pela circulação da população LGBT, e pela existência de outros bares e boates destinados a esse público: “Não, não tive problema porque na vizinhança geralmente tem o pessoal GLS... Graças a Deus, a gente se dá muito bem com a vizinhança, sem problema (mar. 2015)”. A interlocutora da *Entrevista A*, concomitantemente, relata:

[P] Vocês enfrentaram muita resistência? Da vizinhança, familiares?  
 [I] Não, Nada! Por que a gente veio para uma área que já era um ponto que a galera... já tinha sauna também, que era a sauna lá daquele rapaz... então assim, já era uma área destinada porque tinha o Leões do Norte aqui pertinho (mar. 2015).

Por fim, com relação ao tópico resistência, encontramos também, nos discursos do interlocutor da *Entrevista G*, o relato de uma situação de homofobia institucional, sofrida durante as fiscalizações estatais: “Existe, às vezes, um problema de homofobia aqui, com a fiscalização, certo? Existe uma homofobia, por que eles chegam e se assustam quando veem situações que para nós já é normal, já faz parte do nosso cotidiano (mar. 2015)”.

Na perspectiva de dar melhor sentido a nossas análises, organizamos, na figura abaixo, as nomeações utilizadas para se referir a essa temática em questão:

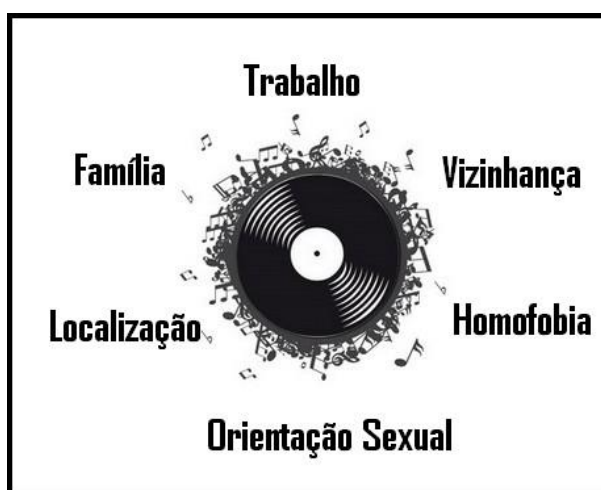


Figura 06: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Resistências.

Como vemos, essas foram as nomeações utilizadas, por nossas interlocutoras, para produzir sentido quando questionadas acerca das situações de resistências enfrentados, ao decidirem abrir um espaço voltado à população LGBT. Alguns justificaram não ter passado por resistências, por

compreender esses estabelecimentos apenas como uma possibilidade de **trabalho**, independente do público frequentador.

Em relação à **família**, uns relataram ter sofrido resistência no início do funcionamento, outros definiram o apoio familiar, e a educação sem preconceitos que apreenderam nessa instituição social, como um aspecto que contribuiu bastante para não passarem por essas situações.

Um outro ponto relevante, segundo as entrevistadas, é o fato de serem de **orientação sexual** assumida, se identificarem enquanto gays e lésbicas. Sobre a **localização**, algumas afirmaram que estarem localizados em uma área já conhecida pela frequência desse público foi fator primordial para não sofrerem resistência por parte da **vizinhança**; já outros, mesmo com essa referente localização, afirmaram ter passado por situações constrangedoras por seus vizinhos **homofóbicos**.

Como vemos, algumas de nossas interlocutoras relataram ter passado por situações de resistência na relação com os familiares, redes de amizade, vizinhanças e nas relações institucionais, por assumirem, junto ao público, uma identidade política e sexual não-hegemônica (BUTLER, 2012) que ainda é alvo de preconceito e discriminação na sociedade atual.

#### Episódio 03 – Preconceito sofrido pelos familiares

Uma de nossas interlocutoras contou que seus filhos passaram por algumas situações de preconceito e discriminação durante o período escolar, e também na vida adulta, por serem filhos da proprietária de um espaço destinado à população LGBT na cidade. Ela nos relata algumas situações, como o caso de que algumas crianças usaram das redes sociais para brincarem com piadinhas e comentários homofóbicas em relação a seu filho, que é heterossexual, mas era chamado de bichinha, de gay. Esse fato aconteceu até no ensino superior, em que todos da faculdade achavam que ele era gay, por ser filho dessa pessoa. Como também, nos relatou o caso da sua filha, na época com 15 anos, que estava namorando um garoto da escola, até que os pais dele descobrirem de quem ela era filha e proibiram a continuidade do namoro. Uma outra situação, em que essa mesma filha, aos 9 anos, foi madrinha de casamento de duas mulheres lésbicas e a cerimônia teve uma grande repercussão na mídia local. E, no outro dia, ao chegar no colégio, uma colega afirma que viu tudo e classificou o ocorrido como algo nojento. A interlocutora afirmou que os filhos tiveram uma educação familiar muito boa, sem preconceitos, e souberam lidar bem com essas situações.

### 3.2.2.2. LOCALIZAÇÃO

A respeito da localização, encontramos nos discursos coproduzidos, repertórios que expressam a importância de aonde estão fixados geograficamente esses espaços. A referência é o centro do Recife, principalmente o entorno da Avenida Conde da Boa Vista, como relatam o interlocutor da *Entrevista B*: “O meu bar tá localizado praticamente no centro do Recife [...] próximo a Av. Conde da Boa Vista (mar. 2015)”. Sandro Silva (2011), em suas pesquisas, afirma que desde a década de 1970, no centro do Recife, já existia uma territorialidade homossexual: ruas, praças e cinemas já eram conhecidos pela frequência de homens interessados em outros homens.

Nessa Avenida, localiza-se o Shopping Boa Vista, também conhecido pela circulação da população LGBT, fator fundamental para que o público ocupasse os bares dessa área, como no caso do Castelo Marron, relatado por nosso interlocutor: “Eu acho que o primeiro ponto foi a localização, porque a gente tá próximo ao shopping, e foi adotado pelo grupo GLS. A localização é o ponto fundamental (*Entrevista G*, mar. 2015) ”.

Ao mesmo tempo que compreende uma localização fundamental para a circulação desse público, se torna problemática, principalmente por ser uma área em que acontecem muitas manifestações, fato que, segundo esse mesmo interlocutor, é um problema para a presença do público e o funcionamento do espaço: “hoje teve um protesto na av. conde da boa vista, ontem e antes de ontem também, então, o que acontece? Esses protestos fazem com que o público que viria pra cidade, que viria pra conde da Boa vista, não venha (*I. Entrevista G*, mar. 2015) ”.

Episódio 04 – Homofobia na Av. Conde da Boa Vista

Mesmo sendo popularmente conhecida pela circulação da população LGBT, a Avenida Conde da Boa Vista, uma das principais do centro do Recife, é cenário para muitos casos de homofobia cotidianamente, como afirmam nossas interlocutoras. Basta estarem andando pelas ruas, em grupo ou individualmente, essas pessoas são vítimas de piadinhas, brincadeiras e xingamentos de cunho homofóbico, dotado de total falta de respeito.

Outro aspecto relevante para nossas interlocutoras, é a intensa movimentação, nessa localização, de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades. Essa conjuntura, tanto favoreceu, como foi favorecida pela ampliação dos espaços de sociabilidade destinados a esse público. Com relação aos bares e boates, foi o principal motivador da

grande concentração desses espaços, de acordo com a interlocutora da *Entrevista A*: “Na realidade, a gente pegou uma área [...] que já era pro público LGBT, que já abraçava a causa. E então, a noite aqui virou point, né? Sexta, sábado e domingo. A turma na rua, em barraca e as boates abertas (mar. 2015) ”. Verificamos essa mesma referência, nos discursos dos interlocutores das *Entrevistas E e B*, como observamos nos trechos seguintes:

Aqui a gente chama de quadrilátero gay, se limita entre a Conde da Boa Vista e a Rua do Príncipe [...] existem vários segmentos, temos casas heterossexuais de prostituição, vulgarmente conhecidos como inferninhos, a gente tem... temos um cinema gay, uma sauna gay, uma boate mista, que entra héteros, gays, lésbicas, todo segmento, e, temos umas três casas diferenciadas que é: o Nosso Jeito, que o público é 99,9% feminino, o Mix Pub que é, vamos dizer, 70%/80% feminino, e a Confraria dos ursos de Pernambuco, com uma frequência maior de gays masculinos (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Eu tô em frente à uma das boates mais conceituadas aqui de Pernambuco, o meu bar tá localizado em um ponto muito estratégico, praticamente de frente a boate metrópole. [...] Tá virando um polo, ou seja, a rua tá ficando mais movimentada, ou seja, os bares também... Isso tá atraindo mais o público aqui pra região. Ou seja, tá melhorando, graças a Deus, cada vez mais (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

À vista disso, podemos identificar que esses lugares de consumo, lazer e sociabilidade conectam o espaço urbano às homossexualidades, expressa na constituição de um aglomerado de espaços comerciais destinados a esse público e, a consequente, demarcação simbólica dos

territórios das grandes cidades brasileiras, marcadas pela vivência de uma expressiva diversidade sexual e de gênero (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014).

### 3.2.2.3. CONCORRÊNCIA

Dando continuidade as análises, abordaremos, agora, os sentidos circulantes sobre a temática da concorrência em relação aos outros espaços, outros eventos e acontecimentos voltados à população LGBT na cidade do Recife. Encontramos, nos repertórios produzidos pelas interlocutoras das *Entrevistas F e D*, a afirmação de uma concorrência estabelecida diretamente entre as duas principais boates, que se utilizam de estratégias diferenciadas, principalmente no que diz respeito as atrações, preços e serviços oferecidos, para atrair o público:

[Pesquisador] Hoje concorrente, quem você considera?

[Interlocutor] é complicado, sabe porquê? Por que existe em Recife hoje, uma briga, que a gente tá brigando também, que é a MetrÓpole. Porque abriu a San Sebastian (uma boate localizada na região metropolitana voltada para o público gay), então, todo o público da metrÓpole, as bichas lisas que se diz fina, tão indo pra lá. Ai, a MetrÓpole não tinha brega, ela colocou brega pra atrair o público daqui, porque tá perdendo o público dela pra San Sebastian. Ai a bicha, no lugar de pagar 10R\$ hoje pra entrar, paga 40R\$ ou 50R\$, sendo open bar ou revertido, pra dizer que foi na MetrÓpole. E no sábado e domingo, ela tá aqui dentro. É quando vira um pouco concorrência. Aqui do lado ela é mais mulher (Nosso Jeito), então ela tenta ver as atrações daqui e colocar lá também, colocando, até 00h, entrada de graça (*Interlocutor Entrevista F*, mar. 2015).

[Interlocutora] Não tem duas boates no mesmo nível pra funcionar em Recife, até hoje não tem, uma fecha, uma vai ficar devendo.

[Pesquisador] Hoje, voltado pro público gay, quais são as de Recife?

[Interlocutora] Tem o MKB, tem a que inaugurou agora, que é a San Sebastian [...] Tem MetrÓpole ... E tem mais o que?

[Pesquisador] De boate...

[Interlocutora] É, mas boate não tem mais em Recife... Não tem mais boate em Recife. Qual a boate que tem? Não tem.

[Pesquisador] Antigamente, praticamente só tinha boate.

[Interlocutora] Porque boate é caro, é um investimento caro. Boate ela tem essa coisa de abrir uma coisa e o povo correr, aí o que acontece, que eu acho hoje que a metrÓpole. Desde que abriu a esses 13 anos, já abriu umas 15 boates pra pegar a gente de frente, entendeu? E ae! o que eu acho, as pessoas chegam com arrogância, chegam dizendo que vai ser isso, que vai ser pra classe A, que faz isso... Mas quando a gente vê, tá tudo mirando a metrÓpole, copiando, tudo fazendo... e tudo fechando. E fecha. É o que eu digo: Recife, a quantidade de gente que tem em Recife, a população. Eu queria era que realmente a economia de Recife comportasse mais boates, mais bares, mais pizzarias, mais restaurantes, mais tudo. Mas, infelizmente, a questão econômica, sabe. Quem não gostaria que tivesse na noite 500R\$ pra sair... Tu pega táxi, tu compra roupa e tu vai pra balada, com roupa nova... mas quem tem? (*Interlocutora Entrevista D*, mar. 2015).

O interlocutor da *Entrevista F* ainda comenta que os demais espaços, que se mantém até hoje, foram surgindo após a fundação das duas principais boates que constituem o circuito GLS do Recife: “Só existia eu e a MetrÓpole, mais nada. Depois da gente abriu cinema, sauna, a coisa das meninas, aqui do lado os ursos. Nada disso aqui tinha. E nada disso aqui funciona se eu não abrir (mar. 2015)”. A interlocutora da *Entrevista D* comenta que alguns desses lugares, localizados em frente as boates, se tornaram um esquentar para o público beber e observar a movimentação

desses estabelecimentos maiores, e assim, decidirem se vão ou não entrar. Como podemos ler no repertório abaixo:

[P] Conchittas?

[I] Conchittas é a mesma coisa, é... Meu filho aqui, esse miolo...

[P] Eles surgiram faz pouco tempo...

[I] Faz 4 a 5 anos, eu acho já, conchittas deve ter isso. [...] eles são ótimos, a menina é artista, começou nessa coisa de ralação, fez uma coisa interessante, um barzinho de calçada que eu acho maravilhoso, que é o que tem em BH e você vê, e aqui é tudo proibido...

[P] E também virou um esquentinha pra cá... Eles ficam vendo como é que tá o movimento, que tá num sei o que... Tem um amigo meu que diz: “Ah! Meus amigos ursos tavam lá no conchittas”. E ae, eles não foram? “Não! Ficaram lá e ficaram dizendo que tava ótimo, que a metrópole tava ótima”. Ou seja, fica lá *curiando* o movimento (mar. 2015).

Encontramos também o discurso da interlocutora da Entrevista A, que opta por não identificar seus concorrentes, justificando ser um espaço que oferece diferentes atrações e opções musicais, como podemos observar no trecho seguinte: “Hoje tem o Mix aqui atrás, mas ele é pequenininho, não digo concorrente da gente direto porque ele trabalha mais com o público MPB e a gente trabalha com o MPB e o Brega (mar. 2015)”. A mesma, continua sua argumentação, relatando que, atualmente, o público procura o espaço pela atração oferecida em cada noite: “Não vejo mais um concorrente direto, eu vejo uma atração boa pra atrair o público. Antigamente não, o pessoal vinha, não sabia nem quem era a banda, vinha para o bar. Hoje em dia a turma vem por causa da atração que o bar chama, entendeu?! (mar. 2015)”.

A interlocutora da *Entrevista C* usa a mesma linha de argumentação para não identificar seus concorrentes, como verificamos nesse discurso: “ eu não vejo nenhum aqui, nessa área. Até por que o meu público é diferenciado dos outros locais, então assim, [...] são pessoas que realmente gostam do foco na MPB. Então, talvez os outros locais curtem mais brega, funk, arrocha... então eu não vejo (I. P. Mix Pub, mai. 2015).

Também identificamos os bares que se declaram concorrentes diretos, tanto no trecho anterior relatado pela interlocutora da *Entrevista D*, como na argumentação do interlocutor privilegiado do *Entrevista B*, que está localizado em frente a esses dois espaços: “Olha só, meu concorrente aqui direto, seria o Santo Bar, mas são ideias diferentes, são estilos de música diferentes, lugares diferentes, ou seja, cada lugar tem aquele encanto, aquela magia, entendesse (mar. 2015)”.

Continuamente, deparamos com o discurso da interlocutora *D*, que enuncia como concorrente qualquer outro espaço, por acreditar que, atualmente, a população LGBT não se limita aos guetos e aos lugares exclusivamente destinados a eles, dessa forma, circulam por diversos ambientes. Assim também, verificamos no enunciado da interlocutora A, que identifica a conquista de direitos dessa população, como um outro aspecto, no que diz respeito a concorrência, a exemplo do respeito e liberdade conquistados nas casas de seus familiares.

[P] Concorrentes hoje? Vocês tem?

[I] Olhe! Tenho, sempre tem. Antigamente você tinha um concorrente, que era “O concorrente” que era uma boate que... Hoje em dia não, tudo é concorrente, entendeu?

Porque o público gay, ele tá em todo lugar. Existe a casa que é a casa, mas não tem aquela coisa mais segmentada, entendeu? Hoje em dia, tem muitas festas alternativas, que a galera vai... Tem a Pink Elephant (boate na cidade voltada para o público heterossexual), que um dia eu fui, encontrei um monte de cliente lá. No Chevrolet (casa de grandes shows) quando tem evento... Eu digo: o maior concorrente da gente é um show de Ivete Sangalo, entendeu? Até Fábio Jr querido, a gente sente. Então assim, não tem... Antes não, tinha aquela coisa que você tem que ir (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Hoje em dia, a turma prefere beber perto de casa, nos bairros, aí dificultou um pouquinho pra gente. E também pelos direitos que foram adquiridos né?! Pelo público LGBT. Hoje em dia, você vai pra casa da sua mãe, você dorme com seu namorado/namorada, na casa da sua mãe, no seu quarto. Frequenta as festas de família. Como eu tava falando, hoje em dia não tem, a galera pode se beijar onde quiser, então não tem mais aquilo de bar GLS. Frequenta outros lugares, e beija igual e fica igual, normal. Com a liberdade que foi adquirida, acontece isso. Não tá num bar GLS, e dança duas mulheres, dança dois homens e hoje em dia tá muito, muito aberto (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

Localizamos também, no relato das interlocutoras da *D* e *E*, argumentos que relataram como concorrentes, na atualidade, as festas temáticas alternativas, que acontecem esporadicamente na cidade do Recife. Muitas delas também voltadas ao público GLS, promovidas por coletivos diversos, apontando o que Isadora França (2012a) reflete, em seus estudos, uma diversidade de investimentos nesse mercado. Na cena ursina, especificamente, essas festas constituem-se como mais “um espaço que recebe bem os homens mais gordos, mais velhos, peludos, com um vestuário menos sintonizado à moda e que, em tese, seria mais aberto à diversidade de corpos e estilos de modo geral (FRANÇA, 2012b, p. 237)”. Vejamos:

E agora, tá surgindo um outro grupo, que foram de clientes aqui, que está com festas, proporcionando festas *bear*, festas de ursos, tipo *pool partys*, *pic nics*, encontros na praia, em cinemas, mas ainda tá em fase inicial e a gente não sabe se vai ser aceita ou se é mais uma questão financeira. Tem muita gente que tá vendo agora esse movimento ursino aqui no nordeste como uma boa oportunidade de se ganhar dinheiro. (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Aqui nós somos alvos, de cópia, de tudo que acontecesse, sabe? E as vezes, sabe até a galera que faz as festas, o golarrolê. A promotora vivia aqui na boate antes, como cliente, como tudo, tipo, a festa maledita, ela diz: “[...] foi lá que tive inspiração, tava no Bar Brasil e tocava muito...” A gente toca muito as divas, as pops divas, cover da Beyoncé, da Rihanna, da Britney... Então aqui que ela teve o estalo para fazer uma festa como essa. O Brega *Nigth* também, no bar brasil. Então, isso pra mim, eu digo assim... Eu não fico chateada... Por quê tem gente que diz: “Ah não, tá copiando”. Eu digo: “Não gente, inspiração”. Se vai concorrer, então, meu amor eu tenho que me superar por que se ela tá se inspirando em mim, eu já tô lá, né? Tô já em outra (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Nos chama a atenção, aqueles que visibilizam a concorrência como um aspecto importante para criar uma referência, tipo um polo, só de espaços - bares e boates - voltados ao público de gays, lésbicas e simpatizantes, como uma estratégia para atrair um maior público: “Gostaria até de ter mais casas de urso aqui em Recife, porque isso fortalece o movimento (*I. Entrevista E*, abr. 2015)”. Encontramos essa mesma linha de argumentação, nos relatos dos interlocutores das *Entrevistas B e G*, a seguir:

A maior burrice um outro comerciante achar que vai entrar em um campo pra querer derrubar outro, ambos tem de se juntar pra poder trazer uma maior quantidade de público pra área, e que esse público, um gosta de mim, outro gosta dele, outro gosta de mim... Ai o pessoal diz: “Mas rapaz, abriu mais um ali, outro ali”. Ótimo, eu queria que abrissem



200 aqui, porque se tornaria um ponto de referência. Tipo o que, você está afim de tomar uma cervejinha numa área GLS, pra onde você vai? Pra rua do Giriquiti. Veja, então o que é que acontece, eu adoraria se aqui tivessem inúmeros bares, porque seria referência. [...] Ai tipo assim, o cara sai da faculdade: “Vamos tomar uma cervejinha aonde?” “Rapaz vamos pra Gilvan de Giriquiti”. “Vamos pra onde?” “Castelo Marron”. Fulano e sicrano diz não: “Eu não gosto de lá”, mas tá vindo pra rua do Giriquiti, você tá entendendo? Então, o importante é ser referência (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Pra falar a verdade, nesse lugar aqui do meu bar, ele tá praticamente virando polo, né. Antigamente só tinha a boate, hoje em dia, tem meu bar, tem um outro comércio aqui do lado, tem o japonês que abriu também nessa rua aqui de esquina, tem o Santo bar que abriu. Tá virando um polo, ou seja, a rua tá ficando mais movimentada, ou seja, os bares também... Isso tá atraindo mais o público aqui pra região (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

A respeito da alta concorrência relatada por nossas interlocutoras, entendermos ser algo que se dá pela ampliação dos investimentos privados na criação e diversificação de estabelecimentos e serviços comerciais destinados à população LGBT na conjuntura brasileira (FRANÇA, 2006; 2012b). Esses espaços, bens e serviços que compõem o amplo mercado GLS buscam atender, através do consumo, as demandas dessa população, tentando dar conta da diversidade dos sujeitos e de seus estilos de vida.

#### 3.2.2.4. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Neste tópico, daremos ênfase aos enunciados coproduzidos no processo das entrevistas, quando questionamos nossas interlocutoras sobre os aspectos positivos e negativos em trabalhar em um estabelecimento comercial destinado à população LGBT. Como também, solicitamos relatar as diversas situações que compreenderam momentos de dificuldades e êxitos em estar envolvidas nesse mercado de consumo. Dessa forma, conseguimos localizar os principais aspectos levantados por nossas interlocutoras, que nos permitiu um amplo entendimento dos sentidos produzidos sobre essa temática.

O primeiro e, em nossa concepção, principal aspecto positivo enfatizado nos discursos é a percepção de que é bastante lucrativo, de que dá dinheiro, tanto por conta do tipo de estabelecimento, quanto pelo público frequentador. Esta compreensão está meramente relacionada à percepção de que os gays e lésbicas, em sua maioria, são consumidores (FRANÇA, 2012a) em potencial, gastam assiduamente com diversão e entretenimento, e, desfrutam dos serviços oferecidos nos bares e boates. De acordo com Hamilton Carvalho-Silva (2012), isso se dá pelo senso comum, promulgado em nossa sociedade, que reconhece os sujeitos homossexuais como uma população de alto poder aquisitivo. Vejamos, a seguir, os relatos das interlocutoras *B*, *F* e *G*, que evidenciam bastante essa lógica mercadológica:

São um público bom, a turma/o pessoal geralmente são de gastar, são um pessoal que não... eles querem se divertir. Já tá no nome Gay, é divertimento. Então eles se divertem. E, outra coisa, a gente permite que se divirta de forma limitada e ilimitada, ao mesmo tempo. Eu acho que tem muitos querendo trabalhar com esse público, justamente visando a assiduidade desse pessoal. É um pessoal assíduo, geralmente, quando eles gostam do local, eles frequentam quase que diariamente. Então, por conta disso, tem muita gente visando comercialmente esse público (*I. Entrevista G*, mar. 2015).



É um público bom. Ou seja, no mercado hoje, ele é o público que mais gasta. Primeiro lugar porque ele, o casal GLS, não é todos que tem filho. Então é uma despesa bem a menos, pra um casal de hétero que tem filho. Como também, ele tá mais voltado a pegar seu dinheiro, a gastar com farra, a gastar com roupas de grife; isso ai também já é cientificamente comprovado que é o público que mais gasta (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

As mulheres gays dá muito mais dinheiro do que o homem. O gay, ele pega uma dose de whisky e uma dose de refrigerante, e passa a noite toda. A mulher, ela bebe mesmo, ela toma muita cerveja [...], só sossega quando sai bêbada (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Segundo a interlocutora *D*, o aspecto positivo é o fato de ser um público bastante alegre e divertido; que aproveitam as festas, dançando e bebendo; que curtem bastante a noite recifense: “Na metrópole, dá a galera que dança, que eu fico assim ó (de boca aberta). O povo que gosta de dançar, que vai até o chão, que vai no funk, no bar brasil é assim... que vai no axé, no quadrado de 8, eu fico besta, eu fico boba, é um povo que dança mesmo! (mar. 2015)”. Outro aspecto é o fato de ser um público educado, segundo a Interlocutora Privilegiada *A*: “Eu acho que a educação da galera sabe [...] o ponto positivo é isso, a galera é bem tranquila, não gosta de confusão e gasta né porque a galera tem um poder aquisitivo legal, o LGBT (mar. 2015)”.

De acordo com o interlocutor *G*, outro aspecto positivo relevante, é o fato desse público, na maioria dos casos, preferirem andar em grupos; dessa forma, frequentam coletivamente os espaços: “em matéria de trabalho, é um público muito bom [...] eles são muito tribais, certo? Então, tem as tribos de cada um: um tem uma “tribozinha”, outro tem a “tribozinha” dele, então quando se juntam, vem pro Castelo Marron (mar. 2015)”. Relatos também dizem que é um público muito exigente, em relação aos serviços oferecidos e o acolhimento proporcionado pelos espaços, conforme observamos nos enunciados das interlocutoras *C* e *G*, respectivamente:

Eu acho que o público LGBT é muito exigente, porque os espaços são poucos e em contrapartida, quando você sai e procura um local, você quer um que se sinta acolhedora. Eu acho que as pessoas, as vezes, se preocupam muito com a questão do futuramente e esquecem de investir, né... Tem o bar, que eu não vou falar o nome, que eu frequentei muito há 10 anos atrás, quando eu me descobri, aquela coisa toda. Que a mulher ganhou muito dinheiro, em contrapartida, até uma porta não tinha no banheiro, era quebrado. Então assim, o que falta realmente é investimento, é você ter e você também investir para que as pessoas cheguem e se sintam bem (*I. Entrevista C*, mai. 2015).

Como eu te digo né, o público GLS, ele tem as vantagens e desvantagens. A desvantagem é que se você trabalhar errado, você se queima. Então, Graças a Deus, a gente trabalha certo, e a gente progride. Se você trabalhar errado, eles... eles são muito tribais, um monte de tribos, de grupos, então, pra você se queimar, é um piscar de olhos. Então, se a gente é um dos mais antigos que permanecem no mercado e ainda é bem aceito, significa que a gente tá trabalhando de forma correta (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Dos aspectos negativos levantados em conjunto com as interlocutoras, durante a interação nas entrevistas, percebemos que algumas reclamaram do público em relação a quererem baratear os preços, principalmente nos espaços mais populares, frequentados pela classe média e baixa; a fim de usufruir, a baixo custo, da entrada e dos serviços oferecidos pelos espaços. Como podemos verificar nos discursos das interlocutoras *A* e *F*, sequencialmente:

O ponto negativo é que o pessoal pede muito desconto, é uma choradeira triste. Eles veem, mais também eles querem. Como eu te falei, mudou muito, agora eles vêm porque a

atração é boa, eles vêm porque tem a promoção da cerveja, tem a promoção da entrada *free* até tal horas... aí eles já tão aqui, aí chamam os amigos e os amigos compensa porque já vem pagando, então uma mão vai lavando a outra. Porque se fosse depender, a gente já tinha fechado viu (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

Ai, o cara chega: “só tenho 10 reais, deixa eu entrar?”. A entrada é 20 reais. Eu digo: Liso dorme, pode ir embora. (O sócio) bota pra dentro, ele fala: “é melhor 10 reais no bolso, do que não ter” [...] Eu sou muito assim, já tive muita briga com as bichas aqui dentro, elas passam sexta e sábado, faz ostentação em metrópole, gastando mais caro, essas coisas. E quando vem no domingo, quer pagar 10 reais pra entrar na MKB, porque entrou no puteiro, e aqui não presta, e tem que pagar pouco mesmo. [...] É o viado estar com 10 reais no bolso e achar que é a bicha mais rica de Recife: “Tô pagando”. Tu pagasse pra entrar, bicha. Sabe... é achar que podem, podem, é um direito deles [...] É querer ser esperto, é querer achar que pode. Existem regras cacete... O fluxo aqui é muito grande, eu tenho que ser muito rápido (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Encontramos também os relatos das interlocutoras *C* e *F*, que afirmam como algo negativo, as situações de discussões e brigas ocorridas dentro do espaço. Algumas delas, impulsionadas pelo uso excessivo de bebidas e outras substâncias e/ou motivadas por ciúme de suas parceiras, por conta do constante clima de paquera que circulam nesses lugares de, e que tornam todos os corpos desejáveis. Essas situações, de acordo com nossas interlocutoras, são protagonizadas, em sua maioria, por mulheres, fato que pode ser compreendido, por estas, quase sempre, estarem “acompanhadas de suas parceiras e quase nunca serem vistas sozinhas (RIBEIRO, 2012, p. 59) ”.

É muito complicado... Tem muita briga, eu ouço os dois lados e vejo o que tá certo, mas eu tenho comigo que: aonde tem briga, tem ação e reação – “Se ele deu em você é porque você mexeu com ele... Pra fora da casa. “Mas eu paguei”. Deixou de pagar agora, a casa tem lei. Pra fora”. Essas bichas chegam aqui, querem pegar esses boyzinhos, pagam cerveja pra eles e na hora H o boy mete o pé, bichas burras, aqui tem muita... Ai ela achou de cantar de galo pro boy porque pagou a cerveja, e aí quando rola o estresse, quando eu vejo que a confusão tá muito grande...

[P] Mas isso rola todo fim de semana?

[I] Não, raramente. Ultimamente é mais mulher, por ciúme ou na hora que tá dançando. Tu tem tua mulher, tá com ela e começa a cena: vai descendo na boquinha da garrafa, que essas músicas que frango adora dançar, aí uma quer dançar mais do que a outra e começa a olhar troncho pra outra e começa a confusão, né. Às vezes, eu tô cantando e digo: Para o som, vamos parar com isso aí embaixo que eu tô vendo daqui, viu. Ai isso acaba intimidando, acaba sendo a vergonha (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

[P] O que tu consegues identificar como dificuldade de trabalhar com esse público? Quais os pontos positivos?

[I] Eu acho que as dificuldades, as vezes, é quando as pessoas excedem na bebida, que as pessoas perdem um pouco a noção, o discernimento. Então assim, eles mudam muito essa questão da personalidade, você que é da área de psicologia entende até mais do que eu... Como eu também sou da área de educação, a gente consegue canonizar. O positivo é aquela questão de você ter o equilíbrio emocional, porque as vezes é difícil, é complicado. Às vezes as pessoas... Tem gente que vem realmente pra querer brigar, pra criar uma situação constrangedora, e você tem que tá muito tranquilo pra saber discernir, pra saber canonizar aquela situação e deixar tudo tranquilo (*I. Entrevista C*, mai. 2015).

Outro aspecto negativo enfatizado, como já relatado no tópico sobre concorrência, é o fato do público frequentar outros lugares, usarem da liberdade que adquiriram na sociedade e não mais se limitarem a circular apenas pelos espaços destinados a eles, especificamente. Esse aspecto está intimamente relacionado a outra questão trazida à tona pelos interlocutores *B* e *E*, é a razão pela qual o público não é fiel e/ou leal ao espaço, prisma importantíssimo para os estabelecimentos

comerciais, pois, ter um público fidelizado, leal, é sinônimo de constante, assídua e exclusiva frequência:

O público ursino pernambucano ele é muito, não poderia dizer volúvel, mas ele não é leal, ele pode ser até fiel, mas leal ele não é, entendeu?! Ele vem, a casa tá boa, ele fica; a casa não tá boa, ele vai simhora. Porque é da natureza masculina caçar né, então quando você chega num ambiente gay, onde você tem a possibilidade de sair pra uma noite mais gostosa; e você não encontra ninguém naquele ambiente ou as pessoas não te agradaram, então você ... Invés de se tornar a caça, você ficando lá, alguém chegar e lhe ver: “opa, tem uma figura legal ai, vou ficar por aqui”, não. Se aquela figura não encontrar alguém que gostasse, não fez o tipo dele, o ambiente não tá legal pra ele, ele puxa logo o L, vai simhora logo. Então, é um protesto que eu faço, nós não temos uma fidelidade, quem prestigia os ursos de Pernambuco, são as pessoas que vem de outros estados do Nordeste. Não vou dizer a você que aos finais de semana eles não apareçam, aparece, mas só ficam se a casa tiver com um movimento bom. Eu acho que em todo comércio acontece isso né? (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

O público GLS, eu não acho ele bem fiel, eu acho que ele gosta de um lugar onde é bem tratado. Se ele receber um bom tratamento, então ele volta pra aquele lugar. Então, não acredito que ele seja fiel, porque esse público ele muda de opinião, ou seja, abre uma novidade ali, ele já corre pra aquele lugar ali, se ele gostar dali, ele permanece. Eu falo isso porque eu estudei Marketing, então, estudei um pouco a respeito desse meu público, né? Então, o público GLS ele não é um público fiel, ele é um público bom (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

Por fim, com relação a esse tópico, nos chamou a atenção o alerta acerca das situações de assédio, moral e sexual, que as funcionárias sofrem na relação com a população LGBT, segundo os enunciados dos interlocutores *B* e *F*, a seguir:

É o seguinte: eu tive alguns funcionários que tipo assim, levaram algumas cantadas, alguns pegas na bunda, alguns beliscões, pegadinha no abdômen... eu tive alguns funcionários que não gostavam, que não gostaram. Mas comigo, eu levo cantada direto, hoje em dia eu até dou beijinho na bochecha. Como falei, minha vida mudou muito aqui. Chegar um travesti, aqui hoje, eu cumprimento ele como se fosse uma mulher. Eu falo isso porque a 4 anos atrás eu não fazia isso, eu passei a fazer depois que eu comecei a trabalhar com esse público, entendeu?! E eu levo de uma forma normal (*I. Entrevista B*, mar. 2015).

Às vezes, o viado quando bebe até fala merda pra um cara que não é gay, ele vai pegar uma coisa e passa a mão no homem... Eu sou um homem e um viado passa a mão na minha mão, mas existe isso: “Não curto! Beleza”. Do que: “Sai, frango!”. Se eu ver, eu demito na hora, eu vou atender no lugar dele. Eu não admito viado: “Faça, que eu estou pagando esse caralho”. Me apanha e sai na hora, eu não admito que tratem mal meus funcionários, que são meus filhos, por eu ser mais velho, do que (meu sócio) no caso. Eu sou muito maleável e não sou (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Sobre as nomeações utilizadas para dar sentido aos aspectos positivos e negativos de trabalharam em bares e boates voltados à população LGBT, as organizamos, na figura abaixo:

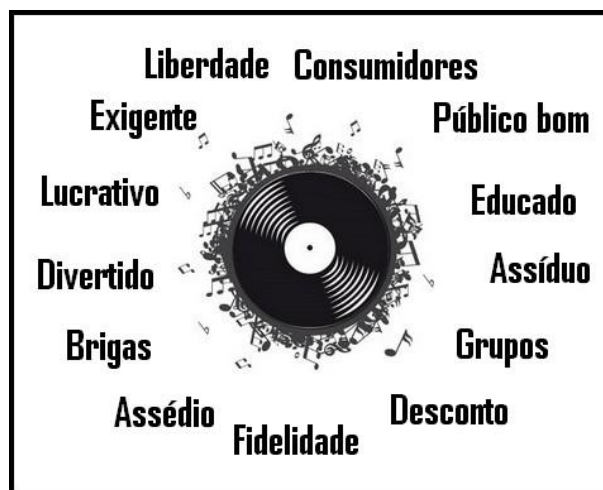


Figura 07: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Aspectos Positivos e Negativos.

Notamos que boa parte das interlocutoras identificaram a população LGBT como promissora, como um **público bom, consumidor** em potencial, fator que contribui para a alta **lucratividade** relatada por alguns representantes desses espaços. Em diálogo com Hamilton Carvalho-Silva (2012), corroboramos na ideia de que esse poder de compra e consumo é bastante definidor dos sujeitos frequentadores desses espaços e contribui para que os sujeitos, das diferentes classes sociais, procurem estratégias para serem reconhecidos socialmente através das práticas de consumo. Notamos também, os que nomearam como aspectos positivos, as características do público, em serem **educados, assíduos, divertidos** e bastante **exigentes**, assim como, as ocasiões em que costumam frequentar esses estabelecimentos em grupo, o que favorece uma maior participação e consumo desses lugares.

Com relação aos aspectos negativos, algumas identificaram a **liberdade** adquirida pela população LGBT como algo que não favorece a **fidelidade** a esses espaços. Relataram também, como algo negativo, o fato desse público, na conjuntura atual, poder circular por diferentes espaços, independentes se são destinados ou não a eles. Outro aspecto ruim, segundo as interlocutoras, é que esse público pede bastante **desconto**, buscam baratear o preço das entradas e dos serviços oferecidos. Por fim, outra questão negativa bastante polêmica, são as situações de **brigas** que ocorrem nos bares e boates, por diferentes motivações, como excesso de bebida alcoólica e/ou ciúme de suas parceiras; assim como, os casos de **assédio**, sexual e moral, que as funcionárias sofrem durante as noites em festa, como observamos nos repertórios de nossas entrevistadas.

### 3.2.2.5. LEGISLAÇÃO

Neste tópico abordaremos as leis, da esfera federal, que foram referenciadas por nossas interlocutoras, a fim de compreender o contexto em que foram inseridas no diálogo e os efeitos que causam na dinâmica desse mercado, por meio da análise dos sentidos produzidos sobre elas.

A Lei Federal nº 11.705, de junho de 2008, popularmente conhecida como a Lei Seca, que estabeleceu restrições severas aos condutores de veículo automotor, que tiverem identificado, na abordagem institucional, o consumo de álcool por meio do teste do “bafômetro”, foi a lei que causou um grande impacto para o funcionamento dos bares e boates voltados ao lazer noturno, principalmente por ela interferir diretamente na frequência do público nesses espaços, causando uma maior dificuldade em mobilizar pela cidade, dentre outros fatores; como citam as interlocutoras das Entrevistas A, D e E:

[Pesquisador] Durou quanto tempo em Olinda?

[Interlocutor] Em Olinda, nos só passamos 90 dias lá, porque toda a nossa clientela é daqui da zona norte e sul. E, foi na época em que a Lei Seca estava sendo implantada e quem ia pra Olinda, tinha que ir de ônibus e voltar de táxi. Isso criou um custo maior e, mesmo quando iam, não tinha táxi suficiente para voltar até Recife (e região metropolitana), e ficava mais difícil. Então eles fizeram tipo que um boicote, deixaram de ir com mais frequência, pediram que a gente se mudasse aqui pro centro do Recife pra ficar com melhor acesso para eles (*Interlocutor Entrevista E*, abr. 2015).

Na realidade, depois da Lei Seca, foi que realmente ficou mais difícil [...] modificou muito o cotidiano. Também acho que o setor financeiro também. Hoje em dia, com a Lei Seca, a turma prefere beber perto de casa, nos bairros, aí dificultou um pouquinho pra gente. [...] Dificultou né? Muito! O movimento caiu em 50%, aí vem essa liberdade dentro da família, vem a Lei Seca né, que piorou muito pra você sair, e tem a dificuldade financeira que o Brasil enfrenta né, que aí junta tudo. Então assim, pra você sair, 100 reais é só de táxi, aí você vai e toma uma cervejinha, gasta mais 100 no mínimo, porque aí vai comer, beber, entrada, então assim, ficou caro. Eu acho que foi isso, setor financeiro, a lei seca e a liberdade, aí pronto, invés de você gastar 100, você faz uma festa em casa, na casa de um amigo, acho que isso aí. (*Interlocutora Entrevista A*, mar. 2015).

Acho que a gente enfrenta também uma dificuldade grande com essa lei de dirigir, da bebida. É um custo maior para você sair hoje, para beber um pouco distante de casa, entendeu? Isso aí, é uma coisa que mexeu, mexe com o mercado. Pra mim mesmo, vou para boate, bebo... Eu tenho um quarto aqui, eu não pego meu carro e dirijo. Deus me livre (*Interlocutora Entrevista D*, mar. 2015).

A Lei Federal nº 13.106/15, que criminaliza a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, também foi uma das citadas que interferem no cotidiano desses estabelecimentos, a partir das intensas medidas de controle e fiscalização do acesso dessa população, como afirma o interlocutor da *Entrevista G*: “a única proibição taxada é a questão de não vender bebida pra menor, esse ponto aí é sagrado, não se vende bebida pra menor de espécie nenhuma, toda pessoa que se chega aqui e a gente suspeita, a gente pede a identidade, entendeu? Então a gente trabalha dessa maneira (mar. 2015) ”.

Outra Lei que interferiu no cotidiano desses espaços, foi a Lei Antifumo nº 12.546/2011, que proibiu o consumo de cigarro em locais públicos e privados, de uso coletivo. Que, nos últimos anos, passou por muitas modificações, por meio de decretos e medidas provisórias, e atualmente está mais rigorosa, estabelecendo algumas regras, dentre elas, uma proibindo a existência de fumódromos e/ou espaços improvisados, em estabelecimentos comerciais. Com essa lei, muitos espaços tiveram que adaptar sua estrutura e procurar estratégias de funcionamento do espaço, conforme relata a interlocutora da *Entrevista D*:

Ai depois, veio a Lei do Cigarro, que tinha de ter um fumódromo e a gente não tinha [...] Ai, quando chegou a Lei, eu disse não... Fazer um fumódromo, aonde? Ai, tudo bem, tinha aquele cotoquinho lá em cima, que era um pedacinho de laje, dava pra fazer, mas quem tá lá em baixo, vai subir aquelas escadas todinha pra fumar? Olha a confusão, cliente bêbado... Já dizia que não pode fumar, entendeu. Ai pronto, tem que fazer e como a gente vai fazer porque se abrir a parede, vaza o som [...] Qualquer um poderia fazer qualquer puxadinho e dizia que era fumódromo. Ai a gente fez aquele fumódromo todinho que é o que tá ai, aquela coisa maravilhosa, espetacular, com banheiro, com bar, com isso e aquilo. Ai, veio a Lei agora que não pode ter fumódromo, tem que ir pra rua. Vê, o que a gente vai fazer na rua? Como é que eu vou botar a boate? Vou pra rua, vou beber. Que é o problema que tá tendo aqui no Santo Bar... É o problema. Não pode fumar aqui dentro. E olhe que é uma área aberta, mas não pode. O fumódromo, que não pode mais fumódromo, a área aberta da metrópole é tão grande que a vigilância sanitária permitiu fumar, ou seja, aquele tamanho todo, que a gente não entendia porque ia ficar tão grande, foi uma coisa, que eu digo assim: o que a gente tá fazendo, tá sendo uma orientação divina, que a gente não sabe aonde vai bater, entendeu? (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

A Lei Maria da Penha, de número 11.340/06, foi referenciada nos discursos sobre os casos de violência ocorridos nos espaços, que interferiu na relação com o público frequentar, principalmente nas situações de contenção, como podemos verificar no relato do interlocutor da *Entrevista F*:

Ela bebe muito, só sossega quando sai bêbada, dá na cara dela porque ela tá com outra mulher, aqui, 90% das confusões, é de mulheres, porque... Depois que apareceu a tal Maria da Penha, embora aqui a Lei não é Maria da Penha, é a Lei do Frango, que sou eu! Eu tenho mulher pra isso. Elas tão com a mulher no brega, diz pra mulher que vai mijar, e no banheiro beija outra, e a outra pega e vai atrás, ai tá a confusão toda. Ai, você vai impedir né!? Então, eu tenho mulheres seguranças e as mulheres resolvem. (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Outra Lei também referenciada, foram as reformas previdenciárias promulgadas atualmente, ainda pelo governo da Presidenta Dilma, que estabeleceu novas regras para o seguro desemprego e, segundo o mesmo interlocutor, foi uma Lei interessante com relação à contratação das funcionárias. Se constituiu a solução para os recorrentes casos de pedido de demissão em curto período, que o mesmo enfrentava na administração do espaço:

Eu tinha uns 15 (funcionários), ai foi aumentando, entrando mais gente. Eu, quarta-feira passada, coloquei anúncio, eu queria mudar alguns funcionários, porque já tava virando festa. Uma das melhores leis que a Dilma fez, foi essa que só depois de um ano e meio que você pode pegar o seguro desemprego, porque o pessoal vinha trabalhar aqui, 5/6 meses e pedia a conta pra poder ficar mais 4 meses com seguro desemprego. Era muito notório isso e tava me incomodando muito. Eu fui funcionário, hoje eu sou patrão, então eu sei toda artimanha. Como eu me fodo pra pagar funcionário, tudo direitinho, certinho. (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Nos chama atenção as situações de preconceito, relatada pelas interlocutoras *D* e *G*, quando em momentos de fiscalização, de verificação do cumprimento das leis. De acordo com elas, existe muita homofobia (institucionalizadas) nos órgãos representantes presentes nessas abordagens, por se tratar de espaços voltados para o público de gays, lésbicas e simpatizantes:

Boate deve ser tão bem administrada como qualquer outro negócio... é boate, é bebida, é beijo, é sexo, é tudo, mas, o regime aqui, é o Regime Militar, e tem que ser... então assim, a gente tem todos os impostos, tem todas as responsabilidades fiscais perante a todos os órgãos, pelo contrário, o olho aqui é *tuff*, maior em cima, assim, porque o preconceito...



ainda por ser boate gay, a gente tem o maior cuidado de entrar aqui menor e tudo, porque é gay, entendeu (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Rapaz, vamos torcer pra que o governo continue deixando a gente continuar trabalhando né? Como eu disse, existe uma homofobia muito grande por conta das fiscalizações. Quando a gente é fiscalizado aqui, só falta vir o SAMU, porque vem Celpe, Bombeiro, Meio ambiente, Vigilância Sanitária, Polícia Militar de PE, Polícia Civil de PE, mais GPCA – Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente, e mais outros três órgãos... só faltou vir o SAMU, porque parecia que nós éramos uns marginais. Então, se acabando ou diminuindo essa homofobia vai melhorar muito isso. E outra, que o país nos permita trabalhar né, porquê do jeito que tá andando, vão ser poucos que vão permanecer. A coisa tá triste. Olhe! Só falta organização no sistema. Se o sistema organizar e trabalhar de forma honesta, a coisa vai fluir e vai ser mais 30 anos de GLS (*I. Entrevista G*, mar. 2015).

Pensando na garantia de direitos para a população LGBT, nossas interlocutoras comentaram sobre a importância da criação de leis que proibam as práticas preconceituosas e discriminatórias contra essa população, a exemplo da criação da Lei de Criminalização da Homofobia, que a interlocutora da *Entrevista D* sinalizou como algo de grande importância, tomando como base a Lei que criminaliza o racismo, vejamos:

É isso que eu digo até hoje, a gente tem que ter a lei de criminalização da homofobia por conta disso, porque se por acaso a comunidade negra brasileira não tivesse conseguido uma lei que barrasse isso, pode até existir meu amor, dentro de você, mas você vai ter que ficar quietinho. Você não vai poder chegar e dizer, olhe, negro não vai poder votar, negro não é gente, né. Por que hoje ainda tem gente que pensa assim, né? Tem gente que acha que gay tem que morrer (mar. 2015).

Outra referência jurídico-formal, que deveria ser garantida no nosso país, segundo a mesma interlocutora, é a criação de uma lei que garantisse o ensino de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, como uma importante estratégia para o combate à homofobia, pelo viés da educação:

Por isso, eu acho importante a escola, você tá... O professor não tá alimentando preconceito, o professor tá combatendo... A diretoria tá... Porque as vezes, vem de casa, mas chega na escola, a escola diz não, não é assim, entendeu... Eu acho muito importante a gente ter leis que cheque na escola, porque a gente vê, hoje em dia, muita barbaridade (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Por fim, acerca do tópico legislação, encontramos referências a algumas leis federais que influenciaram diretamente na dinâmica de funcionamento desses espaços, assim como, de seus frequentadores, transformando, ao longo dos anos, alguns aspectos centrais determinantes das relações e das vivências entre os diferentes sujeitos e suas atuações nesse mercado, sejam eles consumidores ou prestadores de serviços.

### 3.2.3. Agenciamentos Políticos

Nesse último eixo, definimos dois tópicos - **Movimento LGBT e Parada da Diversidade** -, que facilitam a organização de nossas análises, além de serem temáticas abordadas na produção de sentidos e práticas discursivas de nossas interlocutoras, motivadas pelas questões levantadas durante a interanimação dialógica.



### 3.2.3.1. MOVIMENTO LGBT

Daremos ênfase, nesse tópico, aos sentidos coproduzidos durante as entrevistas, quando interrogamos nossas interlocutoras acerca da relação com o Movimento LGBT organizado da cidade. Hoje, em Pernambuco, a referência que se apresenta enquanto uma articulação de movimentos sociais em prol da luta e defesa dos direitos da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, é o Fórum LGBT de PE, como já o apresentamos em capítulo anterior.

Com esse questionamento, buscamos compreender os acordos e tensões presentificadas nos discursos produzidos pelo mercado, a respeito da sua relação com o movimento. Conforme Isadora França (2006, p. 24), existe uma relação comum entre mercado e movimento, pelo fato de ambos fazerem “circular diferentes categorias” em torno da vivência das homossexualidades, assim como, “referências e imagens identitárias”, que constituem as identidades coletivas referenciadas em ambos.

Assim, dos enunciados sobre essa temática, identificamos que nenhum desses espaços fazem parte direta e cotidianamente do Fórum LGBT, e percebemos que estes, segundo as interlocutoras do A e E, são acionados/articulados apenas durante o período de organização da Parada da Diversidade de Pernambuco. Dessa forma, alguns nos relataram participar de algumas das atividades do movimento, mas com bastante cautela e uma desejável neutralidade enquanto posicionamento político, se envolvendo apenas na Parada e em alguns eventos, não interferindo na organização e militância desses grupos em articulação. Como observamos a seguir:

[P] Vocês têm alguma relação com o Movimento LGBT? Conhecem? Participam?

[I] A gente, como eu te falei, conhece muita gente. Porém, a gente não é de dentro, mas sempre que tem ação a gente tá lá, sempre que tem visibilidade lésbica, dia do orgulho gay, parada da diversidade, a gente sempre se envolve.

[P] Vocês acham importante a existência do movimento?

[I] Sim, sim! Abro a casa pra divulgação, panfletagem, pra cartaz, pra palestrar... Geralmente quando tem, (algum representante) vem e chama a galera pra os eventos (Interlocutora *Entrevista A*, mar. 2015).

[P] Sobre o Movimento LGBT de Pernambuco, vocês têm relação? Como se dá isso? O que acham da Parada?

[I] A gente tem uma postura neutra e, ao mesmo tempo, procuramos ser presentes. Nós não tomamos partidos, não apoiamos militâncias, né?! A gente, simplesmente, somos convidados a ir no Fórum LGBT para falar sobre a parada, se tiver um congresso a gente é convidado. Somos convidados, somos sempre presentes. Agora procuramos ter uma postura neutra, pois como já lhe disse, nós somos um estabelecimento, não somos um movimento (Interlocutor *Entrevista E*, abr. 2015).

A adesão às Paradas da Diversidade, em muitas cidades brasileiras, representa uma “ocasião de grande visibilidade do Movimento LGBT” e também, de maior interação deste com o “mercado segmentado”, como no lembra Isadora França (2012b, p. 229). Outro aspecto interessante, é a concepção de que a atuação do movimento LGBT é importante para a conquista dos direitos dessa população, principalmente no cenário conservador em que vivemos.

Nas palavras de Marco Aurélio Prado (2010), esse movimento, além de motivado pela existência de relações de opressão que excluem os sujeitos, surgem também com a intenção de construir uma nova realidade social. De acordo com nossa interlocutora *D*, uma outra característica importante do movimento local é a descentralização dessa organização, que potencializa as intervenções pelo Estado de Pernambuco, mesmo diante de inúmeras dificuldades. Vejamos:

Acho ao mesmo tempo também, Pernambuco, sem sombra de dúvida, é além. Porque parece que a Bahia é só esse movimento, esse grupo, essa pessoa, aquela coisa bem centralizada. E aqui não, a gente consegue ver um Fórum, consegue ver diversas articulações, com toda dificuldade que o pessoal enfrenta... E até de fazer uma parada mesmo, de passagem pra ir comprar... pra pegar ônibus, de pagar telefone, de tudo. Mas eu acho que Recife consegue hoje ter um festival de cinema LGBT, da Diversidade Sexual, maravilhoso; ter uma parada de uma visibilidade, de uma conquista de um trecho da Av. Boa Viagem totalmente contrário, né? Inclusive a qualquer outro tipo de evento e a parada consegue acontecer ali. A questão dos presídios mesmo, desse casamento, das meninas lá dentro, desse movimento que é o movimento das mulheres, disso acontecer. O debate que acontece aqui (no período eleitoral), esse debate que o Leões do Norte consegue organizar na Metrópole, isso é fantástico. (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

Localizamos também quem, declaradamente, afirmou ter uma péssima relação com o Movimento LGBT: “Péssima. Porque eu não concordo, tem muitas coisas que eles precisam fazer e não fazem (*I. Entrevista F*, mar. 2015)”. E também, aquelas que tecem algumas críticas à organização e as ações dessa instituição, principalmente no que diz respeito ao maior evento de visibilidade da luta em defesa dos direitos da população LGBT em Pernambuco, que é a Parada da Diversidade; principalmente, no que corresponde ao envolvimento de políticos e partidos políticos nessas ações (SIMÕES; FACCHINI, 2009). De acordo com as afirmações a seguir, das interlocutoras *D* e *F*, respectivamente:

Também tive decepções, porque acho que é um movimento que é muito... tem muita infiltração de partido político e eu acho que não é um... A gente tem que tá junto da política sim, mas não uma questão de partido político, comprando... Essa Parada gay mesmo, agora, eu me decepcionei demais, você acha que é uma poesia, você chega assim, você vê coisas que não... Que pra mim não é um movimento, é um movimento umbilical, e não é isso o movimento (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

É muito fácil qualquer vereador hoje, coisa, querer entrar no movimento pra ser aliado e na hora que chega alguma coisa, não tem nada. [...] Burro é o povo (do Movimento) GLBT por não estar aqui, que é o povo. O segundo ano (da Parada) eu dei dois finais de semana inteiros pra que eles fizessem dinheiro pra pagar trio, aquele monte de coisa. Veio alguém aqui? Só vieram pegar o dinheiro de manhã, porque não vieram. Eles tem um dia no ano pra ser estrela, são os gestores, gritam, berram. Eu tenho o ano todo pra ser (eu), entendeu a jogada? (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

Por fim, notamos os discursos das interlocutoras *B*, *C* e *G*, que declararam não ter nenhuma relação com o Movimento LGBT organizado. Uns alegando não terem sido convidados a participar, outros relatam que são procurados apenas nos momentos de divulgação das atividades promovidas pela instituição, mas, todos compartilham do não interesse em participar, mesmo achando ser algo importante em nossa sociedade. Conforme demonstram os trechos seguintes:

[P] Tu tem alguma aproximação com o movimento LGBT aqui de Pernambuco?

[I] Eu tenho... Desse movimento?

[P] Do movimento organizado mesmo!

[I] Não... Eu tenho alguns clientes que são frequentadores de grupos. [...] Nem me convidaram, não. Nunca me convidaram, nunca fui chamado pra uma reunião, não sei como funciona.

[P] Mas tu acredita que é importante eles atuarem?

[I] Olha! O que for voltado para o lado... o que seja uma coisa digna e boa pra esse tipo de público, eu assino em baixo (I. Entrevista B, mar. 2015).

[P] Você tem alguma relação com o Movimento LGBT?

[I] Olhe! Tem um pessoal que vem sempre aqui, mas... Eles vem porquê procuram divulgar as festas deles através do nosso bar. Eles nos usam para fazer a divulgação dos eventos deles. Como eles sabem que a gente tem um público grande, eles fazendo a divulgação aqui no Castelo Marron, vai ter uma aceitação maior do evento deles.

[E] Mas, você tem alguma relação?

[JB] Não. Nenhuma relação, com ninguém. Conheço o pessoal, mas relação de envolvimento, de patrocínio, de participação em eventos, não (I. Entrevista G, mar. 2015).

[P] Sobre o movimento LGBT de Pernambuco, o que tu acha? Teve contato? Tem alguma relação?

[I] Eu nunca tive contato com grupos, mas eu sempre acompanhei, necessariamente, os movimentos. Questão de meios de comunicação mesmo, mas assim, fazer parte, integrar, eu nunca fiz. Eu sempre fiquei mais nos bastidores da situação (I. Entrevista C, mai. 2015).

Isadora França (2007, p.235) ressalta que, com relação aos diversos aspectos e processos da vivência das homossexualidade, o Mercado e o Movimento, assim como o Estado, se aproximam e se afastam uns dos outros, apresentando uma visível arena de tensões estabelecidas nessa relação, como observamos nos repertórios de nossas interlocutoras. Ambas as partes, utilizam dessa relação, em busca de benefícios mútuos. Tanto por parte do Mercado, que se apropria dos símbolos, dos discursos, dos eventos organizados pelas organizações sociais, quanto o Movimento, que se alia em articulações, em busca de divulgação, patrocínio e fortalecimento da visibilidade dessa população diante das barreiras sociais. Vale, portanto, perceber o jogo, as negociações, nos mais diversos momentos de acordo e tensão presentes nessa relação.

### 3.2.3.2. PARADA DA DIVERSIDADE

Com relação à Parada da Diversidade, algumas de nossas interlocutoras comungam da concepção de ser algo importante para a sociedade, para a visibilizar as questões econômicas, políticas e sociais desses sujeitos. Portanto, a interlocutora da *Entrevista C*, acredita que a Parada é a oportunidade, talvez, mais relevante para reivindicações dos direitos das lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, como podemos observar nesse trecho de sua fala:

[P] Tu considera importante a parada da diversidade? Consegue visualizar que ela tem efeitos na cidade?

[I] Acho, porque impactua. Porque as pessoas ainda acham que o público LGBT é uma minoria, em contrapartida, as pessoas têm medo de se expor, tem medo de mostrar pra sociedade... Então, tem que ir realmente pra rua, mostrar que temos peso, que temos, né, na sociedade. Que as famílias não estão livres disso, porque as pessoas, às vezes, olham isso como se fosse uma doença, como se fosse algo que é pecaminoso, que é contaminoso,

então, acho que tem que ir pra rua, tem que lutar por esses direitos, lutar por igualdade social (mai. 2015).

Identificamos aquelas que, além de acreditarem ser algo importante para a visibilidade e luta dos direitos da população LGBT, participam do desfile da Parada da Diversidade, tanto na organização de trios elétricos e camarotes na Avenida Boa Viagem (atual local do desfile), quanto caminhando junto à população presente. Como bem argumenta Tiago Corrêa (2012, p. 93), o mercado faz parte da “rede de organizações tecida na construção da Parada da Diversidade”. Nesse contexto, buscam estratégias diferenciadas de contribuir, material e simbolicamente, com essa manifestação político-cultural, conforme afirmam as interlocutoras A, D e E, respectivamente:

Já defendia (a causa LGBT), já era casada a 12 anos e a gente frequentava as paradas gays. A gente não é do movimento, não éramos de estar de dentro, mas conhecemos uma galera boa, que, né?! Mas sempre depois que a gente virou, digo assim, público atrás do bar, a gente frequenta né, hoje em dia, essas ações. Dia da Visibilidade Lésbica, a Parada Gay que a gente sempre sai (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

[P] Mas tu participa desde a primeira parada né? Antes mesmo de existir o Fórum...  
[I] é... antes de existir o fórum, era só o Leões. Foi quando eu procurei, porque eu via, eu queria divulgar. Eu divulgava sozinha, mas eu queria que eles (os gays) soubessem, que eles participassem, eu queria botar na Rede Globo (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

[P] Acha importante a parada?  
[I] Com certeza, acho que na parada se reivindica muita coisa, mas também, ao mesmo tempo, a pessoa se expõe demais. E também fazemos parte, abrimos a Parada Gay. Já há 3 anos que nós saímos como abre alas da Parada (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Encontramos, ainda no discurso da interlocutora *D*, uma linha de argumentação que afirmava a mudança do foco político das paradas da diversidade, durante os anos; mas que, este tem suas bandeiras de reivindicação bem estabelecidas, como a questão do respeito à diversidade: “Já é outra coisa... E eu entendo... Eu não tenho que gritar abaixo o cu porque a gente tá ali querendo respeito, dignidade, a gente tá querendo isso [...] ali, onde a gente tá, a gente tem que ir com muita elegância, educação, com muito tudo né (mar. 2015)”. Em conformidade com Corrêa (2012, p. 88), essa insistência no caráter político do evento, “aponta para uma compreensão dessa politização como sinônimo de reconhecimento do Estado (e da sociedade em geral), a partir da conquista de direitos, da aprovação de legislação específica e da criação de órgãos estatais voltados para a população LGBT”.

Continuamente, agora em relação a vulgaridade que é evidenciada, pelas interlocutoras *C*, *D* e *E*, como um dos aspectos negativos e mais conflitantes que acontecem durante o desfile da parada da diversidade. Corresponde ao fato das mulheres, travestis e transexuais, em sua maioria, decidirem participar do evento expondo partes dos seus corpos, a exemplo dos seios e bundas, como relatados nos discursos de nossas interlocutoras.

A exposição pública da sexualidade ou da nudez dos corpos nesses argumentos, tem sua legitimidade questionada por uma moral sexual imposta pela lógica heteronormativa, que dita o que é ou não é ação política nessas manifestações (CORRÊA, 2012). Muitos desses discursos,

estão fortificados por uma concepção transfóbica, que se sustenta no sentido de querer deslegitimar as inquietações que a exposição desses corpos provoca. Como observamos nos repertórios, a seguir:

A gente não pode chegar lá e tá, vamos supor, as travestis botar peito de fora, eu acho assim, mas eu também não peço no meu trio. Teve uma até, foi agora, ano passado, uma louca, que tem umas que são loucas né? [...] O que acontece?

[P] Tem tanta coisa.

[I] O que? Eu acho que quando bota peito, bota hormônio, acontece mais coisa.

[P] Eu só fico imaginado o que elas sofreram de violência pra estarem ali.

[I] Rapaz, tanta gente sofre de violência e não fica daquele jeito.

[P] Não sei se é a mesma, cada um reage de um jeito diferente.

[I] É... Mas não, parece que é da classe. Ai eu disse: Pode... Mas, por favor, não quero peito porque o trio da gente já é tão visado, a gente tá durante o dia na av. boa viagem, o povo já chega assim: “ó, tá nu...”. Se tivesse no carro alegórico, no Rio de Janeiro, o povo fica nua, debaixo dos edredons, na cama, e o povo fica tirando foto e pode... Mas a gente, a gente já tem que ir aquela coisa, vão olhar pra gente com outro olhar, então vamos direitinho, comportadinho. Pois a bicha foi, e foi com uma capa, tudinho... Quando eu vi, ela tava assim (Mostrando os seios). Ah, meu filho, passei por junto e disse: Se vista! Se vista! Não faça! É um peito bonito, eu se fosse travesti botava meu peito de fora, tava nem ai, mas eu acho que a parada, eu entendo hoje, pra gente não levar mais porrada do que já leva, da própria comunidade, sabe (*I. Entrevista D*, mar. 2015).

E as pessoas pararem de agredir também a sociedade, os homossexuais também parar, porque você ir pra parada só mostrar os peitos, só porque você botou dois quilos de silicone, em cada peito, dois litros né... Não quer dizer que vai lhe dar o direito por igual né, as suas reivindicações. Você tem que saber ter peito e saber reivindicar, não é só mostrar que você, mesmo sem o governo apoiar, a sociedade apoiar, você pode colocar dois litros de silicone em cada peito (*I. Entrevista E*, abr. 2015).

Nós temos uma parada gay que, necessariamente, nós deveríamos buscar mais os objetivos da Parada, que é: quebrar barreiras. E as pessoas, às vezes, se preocupam muito em chegar lá e depravar a situação, e ficar nu e mostrar o *piiii*, e eu acho que não é assim que a gente vai conseguir um espaço maior na sociedade, não é depravando. Assim como, qualquer outra classe, a gente tem que mostrar realmente lutando pelos valores morais, os preceitos, né (*I. Entrevista C*, mai. 2015).

Continuamente, encontramos o interlocutor da *Entrevista B*, que relatou realizar contribuições materiais quando acontecem as Paradas, mesmo não participando efetivamente: “Quando tem a passeata gay, que é sempre ali em Boa Viagem, mando fazer uma faixa, mando fazer alguma lembrança, mas eu não tenho contato, assim, direto, com nenhuma entidade não (mar. 2015) ”. E também, identificamos o discurso do interlocutor *E*, que acha importante o financiamento privado para a realização das Paradas, para não só depender das regras e orçamento dos órgãos públicos: “A parada ainda é uma coisa que é financiada pelo governo municipal e estadual, onde já deveria estar sendo financiada pelos empresários, como é hoje em São Paulo, 99% já é, já deveriam estar patrocinando, pra ter o nome dele, a logomarca, o produto, pra ficar uma coisa bonita (abr. 2015) ”.

Localizamos entre os repertórios, outras que criticaram a organização da Parada da Diversidade que, segundo a interlocutora *A*, aparenta não ter um planejamento prévio, parece ser algo improvisado, principalmente pelo grande investimento que é necessário para a realização da parada, como veremos a seguir:

Eu acho que precisa de organização na realidade, eu acho que assim, a galera... A parada gay mesmo, eu acho desorganizada. Eu acho que assim, um projeto... Pra eles é um projeto que tá lá faz muito tempo, mas quando chega pra gente, é quando vem e-mail... É que a gente não pode ser preparada pra uma coisa que a gente não sabe se vai acontecer, é inconstante, toda vez a parada gay tipo: vai acontecer? Não vai, porque não vai ser liberada a praia de boa viagem. Não vai ser liberado tal canto. Vai ser liberada. Vai trazer atração nacional, não vai?! tipo assim, a gente como casa pra eles é muito fácil, como uma vez o (Representante), eu até discuti com ele assim, debatendo, porque eu falei pra ele: Ó, você me fala assim, tipo em Junho, pra um negócio que é em Setembro, como é que você corre atrás de patrocínio, de parceria, não pode ser. Tudo bem que talvez não seja nem culpa deles, talvez eles recebam a liberação também em cima da hora, mas pra gente fica difícil, uma boate em si, é um investimento muito caro. A gente que é boate, eles acham que a gente tem que pagar 3 mil pelo piso e o orçamento extra que eles falam que é pra lanche de não sei de que, segurar a bandeira LGBT no trio... A gente que é boate, que trabalha a noite, que dá o movimento o ano todo, tem que pagar (esse valor). Isso é uma crítica que eu faço, que dificulta da gente abrilhantar mais ainda o evento (*I. Entrevista A*, mar. 2015).

Encontramos também, entre os repertórios disponíveis, aqueles que acreditam não ter sido algo positivo, para a Parada da Diversidade, ter saído da Avenida Conde da Boa Vista, centro do Recife, onde originalmente desfilava (SILVA, 2011), e ir para a Avenida Boa Viagem, litoral da capital pernambucana, “lugar nobre, de residência das pessoas de ‘classe A’” (CORRÊA, 2012, p. 104). Observar esses relatos, nas falas dos interlocutores *F* e *G*, sequencialmente:

Eu já cheguei, já articulei. Fui eu que fiz a primeira parada gay na Conde da Boa Vista. E esses dias a gente postou, João Paulo tava no primeiro ano como prefeito da cidade, e só teve um trio que eu banquei junto com a LIGA, que era ali no *Mustang*. A gente parou a parada gay ali e teve outro ano, e aí, quando foi pra Boa viagem, eu me afastei. Porque eu acho que parada tem que parar a cidade, num domingo. Eu acho que não virou parada gay, virou uma fechoação de frango, sou muito político em relação a isso. Se é pra parar a cidade, vamos parar a cidade. Não pode trio, a gente vai a pé, mas vamos parar. Foi muito bom os dois anos de Parada na Conde da boa vista, a gente parava Derby e Boa viagem de andar, pra Olinda ninguém andava, porque tava parada a cidade, porque foi a parada que os viados fizeram (*I. Entrevista F*, mar. 2015).

[E] O que você acha da Parada da Diversidade?

[JB] Eu acho muito boa, só acho que errou porque levou pra Boa Viagem, levou pra outro canto. Deveria deixar na Conde da Boa vista, porque eu vou lhe dizer uma coisa: a Boa vista é considerada, no mundo inteiro, como *piccadily*, um bairro de referência no Brasil. É um bairro reconhecido, porque a Boa vista é referência, tudo começa na boa vista. [...] Então, eu acharia que, de forma alguma, deveria ter tirado essa passeata, parada gay da Av. Conde da Boa Vista, porque é o local original dela. Nem que a prefeitura tivesse de conceder determinadas coisas, mas era pra permanecer na Conde, porque é mais original, mais ótimo (*I. P. Castelo Marron*, mar. 2015).

Sobre as nomeações utilizadas para dar sentido as opiniões de nossas interlocutoras acerca da realização das Paradas da Diversidade na cidade do Recife, as organizamos, na figura abaixo:





Figura 08: Sistematização das nomeações atribuídas ao tópico Parada da Diversidade.

Como observamos, grande parte de nossas interlocutoras afirmam ser **importante** a realização da Parada da Diversidade, por ser algo **impactante** na sociedade e pelo seu caráter **reivindicatório** dos **direitos** da população LGBT. Como também, pela **visibilidade** que essa população alcança, através dessa manifestação político-cultural, na **luta** por **respeito**, igualdade e **dignidade**.

Em contrapartida, encontramos aqueles que acreditam que esse caráter reivindicatório foi se transformando ao longo dos anos e, atualmente, a parada se caracteriza muito mais como um espaço para **fechação** -, performance que preza pelo exagero e extravagância, ou como diriam Peter Fry e Edward Macrae (1983, p. 101), “um tipo de *desmunhecação* proposital e escandalosa”, como estratégia de resistência às normatizações sociais -; e **exposição** dos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, do que um espaço para luta política. Outras relataram a livre expressão e exposição dos corpos como um aspecto negativo prevalecente nas paradas da diversidade, no sentido de imprimir uma visão **vulgarizada** e destoar o real sentido político do evento. Assim como, encontramos também aquelas que afirmaram que a manifestação era **desorganizada**, como se a mesma fosse feita sem um planejamento prévio e estivesse relegada ao improvisado.

As reflexões de Mónica Franch (2012, p. 74) traz afirmações importantes, nesse contexto, sobre as paradas da diversidade: “Até hoje, o movimento LGBT sabe articular, como talvez nenhum outro, as dimensões do prazer, do lazer e da festa com a reivindicação política, como pode ser observado nas inúmeras paradas do Orgulho LGBT pelo mundo afora, e também no Brasil”.



## *Ressaca*

### 4. RESSACA!

---

Momentos reflexivos à guisa de (in)conclusões.

Após curtir as músicas tocadas, dançar como se não houvesse amanhã e aproveitar empolgadamente a festa, chega o momento da **ressaca**. Aproveitaremos este, para deixar vir à tona os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas, o desânimo e a excitação, os afetos, encontros e desencontros, e tantas outras situações, sensações e sentimentos que afloraram durante os dois anos envolvidos nessa pesquisa.

Lembro bem, no início do curso de mestrado, que muitas pessoas elogiavam o tema de pesquisa, afirmando ser uma temática divertida e que se constituía uma ótima “justificativa” para se jogar nas noites recifenses, encontrei até mesmo quem se oferecesse para contribuir com a pesquisa e curtir as festas nos bares e boates estudados. Achava engraçado e preocupante ao mesmo tempo, pois tinha plena convicção de que não seria nada fácil.

As disciplinas cursadas, os encontros de formação, as reuniões com a equipe do GEMA, os momentos de orientação, os almoços no restaurante do “boi que ri” e as conversas em mesa de bar, todos esses momentos foram ótimas oportunidades de troca de conhecimento e de reflexões sobre os meus objetivos com este estudo. E realmente não foi fácil, vivenciava uma fase de dedicação aos estudos - disciplinas do mestrado e suas atividades, projetos de pesquisa, atividades complementares do núcleo etc -, e não sentia a *vibe positiva* em frequentar esses lugares, como o fazia antes. Acredito também que estava muito desmotivado pelo deslocamento que meu corpo negro, gordo, gay e periférico sentia em alguns desses espaços. Essas afetações, certamente, serão exploradas em outras pesquisas ou mesmo em outras produções sobre essa mesma pesquisa.

Como relatado anteriormente, a banca de qualificação e os diálogos com o orientador da pesquisa e as pessoas do GEMA, foram motivadores para o desenrolar dessa produção, favorecendo a definição do objeto e dos objetivos da pesquisa, das escolhas teórico-metodológicas e as etapas de execução, como a realização das entrevistas com as interlocutoras privilegiadas dos bares e boates GLS do centro da cidade do Recife, Pernambuco. Outro incentivo foi a mobilidade acadêmica feita em São Paulo, que “reacendeu” o desejo em jogar-se nas noites recifenses e circular pelos lugares estudados, vivenciando suas dinâmicas e interagindo com as pessoas.

E por falar nas noites recifenses, não poderia deixar de mencionar a riquíssima vivência por mim experimentada, nos bares e boates aqui estudados. Antes de despertar o interesse por essa temática, eu era bem mais frequentador de alguns desses espaços e já percebia neles o grande potencial em promover diversão e entretenimento para o público LGBT, como também, já problematizava a questão mercadológica que excluía alguns sujeitos, e percebia um recorte de classe, raça/etnia, gênero, geração e outros marcadores sociais no público consumidor desses lugares.

O aprofundamento nesse campo-tema, tornou essas questões bem mais acentuados e, buscar compreendê-las, a partir dos discursos das pessoas que promovem esses lugares, foi algo bem desafiador, por saber que existem ganhos, mas também, muitas perdas. Então, o que implicou entrevista-los? É um questionamento bem pertinente. Principalmente, pelo fato de ter de desprender-se e, até mesmo, negociar com alguns preconceitos em relação a esse mercado, e me permitir se sujar por entre esses lugares, percebendo como me posiciono, como sou posicionado e como viver a dinâmica deles, me afetou. Até então, poder afirmar que foi possível reconhecer o modo como a frequência, nos diferentes espaços, possibilitou refletir melhor sobre eles.

Diante disto, visualizo como essencial à escrita das (in)conclusões, tecer comentários em que relevem os aprendizados adquiridos com esse estudo, no que corresponde aos resultados e discussões empreendidos nessa pesquisa, que teve por *objetivo geral*: Analisar sentidos produzidos acerca dos acordos e tensões entre o mercado e sociabilidade voltados a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), tendo como referência as trajetórias de conformação recente dos espaços de consumo, lazer e sociabilidade que se definem como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), localizados no centro da cidade do Recife/Pernambuco.

Consideramos uma das mais forte e significativas marca desse estudo, a construção das narrativas históricas de conformação dos atuais espaços do centro da cidade do Recife/PE – *Boate MKB, Clube Metrôpole, Nosso Jeito Music, Castelo Marron, Confraria Ursos de Pernambuco, Conchittas Bar e Mix Pub* -, que permitirá às nossas leitoras, uma melhor compreensão de como esses estabelecimentos comerciais se consolidaram no circuito GLS da cidade, a partir dos anos 2000. Importante frisar que, apreender a constituição desses espaços, foi algo primordial para entendermos os diferentes aspectos que compõem a dinâmica de funcionamento, o público ao qual estes são destinados na atualidade e a diversidade de serviços e entretenimentos oferecidos. Assim como, nos permitiu dialogar por entre essas histórias e construir como se deu o surgimento desses lugares na conjuntura da cidade do Recife, contribuindo com os estudos envolvendo sexualidade, sociabilidade e mercado no Brasil. Vale salientar que a memória desses lugares é histórica, portanto, dinâmica, e pode mudar tanto pelo tempo, quanto por quem a conta e por quem se predispõe a visibilizá-la.

Acessar a narrativa dessas histórias também favoreceu o desenvolver das discussões acerca dos acordos e tensões estabelecidos entre mercado e sociabilidade voltados à população LGBT, outra marca bem forte dessa produção, em conformidade com os objetivos planejados. Analisar e compreender o contexto de produção dos repertórios linguísticos em relação aos temas - Lazer e Sociabilidade, Mercado e Agenciamentos políticos -, nos renderam ricas reflexões sobre os posicionamentos e negociações estabelecidas pelas interlocutoras privilegiadas que, atualmente, compõem o Mercado GLS da cidade e suas conexões com outras ações, instituições e sujeitos políticos presentificadas na realização das entrevistas.

Salientamos que este trabalho foi possível também, em virtude das interlocutoras privilegiadas dos espaços que, voluntariamente, aceitaram contribuir com a pesquisa e compartilhar suas memórias e posicionamentos políticos em relação às temáticas estudadas.

A respeito do tema *Lazer e Sociabilidade* tivemos acesso a uma gama de informações que foram organizadas por meio dos tópicos seguintes: 1) *Motivação*: verificamos nos repertórios que esses espaços, na conjuntura recifense, não só surgiram por questões econômicas, visando a lucratividade esperada pela população LGBT consumidora, mas também, em alguns casos, pelo envolvimento das interlocutoras com as causas políticas que envolvem esse público e o desejo de criar espaços em que pudessem vivenciar e expressar sua sexualidade; 2) *Público*: encontramos que esses espaços buscam atender uma diversidade, mesmo evidenciando a vivência dos gays, e em segundo plano, das lésbicas e simpatizantes (GLS) que fazem a festa nesses espaços. Assim como, visibilizamos uma provável resistência por parte das outras letras (“T” e “B”, travestis, transexuais e bissexuais respectivamente) que, em algumas situações, buscam seu reconhecimento nesses espaços; 3) *Práticas Sexuais*: localizamos apenas um espaço que oferece o *dark room* como atrativo para o público, e outro espaço que acredita não precisar de um lugar reservado, por todo o ambiente ser passível a essas práticas. Como também, aqueles que defendem expressivamente a não existência desse tipo de ambiente, por acreditarem que existem lugares apropriados para isso, e se posicionam contra a “vulgarização” dos espaços GLS.

Sobre o *Mercado*, localizamos, nos repertórios de nossas interlocutoras, informações acerca das *Resistências* enfrentadas na trajetória de conformação desses espaços, por parte dos familiares, amigos, vizinhança e outras instituições sociais, como também, enfatizamos o apoio familiar, relatado por boa parte das entrevistadas, como algo que favoreceu o não vivenciar dessas situações difíceis. Em *Localização*, verificamos a importância simbólica do bairro da boa vista, centro do Recife, pela histórica circulação da população LGBT. Com relação à *Concorrência*, identificamos uma expansão desses espaços na cidade do Recife e de festas alternativas, como também, a concorrência direta estabelecida entre as duas principais boates, e aqueles que preferiram não identificar utilizando-se da diversidade de opções de entretenimento oferecidos pelos outros espaços, como justificativa. Nos *Aspectos Positivos*, verificamos a concepção geral de que este é um público consumidor em potencial e, nos *Aspectos Negativos*, as situações de briga e discussões ocorridas pelo alto consumo de bebidas alcoólicas. Já em *Legislação*, identificamos algumas leis federais, citadas por nossas interlocutoras, que interferiram diretamente na dinâmica de funcionamento desses espaços.

E então, no tema dos *Agenciamentos políticos*, analisamos os repertórios acerca da relação dos espaços com o *Movimento LGBT* de Pernambuco e suas concepções em relação à *Parada da Diversidade*. Identificamos que boa parte desses espaços não fazem parte dessas organizações sociais e tecem algumas articulações em momentos específicos, principalmente no período de realização das Paradas. Sobre esta, alguns espaços relataram participarem efetivamente dessa

manifestação político-cultural; assim como, encontramos aqueles que disseram não mais participarem, por divergirem politicamente com o movimento social. Interessante perceber que, quando se fala na Parada da Diversidade, é quando se tornam mais visíveis as tensões provenientes da relação entre mercado e movimento, elas se tornam mais evidentes.

Referenciamos como importante para nosso estudo, pensar os três temas em análise como um tripé, em constante articulação, através das práticas discursivas e dos sentidos produzidos em conjunto com nossas interlocutoras; dessa forma, será possível compreender as narrativas de forma contextualizada. É preciso também, perceber os contrapontos entre as falas, não as levar tão literalmente porque, ao serem enunciadas, além de estarem conectadas a um contexto específico, existe a tendência em idealizá-las, talvez como uma estratégia de valorizar a trajetória do espaço.

Então, compreendemos que mesmo não tendo abordado os temas e seus tópicos na multiplicidade de sentidos de suas abrangências, pretendemos ter construído conhecimentos capazes de contribuir para a produção de informações e saberes, localizados e parciais, sobre a população LGBT, na interface com os estudos em sexualidade, sociabilidade e mercado, à luz das leituras feministas.

Com nossos resultados e discussões podemos traçar algumas reflexões importantes para os estudos em espaços de consumo, lazer e sociabilidade no Brasil. A primeira delas é em relação ao conceito de “gueto homossexual”, de influência norte-americana, designada para espaços que surgiram em localidades reconhecidas por ser moradia desse público, aproximando-se da noção de uma “comunidade homossexual”. No Brasil, por volta da década de 1970, esse conceito foi incorporado quando esses espaços, dedicados exclusivamente à vivência dos homens homossexuais, começam a surgir nas principais capitais do país, de acordo com Isadora Lins França (2006).

Portanto, afirmamos que, na conjuntura atual, esse conceito já não dá conta de dar sentido a esses lugares, como já nos apontou Isadora França (2006; 2007; 2012b) em seus estudos, por eles terem uma dinâmica diferenciada da que o gueto se propõe. A começar pelo fato desses espaços estarem localizados em regiões centrais, de grande circulação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, dentre outras identidades de gênero e orientação sexual, não em comunidades reconhecidas pela moradia desses sujeitos; como podemos verificar na realidade recifense em que esses espaços estão aglomerados no centro urbanos e, boa parte das pessoas frequentadoras, se deslocam para essa localização e desfrutarem das oportunidades de lazer noturno oferecidos nesses estabelecimentos.

Outro ponto significativo sobre o não uso desse conceito, é a diversidade do público frequentador, que além dos gays (em grande maioria) e lésbicas, encontramos pessoas bissexuais, travestis e transexuais (em menor quantidade e com pouca visibilidade nesses e por esses lugares), e também pessoas heterossexuais, que compõem a letra “S” da sigla GLS. É indispensável colocar em evidência que não é só o fator financeiro, o responsável pela exclusão de alguns sujeitos. Existe

um direcionamento do público nesses bares e boates, que abraçam umas pessoas, por se sentirem pertencentes a eles, e afastam outras, portanto, não é um lugar para todo mundo, mesmo estando abertos a quem puder pagar. As exclusões e demarcações reforçadas por esse mercado, em sua forma capitalista, acentua as diferenças sociais e os limites do acesso ao lazer e a sociabilidade.

Dessa forma, vemos que a festa não se dá no gueto, conforme questionamos no título dessa dissertação. Em nossa concepção, o que dá melhor sentido a essa festa, é o conceito de mercado GLS (SIMÕES; FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2006; 2007; 2012b), por também se tratar de um espaço de acolhimento, e terem uma importância política na vida dessas pessoas. E também, por afirmarem, junto a seu público, uma identidade sexual transgressora aos padrões sociais. Lógico que não se trata de um ato heroico, existem alguns benefícios, a exemplo da lucratividade, em alguns casos. Importante frisar que o uso desse conceito, não contribui para uma invisibilidade das diversas letras que compõem a sigla LGBT, trata-se, exclusivamente, de uma referência ligada ao mercado de consumo destinado a esse público.

A respeito desse mercado, este contribui na produção de modos de ser e existir, de se expressar e se exibir, entre tantas outras características e traços compartilhados entre os diferentes grupos e sujeitos que compõem a complexa e diversificada população LGBT, que buscam afirmar suas identidades e serem reconhecidos junto à sociedade, mesmo que através do consumo, como no caso específico, ocupando os espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelas ruas do centro do Recife, estabelecendo as aproximações e interações entre si e com os outros.

Cabe reforçar que outras formas de lazer e sociabilidade, em que a população LGBT seja reconhecida, são possíveis. Existem outras possibilidades de viver as sexualidades de forma legitimada socialmente. Então, questionar: Que outros lugares essas pessoas frequentam? Como elas agenciam a vivência de sua sexualidade? Qual o papel que esses lugares GLS desempenham em suas vidas? Qual o sentido que eles têm para elas? São algumas indagações interessantes para compreendermos o funcionamento do mercado de consumo em torno das sexualidades.

Finalizamos então, com algumas reflexões de Durval Muniz Albuquerque Júnior que, na conferência de abertura do Seminário “*Memória e Sexualidade: (Di) Versiones Político-culturais*” realizado em setembro de 2015 e promovido pelo GEMA/UFPE e outras instituições, afirmou ser importante a “construção da memória da vivência homoerótica, para expressar publicamente essas relações e não legitimar o silêncio, a não existência”. Continuou dizendo que essa ação se constitui uma expressão política e contribui para a construção da existência social dessa população: “A memória é fundamental para visibilizar outras formas e experiências afetivas e sexuais. É preciso construir essa memória para romper o silêncio e não legitimar a visibilidade da vivência heteronormativa privilegiada” (grifos meus).

## *Referências*

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Memoriais de formação a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação*. Revista Educação. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172. Maio/Ago. 2011.
- AGUIÃO, Silvia. “Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!” *Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca*. Revista Gênero, Niterói: v. 9, n. 1, p. 293-310, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 256 p; 2007.
- ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo; SPINK, Mary Jane. *Uso de repertórios linguísticos em pesquisas*. In: SPINK, Mary Jane; et. al. (Org.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein em Pesquisas Sociais, cap. 11, p. 229-246, 2014.
- ARAGAKI, Sérgio Seiji; et. al. *Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade*. In: SPINK, Mary Jane (org.) *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1ª edição, p. 57-72, 2014.
- BRAÚNA, Luiz Henrique. *Com Quais Cores se Pinta o Serviço Social? A contribuição do Serviço Social da UFPE para o estudo da problemática dos sujeitos LGBT, reflexões à formação profissional*. Recife: UFPE, 2013, 153p. Monografia – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. “Mas agora confessa...” *Notas sobre clubes de sexo masculinos*. Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana, n. 4, p. 127-156, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Dark room... cadê?!” *Reflexões sobre a (ausência de) “pegação” em boates GLS de Goiânia, Brasil*. IN.: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, p. 01-09, 2013.
- BRAZ, Camilo; FRANÇA, Matheus G; SILVA, Tanieli M. G. *Memórias, mercados, mulheres: um estudo sobre trabalho e gênero em locais GLS de Goiânia*. In: IV Seminário de Trabalho e Gênero - Protagonismo, ativismo, questões de gênero revisitadas, 2012, Goiânia. Anais do IV Seminário de Trabalho e Gênero - Protagonismo, ativismo, questões de gênero revisitadas. Goiânia: UFG, v. 1., 2012.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, v. 2, p.110-125, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.
- CARELLA, Túlio. *Orgia: os diários de Túlio Carella – Recife, 1960*. 1ª ed. São Paulo: Opera Prima, 2011.
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley. *Homossexualidades e consumo na cidade de São Paulo: estratégias de jovens homossexuais masculinos moradores da periferia*. Cadernos Cenpec| Nova série, v. 2, n. 2, 2012.
- CORRÊA, Tiago Matheus. *O governo carnavalizado ou o carnaval governado: política e estética no campo de ação da 9ª. parada da diversidade Pernambuco*. 2012, p. 134. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.



COSTA, Cícera Claudiane Holanda. *Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife*. Recife: UFPE, 2013. 135 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

DAVIES, Bronwin e HARRÉ, Rom. *Positioning – the discursive production of selves*. Journal for the Theory of Social Behaviour. Vol. 20, Edição 1, 44-63, 1990.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. 2008. “*Dark Room Aqui*”: *um ritual de escuridão e silêncio*”. Cadernos de Campo, 16, São Paulo, USP, 2008.

DUQUE, Tiago. *Sexualidade, Gênero e Abjeção: uma reflexão sobre direitos humanos e LGBTs no Brasil contemporâneo*. In: 4º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. Brasília: 2008.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas: Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. *Entre compassos e descompassos: um olhar para o campo e para a arena do movimento LGBT brasileiro*. Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 1, p. 131-158, 2009.

\_\_\_\_\_. *Visibilidade é legitimidade? O movimento social e a promoção da cidadania LGBT no Brasil*. In: Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, p. 179-197, 2011.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. *Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos*. cadernos pagu, v. 42, p. 99-140, 2014.

FLICK, Uwe. *Entrevistas semiestruturadas*. In: FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 21 ed., p. 07-19, 2011.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, n. 60, p. 104-115, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo*. Cadernos Pagu, v. 28, n. jan-jun, 2007.

\_\_\_\_\_. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro : EdUERJ, p. 282, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consumo*. Bagoas: Revista de Estudos Gays, n. 07, p. 223-252, 2012b.

\_\_\_\_\_. *"Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamento e homossexualidade entre Recife e São Paulo*. Sexualidad, Salud y Sociedad. Rio de Janeiro: Revista Latino Americana, n. 14, p. 13-39, 2013.

FRANCH, Mônica. *Juventudes coloridas: sociabilidade, consumo e subjetividade entre jovens LGBT em João Pessoa*. Latitude, v. 6, n. 1, p. 71-82, 2012.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.



GASPAR, Lúcia. *Avenida Conde da Boa Vista*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 27 de setembro de 2015.

GRANJA, Edna Mirtes dos Santos; MEDRADO, Benedito. *Entre crimes e castigos: matriz de (im) possibilidades na atenção integral aos homens autores de violência de gênero*. Recife: UFPE, 2008, 93 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n.5, p. 07-41, 1995.

IBÁÑEZ, Tomas García. *O “giro lingüístico”*. In: IÑIGUEZ, L. (Ed.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 19-49, 2004.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª edição. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº. 49, junho, 2002.

LOURO, Guacira L. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Rio Grande do Sul: Pro-Posições, v. 19, n.2 – p.17-23 – maio/ago, 2008.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. *Triangulação de pesquisadores como estratégia metodológica de pesquisa em saúde*. Desigualdades e Justiça Social: diferenças culturais & políticas de identidade. Belo Horizonte: [s.n.]. II v. p. 320, 2010.

MACHADO, Frederico V; PRADO, Marco Aurélio M. *Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros*. Interações, v. 10, n. 19, p. 35-62, 2005.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da Abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *“Quando o Campo é a Cidade –fazendo antropologia na metrópole”*. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

MARQUES FILHO, Adair; CAMARGO, Flávio P. *Identidade homossexual e homoerotismo em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu*. OPSIS, vol. 7, n. 8, p. 69-85, jan-jun, 2007.

MATOS, Aécio G. *A democracia e a organização social de base*. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; SATO, Leny (orgs.). *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Evangraf, p. 301-314, 2007.

MEDRADO, Benedito. *O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na Propaganda Televisiva Brasileira*. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Dissertação de Mestrado), São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_; LYRA, Jorge; et. al. *Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidade*. In: *O Pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

\_\_\_\_\_; SPINK, Mary Jane; MELLO, Ricardo P. *Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas*. In: *A produção de informação na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, ed. 1, p.273-294, 2014.

\_\_\_\_\_; LYRA, Jorge. *Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa*. In: LIANG, Charles Elias; et. al. *Metodologias: Pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas*. Maceió: EDUFAL, 01-41, 2015.

MÉLLO, Ricardo Pimentel; et. al. *Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social*. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007.

MESQUITA, Marina Leitão. *O amadrinhamento como forma de sociabilidade: uma análise antropológica de uma família drag queen*. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. 2011.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma análise da normalização*. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v.1, p.1-19, 2007.

NOGUEIRA, Conceição. *Contribuições do construcionismo social: a uma nova psicologia do gênero*. Cadernos de Pesquisa, n.112, p.137-154, março, 2001.

POTTER, Jonathan e WETHERELL, Margareth. *Discourse and social psychology: beyond attitudes and behaviour*. London: Sage Publications, 1987.

PRADO, Marco Aurélio M. *Psicologia política e ação coletiva*. Revista Psicologia Política - Sociedade Brasileira de Psicologia Política. 1(1): 149-172, jan-jun, 2001.

RIBEIRO, Milton. *Na Rua, na Praça, na Boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Belém: UFPA, 2012, 93 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – concentração em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2012.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres. Notas sobre a “Economia Política” do sexo*. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTANA, Roberta Valesca Mota. *Entre a regulação e a subversão: o assumir-se enquanto um paradoxo da identidade homossexual*. Recife: UFPE, 2014. 92 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SCHERER-WAREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.

SILVA, Anderson Vicente da. *Viver a dois é uma arte? Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina na Região Metropolitana*. Recife: UFPE, 2008. 162 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Sandro José. *Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970*. Recife: UFRPE, 2011. 214 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. *Do gueto ao mercado*. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 196 p; 2009.

SOARES, Jamilson Azevedo. *A juventude nos enredos da cidade, da cultura e do lazer: panis et circenses no ‘país de Mossoró’?*. Recife: UFPE, 2015. 260 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOLCI, Silvia M. *Os Direitos do Homem na Sociedade Atual*. Serviço Social em Revista. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, V. 2, N. 2, P.49-62, 1999.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. *Olhares que se cruzam, fronteiras que se erguem: A sociabilidade em Tambaú-João Pessoa/PB*. Recife: UFPE, 2006. 143 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SOUSA FILHO, Alípio de. *A política do conceito: subversiva ou conservadora? – crítica à essencialização do conceito de orientação sexual*. Rio Grande do Norte: Revista Bagoas, v.3, n. 4, p. 59-77, 2009.

SOUZA NETO, Epitácio Nunes de. *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife*. Recife: UFPE, 2009. 133 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SPINK, Mary J; MEDRADO, Benedito. *Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In Spink, M. J(org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, p.41-61, 1999a.

SPINK, Mary J; FREZZA, Rose Mary. *Práticas discursivas e produção de sentidos: A perspectiva da Psicologia*. In Spink, M. J. (org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, p.09-25, 1999b.

SPINK, Mary J; (Org). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica*. *Psico*. V.31, n.1, p. 7-22, jan/jul, 2000.

\_\_\_\_\_; MENEGON, V. M. *A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos*. In: Spink, M. J (org.) *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, São Paulo: Cortez, p. 63- 92, 2004.

\_\_\_\_\_; SPINK, Peter Kevin. *A psicologia social na atualidade*. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Ed.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 1ª ed, p. 565-585, 2007.

\_\_\_\_\_. *A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação*. In: SPINK, Mary Jane. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, cap. 2, p. 39-51, 2010.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A produção de informação na pesquisa social – compartilhando ferramentas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein em Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, Peter Kevin. *Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista*. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

VIANA, Normando José Queiroz. *É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*. Recife: UFPE, 2010. 105 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a Sexualidade*. In: LOURO, Guacira L. (Org.) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, v. 2, p. 24-61, 2000.

YOUNG, Íris Marion. *Las cinco caras de la opresión*. *La justicia y la política de la diferencia*. Madrid: Cátedra, pp. 71-113, 2000.





**Guia Gay Recife**

3ª edição (nov/14 - jan/15)  
4,5 mil exemplares

**Y**  
Guiya  
editora

Associada à  
**A B R A T**  
associação brasileira  
de turismo para gays,  
lésbicas e simpatizantes  
**GLS**

Supervisor Comercial: Welton Trindade  
Jornalista responsável: Márcio Claesen (Mtb 43.123)  
Designer: Cadu Veloso  
Ilustração: Vitor Piovani  
Tradução: Fabrício Freitas

Roteiro feito sob critérios jornalísticos.  
contato@guiagayrecife.com.br

**f** /guiagayrecife

Guia Gay Recife – Capa e informações editoriais.

Fonte: <http://www.issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide>.

**BARES/BARS**

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-size: small; margin: 0;">BOA VIAGEM</p> <p><b>1 Barraca do Pezão</b> Frutos do mar e público misto. <i>Seafood and mixed crowd.</i> ☺ Av. Boa Viagem, altura do nº 2.712 ☺ Sáb. e dom., 11h. <i>Sat and Sun 11AM.</i></p> <p><b>2 Castelo Marron</b> Happy hour e pequena pista em ambiente simples. <i>Happy hour and humble dancefloor.</i> ☺ R. do Giriquití, 29. ☺ Seg. a sáb., 13h à 0h. <i>Mon thru Sat 1PM to 12AM.</i></p> <p><b>3 Mustang Chopp</b> Frequência gay no fim da noite. Oferece pratos típicos. <i>Gay crowd at late nights. Local dishes available.</i> ☺ R. José de Alencar, 52. ☺ Seg. a sáb., 11h à 0h; dom., 12h às 23h. <i>Mon thru Sat 11AM to 12AM; Sun 12 PM to 11PM.</i></p> <p><b>4 Bar Central</b> À noite, artistas e universitários em lugar cheio de arte local. <i>Artists and college students and lots of local art at night.</i> ☺ R. Mamede Simões, 144. ☺ Seg. a sex., 12h às 2h; sáb., 18h às 2h. <i>Mon thru Fri 12PM to 2AM; Sat 6PM to 2AM.</i></p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-size: small; margin: 0;">SOLEDADE</p> <p><b>4 Conchittas Bar e Lanchonete</b> Mesas na calçada e música ao vivo. <i>Live music and tables by the sidewalk.</i> ☺ Av. Manuel Borba, 654. ☺ Ter. a qui., 18h à 1h; sex. e sáb., 18h às 6h. <i>Tue thru Thu, 6PM to 1AM; Fri and Sat 6PM to 6AM.</i></p> <p><b>5 Santo Bar</b> Mesas ao ar livre e pista com pinturas religiosas e irônicas. <i>Patio with tables and dance floor with ironic and religious paintings.</i> ☺ R. das Ninfas, 84. ☺ Qui., 19h às 3h; sex. e sáb., 20h às 3h; dom., 17h à 0h. <i>Thu, 7PM to 3AM; Fri and Sat 8PM to 3AM; Sun 5PM to 12AM.</i> ☺ Qui., gratuito até 21h e R\$ 10 entr. após; sex., R\$ 20 cons. até 21h, R\$ 10 entr. de 21h às 23h, R\$ 15 entr. após; sáb., R\$ 20 cons. até 21h e R\$ 15 entr. após; dom., R\$ 10 entr. <i>Thu free entr. up to 9PM and R\$ 10 entr. after; Fri R\$ 20 cons. up to 9PM, R\$ 10 entr. 9PM to 11PM, R\$ 15 entr. after; Sat R\$ 20 cons. up to 9PM, R\$ 15 entr. after; Sun R\$ 10 entr.</i></p>
--	--

Guia Gay Recife – Seção Bares.

Fonte: <http://www.issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide>.

CLUBES/CLUBS	
AFOGADOS	<p><b>.G (Ponto G)</b> Dois shows de axé, forró e brega. <i>Two Forró, Axé and Brega live shows.</i> 📍 Av. 21 de Abril, 955. 🕒 Dom., 17h. <i>Sun 5PM.</i> 💰 R\$ 15.</p>
BOA VIAGEM	<p><b>San Sebastian Recife</b> Ambiente moderno. Música pop e show de cantoras na sexta; música eletrônica no sábado. <i>Modern atmosphere. Female singers and Brazilian songs on Friday, electronic music on Saturday.</i> 📍 Rua Dez de Julho, 13. 🕒 Sex. e sáb., 23h. <i>Fri and Sat, 11PM.</i> 💰 R\$ 35.</p>
SOLEDADE	<p><b>8 Clube MetrÓpole</b> Vários ambientes, terraço amplo e duas pistas, uma brasileira e outra eletrônica. <i>Various environments, big terrace and two dancefloors; one for Brazilian music and the other for electronic music.</i> 📍 Av. Manoel Borba, 680. 🕒 Sex. e sáb., 22h. <i>Fri and Sat, 10PM.</i> 💰 R\$ 20 estudante e R\$ 25 (sex); R\$ 15 estudante, R\$ 30 entr. ou R\$ 40 cons. (sáb.). <i>R\$ 20 student and R\$ 25 (Fri); R\$ 15 student, R\$ 30 entr. or R\$ 40 cons. (Sat).</i></p>
SOLEDADE	<p><b>9 MKB</b> Ambiente popular com pistas de brega, MPB, flashback, dance e pagode. <i>Popular place with dancefloors: Brega, Brazilian pop, flashbacks, disco/dance and Pagode.</i> 📍 R. Corredor do Bispo, 160. 🕒 Sex. e Sáb., 22h; dom., 21h. <i>Fri and Sat, 10PM; Sun 9PM.</i> 💰 R\$ 10 até 0h e R\$ 20 (sex. e dom.); R\$ 20 (sáb.). <i>R\$ 10 up to 12AM and R\$ 20 (Fri and Sun); R\$ 20 (Sat).</i></p>
BOA VISTA	<p><b>10 Confraria dos Ursos</b> Duas pequenas pistas com realização de after. <i>The place for bear guys has two dance floors.</i> 📍 R. do Riachuelo, 704. 🕒 Sex. e sáb, 22h; dom., 5h às 12h. <i>Fri and Sat, 10PM; Sun, 5AM to 12PM.</i> 💰 R\$ 25 (sex. e sáb.) e R\$ 30 (dom.). <i>R\$ 25 (Fri and Sat) e R\$ 30 (Sun).</i></p>
RECIFE ANTIGO	<p><b>Moeda Eletrônica</b> Público jovem. Uma pista com house e pop e outra com funk e brega. <i>Young crowd. One pop and electronic music dancefloor and the other having funk and Brega songs.</i> 📍 R. Tomazina, 62. 🕒 Dom, 21h. <i>Sun 9PM.</i> 💰 Gratuito p/ mulher até 23h, R\$ 5 c/ flyer e R\$ 10 s/ flyer. <i>Free entrance for women up to 11PM; R\$ 5 (w/ flyer) and R\$ 10 (without flyer).</i></p>

Guia Gay Recife – Seção Clubes.

Fonte: <http://www.issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide>.

DOCES/CANDIES		RESTAURANTES/RESTAURANTS	
CAMPO GRANDE	<p><b>Appenini Sorvetes Gourmet</b> Sabores exclusivos feitos com tecnologia italiana. <i>Unique flavors and Italian technology.</i> 📍 Estrada de Belém, 947. 🕒 Ter. a qui. e dom., 14h às 22h; sex. e sáb, 14h às 23h. <i>Tue to Thu and Sun, 2PM to 10PM; Fri and Sat, 2PM to 11PM.</i></p>	PIHA	<p><b>Anjo Solto</b> Creperia com ambiente aconchegante e mesas ao ar livre. <i>Creperie with a cozy atmosphere and outdoor seating.</i> 📍 Av. Herculano Bandeira, 513. 🕒 Dom. a qui., 17h30; sex. e sáb. 18h. <i>Sun thru Thu 5:30PM; Fri and Sat, 6PM.</i></p>
BOA VIAGEM	<p><b>Layer</b> Onde você compra Anjo da Guarda, Biotwo e outras marcas. <i>Where you can buy the label Anjo da Guarda and others.</i> 📍 Av. Conselheiro Aguiar, 2.775, lj. 7. 🕒 Seg. a sex., 9h às 19h; sáb., 10h às 19h. <i>Mon thru Fri, 9AM to 7PM; Sat, 10AM to 7PM.</i></p>	RECIFE ANTIGO	<p><b>Sushi Digital</b> Público misto e música ao vivo na calçada. <i>Mixed crowd and live music by the sidewalk.</i> 📍 R. da Moeda, 122. 🕒 Dom. e ter. a qui, 18h à 0h; sex. e sáb., 18h às 3h. <i>Sun and Tue to Thu, 6PM to 12AM; Fri and Sat, 6PM to 3AM.</i></p>
BOA VISTA	<p><b>6 Corpo Santo</b> Peças em malha, algodão e linho. <i>Polyester, cotton and linen clothes.</i> 📍 R. José de Alencar, 139. 🕒 Seg. a sex., 10h às 19h; sáb., 9h às 15h. <i>Mon thru Fri, 10AM to 7PM; Sat, 9AM to 3PM.</i></p>	SOLEDADE	<p><b>7 Nosso Jeito Bar</b> Shows ao vivo, principalmente de brega. <i>Live shows, mainly Brega.</i> 📍 R. Bispo Cardoso Ayres, 65. 🕒 Sex. e sáb., 22h. <i>Fri and Sat 10PM.</i> 💰 R\$ 40 (sex.) e R\$ 20 (inteira, sáb.). <i>R\$ 40 (Fri); R\$ 20 (Sat).</i></p>
COMPRAS/SHOPPING		PARA ELAS/FOR LESBIANS	

Guia Gay Recife – Seção de Doces, Compras, Restaurantes e Para Elas.

Fonte: <http://www.issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide>.



## APÊNDICE I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO**

### **PROJETO DE PESQUISA**

**NO BAR, NA BOATE OU NA RUA, A GENTE EXISTE, RESISTE E LUTA!**

Produzindo memórias em espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT em Recife.

**LUIZ HENRIQUE BRAÚNA LOPES DE SOUZA**

**Orientador:** Prof. Dr. Benedito Medrado

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. A ideia é conversar sobre histórias/memórias de sua aproximação com esses espaços voltados à frequência da população LGBT. Contar como se interessou por esse negócio (local, período, proprietários e outras curiosidades).
  - 1.1. Na ideia inicial, era voltado para gays, lésbicas etc?
  - 1.2. Encontrou resistências com relação a familiares e amigos?
  - 1.3. E a vizinhança? Teve muitos problemas?
  - 1.4. Passou por alguma situação vexatória por conta do seu negócio?
2. Como foi a conformação do espaço? Quando se deu conta de que era um bar voltado para um público específico? Como foi assumir esse espaço junto com esse público?
  - 2.1. Como era o funcionamento inicialmente?
  - 2.2. O nome, de onde veio a ideia?
  - 2.3. Existe desde?
3. Quando fundou, sabia de existência de outros lugares com essa proposta de atrair a população LGBT? Quais? Como funcionavam?
4. Hoje em dia, como funciona?
  - 4.1. Qual o público frequentador?
  - 4.2. Consegue identificar algum recorte de classe específico dos frequentadores?
  - 4.3. Quais ambientes e atrações são oferecidas?
5. Hoje, voltado para a população LGBT, quais são esses lugares em Recife?
6. E sobre concorrência? Quem você identifica?
7. As festas que tem o maior público, quais são?
8. Sobre o Movimento LGBT de Pernambuco, tem alguma relação?
9. O que pensa da Parada da Diversidade? Participa?
10. Para terminar... Como você vê seu futuro?



# Apêndices



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia

APÊNDICE II

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa “*NO BAR, NA BOATE OU NA RUA, A GENTE EXISTE, RESISTE E LUTA! Produzindo memórias em espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT em Recife*”, sob a responsabilidade do pesquisador Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza e orientada pelo Prof. Dr. Benedito Medrado. **Objetivos da pesquisa.** Este projeto visa produzir memórias sobre a conformação de espaços de consumo, lazer e sociabilidade LGBT em Recife, Pernambuco. **Tipo de participação.** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. **Riscos.** Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Mas, se por ventura, nas entrevistas algum desconforto moral/emocional ocorrer ou for pelo(a) Sr(a) revelado, serás orientado pelo pesquisador sobre serviço adequado à sua necessidade. **Benefícios.** Se o(a) Sr(a) aceitar participar, estarás contribuindo para o desenvolvimento do campo de estudos sobre direitos sexuais, bem como, contribuindo para a valorizando de ações políticas em favor da promoção da livre expressão da sexualidade, em nossa cultura. **Desistência.** Se depois de consentir em sua participação, o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. **Sigilo.** Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. **Contato e armazenamento.** Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com o pesquisador Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza e Prof. Dr. Benedito Medrado. Endereço: Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades/GEMA - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 7º andar, Cidade Universitária. Recife/PE - Telefones p/contato: 2126.8270 (E-mail: [luiz\\_brauna@hotmail.com](mailto:luiz_brauna@hotmail.com)/ [beneditomedrado@gmail.com](mailto:beneditomedrado@gmail.com)). O material produzido durante a pesquisa será armazenado (por 5 anos) neste endereço e o responsável será o Prof. Benedito Medrado. **Comitê de ética.** O/a Sr(a) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, para dúvidas quanto aos aspectos éticos (Avenida da Engenharia s/n - 1º Andar, Sala 4, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: 2126 8588 - e-mail: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br)).

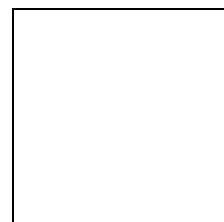
### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ser remunerado e que posso desistir quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Impressão do dedo polegar



Caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do Pesquisador*

\_\_\_\_\_  
*Testemunha 1*

\_\_\_\_\_  
*Testemunha 2*